



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO ACADÊMICO EM ARTES**

ANA BEATRIZ MACEDO BENITEZ

**LINHAS EMARANHADAS, RETALHOS E FRAGMENTOS DESCONEXOS:
PROCESSOS CRIATIVOS EM ARTES VISUAIS QUE, A PARTIR DO ENCONTRO,
PERMEIAM BARES, AVENIDAS E CASA**

FORTALEZA

2024

ANA BEATRIZ MACEDO BENITEZ

LINHAS EMARANHADAS, RETALHOS E FRAGMENTOS DESCONEXOS:
PROCESSOS CRIATIVOS EM ARTES VISUAIS QUE, A PARTIR DO ENCONTRO,
PERMEIAM BARES, AVENIDAS E CASA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.
Área de concentração: Poéticas de Criação e Pensamento em Artes.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Carolina da Rocha Mundim.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B415l Benitez, Ana Beatriz Macedo.

Linha emaranhadas, retalhos e fragmentos desconexos : processos criativos em artes visuais que, a partir do encontro, permeiam bares, avenidas e casa / Ana Beatriz Macedo Benitez. - 2024.

123 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Mestrado Profissional em Artes, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Ana Carolina da Rocha Mundim.

1. Boemia. 2. Fragmentos desconexos. 3. Oralidade. 4. Criação em artes visuais. 5. Suspensão. I. Título.

CDD 700

ANA BEATRIZ MACEDO BENITEZ

LINHAS EMARANHADAS, RETALHOS E FRAGMENTOS DESCONEXOS:
PROCESSOS CRIATIVOS EM ARTES VISUAIS QUE, A PARTIR DO ENCONTRO,
PERMEIAM BARES, AVENIDAS E CASA

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Artes, Instituto de
Cultura e Arte, da Universidade Federal
do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Artes.
Área de concentração: Poéticas de
Criação e Pensamento em Artes.

Aprovada em: 24/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Ana Carolina da Rocha Mundim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Deisimer Goczervski
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Sylvia Beatriz Furtado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha amiga Beliza Guedes,
que recebas as flores em vida.

AGRADECIMENTOS

Existem algumas diferentes regiões na nossa coluna vertebral: sacro-cóccix, lombar, torácico, cervical.

O sacro-cóccix desempenha funções como ficar de pé, caminhar e sentar. Coloco nessa categoria a parte da minha família que me ajudou na minha criação e me deu a base essencial para aprender a ficar de pé e caminhar sozinha: minha mãe, Sandra; minha irmã, Lara Gabriela; meu avô, Durval e meu pai, Alfonso.

A lombar serve para apoiar a parte superior do corpo, suportar, distribuir peso, proporcionar força e ajudar a manter o equilíbrio. Coloco aqui, sem titubear, as minhas amigas, aquelas a quem chamo de irmãs: Amanda, Déborah, Mariana, Raissa e Sarah. Sinto que é exatamente esse o papel que elas desempenham na minha vida.

A região torácica abriga nossos pulmões, responsáveis pela nossa respiração, elemento importantíssimo para que eu me mantenha centrada. Por vezes, esqueço de respirar e o caos se instaura dentro de minha cabeça; quem me acalma e me ajuda a manter a respiração com profundidade é a minha avó. Escrevo essa dissertação com um porta-retrato dela em minha escrivaninha. Voinha Margarida virou minha guia espiritual e sei que com ela sempre poderei contar.

A região cervical é responsável pela mobilidade do pescoço, também por guardar nervos que se estendem do cérebro até o corpo - e essa parte eu vou deixar reservada para mim mesma, para a minha cabeça que me rege.

Posso afirmar que essa coluna vertebral afetiva é a base para qualquer coisa que eu fizer na minha vida. Depois de demonstrar gratidão pelos que fazem parte da minha essência, apresento os agradecimentos para quem contribui mais diretamente com essa pesquisa.

Agradeço profundamente ao meu amigo Pedro Ernesto. Ele foi o responsável por me apresentar a todo o universo tratado nessa pesquisa (o choro, a musicalidade, os bares e boa parte do que eu entendo por boêmia atualmente). Graças a ele, conheci Beliza Guedes e Macaúba do Bandolim. Sem ele, essa pesquisa não existiria.

À minha orientadora Ana Mundim que acompanhou o meu caminhar no PPGArtes e soube me conduzir nos obstáculos que se apresentaram no meio desse processo.

Às boas surpresas no meu processo de pesquisa: Deisimer que me acolheu como estagiária na cadeira de “Metodologia de Pesquisa em Artes”, me mostrando um caminho mais leve para a escrita acadêmica e ampliando o meu desejo de seguir na docência; à família Guedes que sempre me recebeu de braços abertos; ao Macaúba do Bandolim que esteve presente como um grande amigo ao longo dos caminhares desse trajeto; ao Alysson que me apresentou referências; à Sol Fernandes e seu filho Ladislau, meus grandes amigos que, em um gesto de carinho, possibilitaram a revisão deste trabalho; aos colegas da turma de 2022 do PPGArtes que sempre me inundaram de referências e caminhos possíveis para a concretização dessa escrita; à minha família de santo da casa Ilê Orié Ossun Ybá, um presente que me foi dado e que me ajudou em diversas áreas da minha vida (o meu caminhar acadêmico se inclui).

Agradeço à minha grande amiga Beliza Guedes por ser a principal ferramenta dessa pesquisa, sendo inspiração no fazer artístico, acadêmico e na vida.

Principalmente, agradeço a Oxalá, à minha mãe Oxum, ao meu pai Oxóssi e a todos os meus Exús, Pombo Giras, Ciganos, Malandros, Mestres, Caboclos, Erês e Pretos-Velhos. Pois são eles que guarneceram (e guarnecem) todo o meu caminhar.

RESUMO

O ponto de partida para essa pesquisa são as vivências compartilhadas com Beliza Guedes (72, produtora cultural, bordadeira, arte educadora) ao longo dos anos de 2019 e 2024. A partir de leituras em Kastrup (2007), entende-se que os encontros antes de 2022 (início da pesquisa) já faziam parte de uma produção de dados, ainda que de forma virtual, assumindo que a virtualidade é atualizada a partir de algo que já estava lá; são fragmentos, inicialmente desconexos, que foram lançados para a minha memória e vieram a construir este trabalho. Debruço-me em três aspectos desse encontro: os bares (onde acontecem grande parte dos nossos encontros e são cenários para que a bordadeira possa intercambiar suas experiências através da oralidade), o trajeto (o caminho que eu faço entre a minha casa, na Aldeota, e a casa dela, na Iparana; me despertando inquietudes referentes à cidade e ao meu próprio processo de desterritorialização) e a casa (onde a Beliza artista se faz presente através de seus bordados e podemos passear por seu ateliê). Esses três aspectos são disparadores artísticos para obras que vão se construindo ao longo da escrita, criações elaboradas a partir de uma vivência continuada.

Palavras-chave: boemia; fragmentos desconexos; oralidade; criação em artes visuais; suspensão.

ABSTRACT

The starting point for this research is the shared experiences with Beliza Guedes (72, cultural producer, embroiderer, art educator) between 2019 and 2024. Drawing on Kastrup's (2007) readings, it is understood that the encounters prior to 2022 (the beginning of the research) were already part of data production, even if in a virtual form, assuming that virtuality is updated from something that was already there. These are fragments, initially disconnected, that were cast into my memory and came together to build this work. I focus on three aspects of this encounter: the bars (where most of our meetings take place, serving as spaces for the embroiderer to exchange her experiences through orality), the route (the path I take between my house in Aldeota and hers in Iparana, awakening reflections on the city and my own process of deterritorialization), and the house (where Beliza, the artist, manifests herself through her embroideries, allowing us to explore her atelier). These three aspects serve as artistic triggers for works that take shape throughout the writing process, creations developed through continuous lived experience.

Keywords: bohemia; disconnected fragments; orality; creation in visual arts; suspension.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bom Bocado. Fotografia digital criada a partir de técnicas de sobreposição de longa exposição	30
Figura 2 – <i>Qr Code</i> da música Doce de coco	30
Figura 3 – Bar do Seu Chico	38
Figura 4 – Mapa da cidade de Fortaleza com desenho digital	48
Figura 5 – Ponto, linha, linhas - traçar um novo mapa. Fotografia com desenho digital - Caucaia, 2023	49
Figura 6 – <i>Qr Code</i> (Áudio de Beliza Guedes, 2022)	49
Figura 7 – Bar do Zé Bezerra, pertencente à série Cartões Postais. Fotografia digital - Fortaleza, 2024	53
Figura 8 – Bar do Seu Chico, pertencente à série Cartões Postais. Fotografia digital - Caucaia, 2023	54
Figura 9 – Boteco do Arlindo, pertencente à série Cartões Postais. Fotografia digital - Fortaleza, 2024	55
Figura 10 – Largo do Mincharia, pertencente à série Cartões Postais. Fotografia digital - Fortaleza, 2024	56
Figura 11 – Bodega dos Pinhões, pertencente à série Cartões Postais. Fotografia digital - Fortaleza, 2023	57
Figura 12 – Um brinde ao Bom Bocado. Projeto de instalação a partir da fotografia digital, 2024	59
Figura 13 – Ponto, linha, linhas - traçar um novo mapa. Projeto de instalação, 2024. Rotação para melhor visualização da figura	60
Figura 14 – Montagem digital com manchetes de jornais de crimes cometidos no bairro Aldeota	64
Figura 15 – Mapa de bairros de Fortaleza com intervenção de desenho digital ...	65
Figura 16 – Fachada do prédio, portão para entrada de pedestres	66
Figura 17 – Fachada da casa de Beliza Guedes e Macaúba do Bandolim	68
Figura 18 – Rota percorrida	69
Figura 19 – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital	75

Figura 20 – Marina Park Hotel, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital	75
Figura 21 – Proximidades da Estátua da Santa Edwiges, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital	76
Figura 22 – Praia da Leste, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital	76
Figura 23 – Areninha do Pirambu, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia, 2023. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023	77
Figura 24 – Ponte sobre o Rio Ceará, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital	77
Figura 25 – Vista da Ponte Sobre o Rio Ceará, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital	78
Figura 26 – Praça da Iparana ao chegar, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital	78
Figura 27 – Ruas de Iparana, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital	79
Figura 28 – Praça da Iparana ao sair, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital	80
Figura 29 – Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer. Políptico, 2023 criado digitalmente	81
Figura 30 – A mesa no quintal da casa de Beliza e Macaúba. Frame de vídeo, 2019	85
Figura 31 – Pedaco de matéria de um jornal dos anos 90. Fotografia digital, 2024	86

Figura 32 – Parede da casa dos mestres, 2024. Fotografia digital	88
Figura 33 – Depois do almoço na casa dos mestres, 2023. Fotografia digital	89
Figura 34 – Colcha de bordados. Fotografia digital, Caucaia, 2022	91
Figura 35 – Colcha de bordados. Fotografia digital, Caucaia, 2022	92
Figura 36 – Detalhe de colcha de bordados. Fotografia digital, Caucaia, 2022	92
Figura 37 – Bonecas por ateliê criativo Maria Vem Com As Outras. Fotografia digital, Caucaia, 2022	93
Figura 38 – Bordados musicais por Beliza. Fotografia digital, Caucaia, 2022	94
Figura 39 – Bonequinha bordada por Beliza. Fotografia digital, Caucaia, 2022 ...	95
Figura 40 – Beliza segurando seu pano bordado. Fotografia digital, Caucaia, 2022	96
Figura 41 – Bonequinha bordada por Beliza. Fotografia digital, Caucaia, 2023	96
Figura 42 – Caracóis bordados por Beliza. Fotografia digital, Caucaia, 2022	97
Figura 43 – Bordado de Beliza sobre tecido estampado. Fotografia digital, Caucaia, 2022	98
Figura 44 – Detalhe do bordado de Beliza sobre tecido estampado. Fotografia digital, Caucaia, 2022	98
Figura 45 – Bordado de Beliza sobre camisa branca. Fotografia digital, Caucaia, 2022	99
Figura 46 – Bordado de Beliza sobre estampa de chita em assento de uma cadeira. Fotografia digital, Caucaia, 2024	100
Figura 47 – Escritos em caderno de criação. Fotografia digital, Fortaleza, 2023...	102
Figura 48 – Em busca de uma estética boêmia. Fotografia digital. Fortaleza, 2024	102
Figura 49 – Em busca de uma estética boêmia. Fotografia digital, Fortaleza, 2022	103
Figura 50 – Em busca de uma estética boêmia. Fotografia digital, Fortaleza, 2023	104
Figura 51 – Macaúba do Bandolim faz 80 anos. Fotografia digital, Fortaleza, 2023	104
Figura 52 – Espetáculo - Macaúba: peito, corda e coração. Fotografia digital, Fortaleza, 2023	105
Figura 53 – Quem disse que sentar e beber não é pesquisar? Fotografia digital, Caucaia, 2023	106

Figura 54 – Quem disse que sentar e beber não é pesquisar? Fotografia digital, Caucaia, 2024	107
Figura 55 – Beliza e o bandolim. Fotografia digital, Caucaia, 2021	107
Figura 56 – Escritos em caderno de criação. Fotografia digital, Fortaleza, 2023 ..	108
Figura 57 – Macaúba me esperando na porta de casa em Iparana. Fotografia digital, Fortaleza, 2023	108
Figura 58 – Detalhes da casa de Beliza e Macaúba. Fotografias em montagem digital. Caucaia, 2021-2024	109
Figura 59 – Instrumentos na roda de choro. Fotografia digital, Fortaleza, 2023 ...	110
Figura 60 – Belzinha me manda um beijo. Fotografia digital, Fortaleza, 2023	110
Figura 61 – O dia que apresentei minha pesquisa para os graduandos durante o estágio de iniciação à docência. Eu tinha acabado de mudar o tema de pesquisa e não tinha ideia do que eu estava fazendo. Fotografia digital, Fortaleza, 2023	111
Figura 62 – Quando me dei conta, estava de frente para a escrita. Fotografia digital, Fortaleza, 2024	112
Figura 63 – Valeu por você existir, amiga. Fotografia digital, Fortaleza, 2023	113

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ANTES DO ENCONTRO, O ESQUENTA	22
3	PONTOS DE ENCONTRO	25
3.1	Nossos primeiros encontros	25
3.2	Oralidade boêmia	31
3.3	Nossos bares	35
3.3.1	<i>Bar do Caca e Bar do Seu Chico</i>	36
3.3.2	<i>Zé Bezerra</i>	39
3.3.3	<i>Largo do Mincharia e Bodega dos Pinhões</i>	41
3.3.4	<i>Boteco do Arlindo</i>	42
3.3.5	<i>Chiquinho Drinks</i>	44
3.4	Mapa	47
3.5	Cartões postais afetivos	51
3.6	Remapeamento – um projeto de Instalação entre oralidade e boemia .	58
4	LINHA DE TRAJETO	61
4.1	Aldeota e Iparana	62
4.1.1	<i>Aldeota</i>	63
4.1.2	<i>Iparana</i>	66
4.2	Algumas informações sobre o percurso	68
4.3	Encadeamento	72
4.4	Encadeamento em panorama – políptico	81
5	CASA	82
5.1	A chegada	82
5.1.1	<i>Casa em devir-bar</i>.....	82
5.1.2	<i>Casa em devir-museu</i>	85
5.2	Produções artísticas em bordado – por Beliza Guedes	89
5.2.1	<i>"Insistente" social</i>	90
5.2.2	<i>Quase criança</i>	94
5.2.3	<i>Criações em outras formas</i>	97
6	RETALHOS – DADOS DE PESQUISA	101
7	CONCLUSÃO	114

REFERÊNCIAS	118
--------------------------	------------

1 INTRODUÇÃO

Ingressei no Programa de Pós-Graduação em Artes em 2022 com a pesquisa intitulada "*Tsunami* em Fortaleza - a ficcionalização do real na fotografia". Nela, eu buscava um processo criativo que ficcionalizaria a chegada de um *tsunâmi*, em Fortaleza, através da linguagem fotográfica, alegando que esta tragédia não teria consequências tão distantes das que sofre a cidade, decorrentes de seus movimentos opressores. Apesar de ter um projeto de pesquisa pré-concebido, ainda me mantive em abertura para as mudanças que pudessem ocorrer. Ao iniciar um projeto de pesquisa, o que se tem são pistas de como percorrer esse caminho, mas pistas são incapazes de defini-los, apenas apontam possibilidades. Então, iniciei meu processo de rastreio, uma varredura do campo de pesquisa¹, como afirma Kastrup (2007) ao tratar de uma das variedades da atenção do cartógrafo. Ou seja, não houve uma postura de busca por informação, mas signos de processualidade.

Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde. Para o cartógrafo o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo (Kastrup, 2007, p. 19).

Iniciei leituras que pudessem me ajudar a localizar algumas pistas de como trilhar a execução desse projeto, mas ainda sem saber exatamente como e por onde exatamente seguir. Estive aberta às surpresas e às mudanças que porventura poderiam acometer-me.

Dubois (1993), em "O ato fotográfico" traz inquietações acerca da fotografia como transformação do real, afirma que o valor de documento e representação exata da fotografia podem ser insuficientes, e, portanto, considera que ela é uma interpretação do real. Visto isso, a ficção tem o poder de alcançar e ultrapassar a realidade dentro da artificialidade da representação. Vi essa leitura como um possível caminho para implicar ficções dentro da linguagem fotográfica.

Por ter tido passagem pelo teatro nos anos anteriores, vi em "O teatro do absurdo" (2008), de Esslin (1919/2002), uma possibilidade de replicar algumas de

¹ Kastrup (2007) em "Funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo" se refere constantemente ao campo de pesquisa. Aqui, trata-se de uma pesquisa rizomática, portanto, para este trabalho, os campos de pesquisa são, na verdade, o que Deleuze e Guattari (1995) entendem por mapas: "[...] os mapas são abertos, conectáveis em todas as suas dimensões, desmontáveis, reversíveis, suscetíveis de receber modificações constantemente. Pode-se riscar, desconectar todas as dimensões, prolongá-las, modificá-las, reconstituir sobre elas uma outra cartografia" (p. 20).

suas contribuições para a linguagem fotográfica, onde o absurdo, enquanto exacerbação da realidade, tem o poder de comunicar ao público a sensação de perplexidade que o autor sente frente a determinadas condições humanas.

Em o "Anti-Édipo" (1972), de Deleuze (1925/1995), vi no conceito de "Corpo sem órgãos" - um estado de potência criativa e desestruturação, permitindo formas de subjetividade para além das limitações orgânicas - não uma possibilidade, mas uma curiosidade em saber como este poderia ser proveitoso para a execução do projeto. A verdade, é que, apesar de toda a curiosidade que me permeou na época, eu nem sei se de fato entendi a leitura.

Passei por Rios (2014) em "Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração de 1932", pensando que de alguma forma o *tsunâmi* ficcionalizado poderia ter algum tipo de relação com esse obscuro passado da cidade. Pensando nisso, vi um potencial de pesquisa na comunidade do Pirambu, primeira favela da cidade que surgiu a partir do campo de concentração do Urubu. Pensei nessa relação entre maremoto, litoral, comunidade.

E por algum motivo, no meio de todas essas buscas, eu tinha uma ânsia grande de tornar Beliza Guedes parte da minha pesquisa. O seu esposo, Macaúba do Bandolim já morou no Pirambu por décadas, e na verdade, até aqui, essa era a única relação que ela poderia ter tido com essa pesquisa.

Ainda em Kastrup (2007), percebo que me aproximo de uma percepção háptica, "[...] formada por movimentos de exploração do campo perceptível tátil, que visam construir um conhecimento dos objetos" (Kastrup, 2007, p. 19); um bloco que envolve construções a partir de fragmentos sequenciais. "Como uma antena parabólica, a atenção do cartógrafo realiza uma exploração assistemática do terreno, com movimentos mais ou menos aleatórios de passe e repasse, sem grande preocupação com possíveis redundâncias" (Kastrup, 2007, p. 20). E assim eu me portava, com uma pesquisa que já não parecia fazer muito sentido e colecionava fragmentos, objetos de uma futura pesquisa que viria a se formar - esses fragmentos e objetos são os encontros com Beliza até então, mais ou menos aleatórios. Aqui, não há um dualismo entre sujeito-objeto; mas componentes que se conectam lado-a-lado.

Foi então que busquei em Kastrup com "Funcionamento da atenção no Trabalho do cartógrafo" (2007) e em Rolnik com "Cartografia sentimental" (2006)

alguma bibliografia que pudesse contemplar a afetação causada por meus amigos em meio a tsunamis, absurdos e conceitualizações fotográficas.

E então caminho para a próxima variedade da atenção², o toque, onde a atenção é capturada de modo involuntário, ainda que não se saiba do que se trata. O nível das sensações é acionado e não no nível das percepções ou representações de objetos.

O toque pode levar tempo para acontecer e pode ter diferentes graus de intensidade. Sua importância no desenvolvimento de uma pesquisa de campo revela que esta possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado (Kastrup, 2007, p. 19).

Foi então que fui cada vez mais percebendo que eu teria que inventar um novo universo de pesquisa, ainda que eu não soubesse muito bem do que o projeto viria a ser. Fui aos poucos entendendo que não era sobre contemplá-la em meio às minhas referências bibliográficas, mas torná-la o ponto principal da pesquisa e também, a principal referência a partir de um encontro de saberes que se fez através da oralidade.

É engraçado colocar todo esse processo dentro de uma perspectiva linear. A verdade é que só foi possível concretizar esse entendimento depois de anos, pois enquanto fragmentos e sensações começavam a tomar conta do meu processo cartográfico, tudo parecia desconexo e fragmentado, sem possibilidade de chegar em canto algum.

Então, acessei a próxima variedade atencional, o *pouso*, onde a percepção faz uma parada e a área cartográfica se fecha. Entendi que meu trabalho teria que ser sobre (e com) Beliza Guedes. E então fui excluindo a pesquisa inicial e verificando as possibilidades que o novo poderia ter: os bares, o bordado, a sua história, o *Macaubar*³, etarismo?

Neste momento acesso o *reconhecimento atento* e aqui, vale uma atenção especial para a seguinte citação: "Não se trata de se deslocar numa cidade conhecida, mas de produzir conhecimento ao longo de um percurso de pesquisa, o que envolve a atenção e, com ela, a própria criação do território de observação" (p. 20). Eu posso afirmar que o conhecimento dessa pesquisa (e para essa pesquisa) foi se desenrolando não só a partir das vivências que iam acontecendo com Beliza, como a partir das vivências que já tinham acontecido e voltavam para a memória do

² Ainda em Kastrup (2007).

³ *Macaubar*, bar que existiu em *Iparana* nos anos 90. Beliza Guedes e Macaúba do Bandolim eram sócios desse bar.

meu inconsciente (sobre isso, falarei com mais propriedade ao narrar os nossos primeiros encontros). Compartilharei um texto avulso e pessoal que escrevi em fevereiro de 2023, quando eu acabara de mudar de projeto de pesquisa de mestrado:

Eu ainda não sei qual o recorte da minha pesquisa exatamente. Vejo em Bel uma infinitude de possibilidades dada a sua grandeza. Hoje, lendo Cartografia Sentimental me deparo com a seguinte passagem: “Insistem em afirmar que não adotam programa algum, que não levam nenhuma verdade no bolso ou nas mãos. Querem ter as mãos livres para acolher o devir, para poder efetua-lo, devorando, para isso, tudo a que têm direito” (Rolnik, 2006, p. 150). É exatamente assim que vejo como será o caminhar da minha pesquisa. (Diário pessoal da autora)⁴

E então, à medida que eu ia vivenciando momentos com Beliza, ia também utilizando as produções de dados dessas vivências como disparadores de criação artística.

A obra desenvolve-se ao mesmo tempo em que é executada. Tratando-se de um processo contínuo, a possibilidade de variação é permanente; assim, a precisão absoluta é impossível. A obra está em estado de permanente mutação, refazendo-se ou talvez fazendo-se, já que cada versão é uma possível obra. É a criação sempre em processo (Salles, 2007, p. 131).

No caso, aqui não se refere somente a uma obra, mas a várias obras que são criadas a partir das inquietações que vão surgindo ao longo do desenvolvimento do texto. Enquanto durar esta pesquisa, o fazer arte também estará em processo, assim como a própria escrita que já passeou por vários universos descontextualizados (mas não desses que parecem fragmentados e se conectam futuramente, mas desses ditos dispersivos). Para Didi-Huberman: “[...] obras não têm rabo nem cabeça. Dífceis por isso de enquadrar: elas não estão fechadas nos limites de um começo (a cabeça) e de um fim (o rabo)” (Didi-Huberman, 2013, p. 8). Para não haver dúvidas, ressalto que o meu processo de pesquisa/escrita e criação se faz a partir de uma vivência continuada.

A partir de Deleuze e Guattari (1995), entendo que *rizoma* é um conceito que acompanha o processo dessa pesquisa e escrita, um mapa que envolve um processo dinâmico de criação e experimentação, longe de qualquer modelo gerativo, ou seja, não segue uma estrutura pré-estabelecida. A verdade é que, por mais que eu tente linearizar a minha pesquisa para compreensão do(a) leitor(a), os pontos de partida não são bem definidos. O ponto de partida pode ser a minha pesquisa do

⁴ Anotações feitas em 2022 em um caderno de processo criativo.

tsunâmi, pode ser o momento que eu conheci a Beliza, ou o momento que eu conheci o *chorinho*, ou talvez as primeiras vezes que utilizei técnicas de longa-exposição. É difícil definir: no rizoma, são muitas as possibilidades.

De acordo com Barreto, Carrieri e Romagnoli (2020) isso implica que num olhar rizomático o pesquisador deve estar aberto ao inesperado e à reelaboração, numa realização constante de reaproximações com o objeto e os sujeitos da pesquisa. Mas é importante salientar que o ponto de partida da pesquisa não possui nitidez de pesquisas em caráter ortodoxos. É preciso entender que serão poucas as definições e várias as possibilidades. É no contato com a pesquisa que os caminhos ganham forma.

Beliza Guedes é uma mulher de 72 anos, produtora cultural, bordadeira, foi atriz, militante, amante da música e da boemia. Eu sou uma mulher de 30 anos, artista visual, professora de inglês, fui atriz, e sou amante da música e da boemia. Nos encontramos pela primeira vez em 2019 por entre bares em noites regadas a *chorinho*. Seu companheiro é Mestre Macaúba do Bandolim, diplomado Tesouro Vivo da Cultura, em 2018, pelo estado do Ceará. Em meio aos elementos dispersivos dos bares, Beliza me despertou o gesto de suspensão no funcionamento da minha atenção, dando espaço para uma atenção aberta ao encontro. Desde então, nossos encontros foram se tornando mais frequentes e a nossa amizade se intensificando; lugar onde a pesquisa se instaurou. Esse trabalho nasce a partir de uma vivência continuada com Beliza Guedes e três principais ramificações que esse encontro apresenta: os bares (Pontos de Encontro), as ruas (linhas de trajeto) e a casa.

Em Pontos de Encontro, trarei memórias referentes aos nossos primeiros encontros, esses, que depois que eu iniciei o projeto de pesquisa, percebi que já existiam enquanto virtualidade e se atualizaram fazendo parte de uma produção de dados de pesquisa. Considerando Kastrup (2007), a atualização de uma virtualidade é a produção de algo que já estava lá. Ainda que, há anos atrás, eu não fosse capaz de compreender, esses fragmentos aparentemente desconexos, eles foram lançados para a minha memória até que vieram a ganhar algum sentido. Visto isso, mostrarei o primeiro trabalho artístico criado a partir dessas reflexões: uma imagem criada apenas na minha memória (uma virtualidade) se atualiza, se materializando na produção de uma fotografia criada digitalmente cinco anos depois (2023). A fotografia retrata o momento que minha atenção é despertada por um gesto de

suspensão: estávamos conversando em uma festa, na presença de vários elementos dispersivos, quando o que estava à nossa volta, parecia não mais existir.

Depraz, Varela e Vermersch (2003) apontam que o gesto de suspensão desdobra-se em dois destinos da atenção. O primeiro indica uma mudança da direção da atenção [...]. O segundo destino implica uma mudança da qualidade ou da natureza da atenção, que deixa de buscar informações para acolher o que lhe acomete. A atenção não busca algo definido, mas torna-se aberta ao encontro. Trata-se de um gesto de deixar vir (letting go). Tanto a atenção a si quanto o gesto atencional de abertura e acolhimento ocorrem a partir da suspensão. Sendo assim, a suspensão, a redireção e o deixar vir não constituem três momentos sucessivos, mas se encadeiam, se conservando e se entrelaçando (Kastrup, 2006, p. 17).

E assim, fui me abrindo para o nosso encontro. Entendi que a suspensão pôde ser acionada com as histórias de Beliza, a partir de sua oralidade, oralidade essa que tinha o bar como cenário. E então, minha atenção estava num constante movimento de suspensão e interrupção da suspensão, à medida que os elementos dispersivos do bar nos rodeavam.

Em Benjamin (1994), entendi que exercer a arte de narrar é intercambiar experiências, seja de uma terra ou de um passado distante. "[...] o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitado [...]" (Martins, 2003, p. 76). Entendi que escutá-la é me conectar com o passado que ela me traz e é também uma condução do conhecimento que possibilita essa escrita.

A partir disso, compartilharei, no mesmo capítulo, uma listagem de bares que frequentamos, explicitando a qualidade do nosso encontro: qual o grau de intensidade que tivemos com determinados locais, como a boêmia atravessou e intensificou a nossa amizade, e finalmente, como, ao mapeá-los, delimitamos o mapa de um novo território, um mapa, por assim dizer, afetivo: "[...] as intensidades experimentadas pelos dois em seu encontro compuseram um plano de consistência. Um plano em que seus afetos tomaram corpo, literalmente, delineando um território [...]" (Rolnik, 2006, p. 33).

Tomando como base o mapa de bairros da cidade de Fortaleza, pontuei a localização de cada um desses bares. Ao conectar esses pontos, a partir de linhas desenhadas digitalmente, criei o desenho de um novo mapa. O desenho digital foi sobreposto a duas fotografias tiradas em um momento em que Beliza me ensinava alguns pontos de bordado; em uma, a mão da bordadeira está prestes a bordar um pano; e outra em que eu mostro as minhas mãos com os pontos de bordado recém

aprendidos. As linhas digitais estão localizadas na imagem do pano a ser bordado, sugerindo que as linhas foram desenhadas por nós. Defendo que o retrato de um gesto manual, com as linhas digitais, denuncia um certo anacronismo que, de acordo com Didi-Huberman (2013) mistura técnicas contemporâneas (como a fotografia digital) com as antigas (como o bordado).

Depois, proponho a criação de Cartões Postais Afetivos, fotografias criadas digitalmente pensadas para o formato de cartão postal. Além de ambientar o(a) leitor(a) nas histórias relatadas em Nossos Bares, os cartões colocam em questionamento a Fortaleza turística e comercial, que para a nossa amizade, é obsoleta.

Ao final de Pontos de Encontro demonstrarei a proposição de dois projetos instalativos a partir das criações que foram até então apresentadas, a fim de conectá-las em meio a materiais, e trazer um pouco da boêmia e da oralidade para o ambiente museográfico.

No capítulo seguinte, irei discorrer sobre as inquietações referentes ao trajeto que percorro da minha casa, na Aldeota, até a casa de Beliza e Macaúba, na Iparana. Em Linha de Trajeto não há um encontro entre nós duas, mas o caminho percorrido só é possível graças ao nosso encontro. Apresentarei uma breve comparação entre os bairros que vivemos, buscando aspectos que perpassam as verdades pré-estabelecidas e as contradições que elas carregam.

E então seguirei o percurso de 14 km que me leva até a casa dos mestres. Trazendo à tona as várias fortalezas que esse trajeto abarca: dez bairros, cada um com realidades sociais diferentes, ao longo de uma única avenida, a avenida Leste e Oeste. Ao longo desse trajeto, enumero alguns lugares facilmente endereçados: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Marina Park Hotel, Estátua de Santa Edwiges, Praia da Leste, Areninha do Pirambu, Ponte Sobre o Rio Ceará e Praça de Iparana; encadeando-os e tornando-os pertencentes a um só panorama. Fotografei cada um desses espaços e, para demonstrar minha impermanência neles, decidi utilizar a técnica da longa exposição, fazendo com que esses lugares (Pontos) pudessem se delinear, formando um borrão, ou uma linha - análoga à Linha de Trajeto. E ao final do capítulo, apresentarei um políptico criado a partir dessas imagens.

É ainda neste capítulo que compartilharei sobre o processo de

desterritorialização proporcionado pelo percurso, onde a Beatriz que sai da Aldeota encontra uma outra Beatriz que chega em Iparana.

Por fim, chegaremos à casa de Beliza Guedes e Macaúba do Bandolim, lugar de encontro e acolhimento, onde eu também apresento novos possíveis territórios: a casa que por vezes se movimenta para um devir-bar e/ou para um devir-museu. Para o devir-bar, irei relacionar algumas de nossas vivências boêmias na casa, com o que Daniel Lins (2013) propõe ser a principal razão de existir de um bar: o encontro, a amizade, a fuga. Para o devir-museu trarei o conceito de Museus Orgânicos (MO) proposto pelo Serviço Social do Comércio (SESC) Ceará, que consiste em tornar a casa dos Tesouros Vivos da Cultura do Ceará (na região do Cariri) em museus; a casa em questão ainda não é reconhecida oficialmente enquanto um MO, mas apresentarei algumas de suas potencialidades para tal.

E então, enfim, poderemos ter contato com a Beliza Guedes artista, onde compartilharei algumas de suas obras em bordado. Aqui, o meu processo de criação se apresenta no ato de organizar e categorizar alguma dessas obras, num intuito de criar uma narrativa para a sua trajetória artística e cultural.

É preciso considerar que tais resultados são sempre provisórios e que a pesquisa tem, por natureza, um caráter inacabado e capaz de endereçar novas questões" tal como as criações artísticas que através dela surgirem (Barreto, Carrieri e Romagnoli, 2020, p. 52).

Entendo que essa pesquisa ainda não está completa e, talvez, nunca estará. São muitos fios soltos, muitos retalhos esperando por serem tecidos, fragmentos desconexos esperando o momento de fazerem algum sentido. E foi assim que decidi, por fim, compartilhar com o(a) leitor(a) alguns dos dados que permaneceram fora dessa escrita, mas que foram cruciais para o desenrolar dessa pesquisa. Afinal, tudo é processo.

2 ANTES DO ENCONTRO, O ESQUENTA

No capítulo que segue este, tratarei de um universo composto por mesas de plástico ou madeira, copos americanos, música, cerveja e cachaça, o universo boêmio, ou melhor, o meu universo boêmio e como ele interfere/se insere na minha produção. Seu Zé Pelintra⁵ já me alertou, apesar de estimulante e atraente, esse estilo de vida pode ser perigoso, é preciso ter cautela. Há um ponto⁶ para essa entidade que diz "cuidado com a bebida, o exagero acaba com a sua vida! E sem saber o que estava acontecendo, a cachaça me deixou entre a polícia e o casamento". Aqui, não estamos em um botequim, tampouco na rua, mas enquanto autora preciso elucidar alguns fatos referentes à leitura a seguir a fim de evitar que o(a) leitor(a) desabe sobre essas possíveis emboscadas.

Aos que me conhecem com um pouco mais de profundidade, sabem que, para mim, não faz sentido um processo de criação artística sem uma mesa de bar. Seja para descarregar a densidade depois de horas de escrita, compartilhar e conversar sobre as etapas de alguma criação, fazer surgir uma ideia para o próximo projeto ou comemorar a finalização da obra. Existem várias situações em que o botequim permeia o meu fazer artístico. Aqui, o intuito é buscar as potências criativas possíveis presentes na ebriedade. Não se trata somente sobre buscar uma estética boêmia (apesar de que, quando conveniente, ela também estará presente nas criações a seguir), mas principalmente, uma forma boêmia de pesquisar. O bar e o embebedamento como lugar de investigação.

Em que, no entanto, a experiência do álcool ou da droga pode gerar uma escrita? Não tenho a pretensão, no contexto desse estudo, de responder a essa questão, pois o álcool é antes de tudo um experimento singular, movediço, devorador de identidades e discurso linear (Lins, 2013, p. 34).

A embriaguez "implica em [...] deixar-se levar e perder no movimento e na impermanência. Neste sentido, ela é um autoesquecimento, não como anestesia,

⁵ "Zé Pelintra, ou Zé Pilintra, é [...] uma entidade espiritual muito conhecida nas tradições afro-brasileiras, especialmente na Umbanda e no Catimbó. [...] Ele é considerado o espírito patrono dos bares, dos locais de jogo e das sarjetas, simbolizando o universo do malandro". Fonte: ALEXANDRE, Paulo. **Zé Pelintra: o malandro sagrado das ruas e dos terreiros**. 2023. Disponível em: <https://historiablog.org/2023/07/08/ze-pelintra-o-advogado-dos-pobres-e-patrono-dos-malandros-na-umbanda-e-no-catimbo/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

⁶ Os pontos de umbanda são cantigas para louvar, chamar e se despedir do orixá e as linhas de entidades. Fonte: BEZERRA, Juliana. **Umbanda**. 2011. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/umbanda/#google_vignette. Acesso em: 12 abr. 2024.

mas como um consentimento em abdicar de qualquer delimitação" (Branco, 2010, p. 36). Em meio às leituras para a escrita da minha dissertação, a última citação me despertou atenção ao me lembrar do pesquisador-cartógrafo em seu processo de desterritorialização representado por linhas de fuga⁷.

As linhas de fuga, enquanto "vassouras de bruxa" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 23) são capazes de nos levar a paisagens desconhecidas; quando os voos são mais bruscos, às vezes não nos reconhecemos. Não se reconhecer significa não reconhecer as demarcações do próprio território, suas marcas, seus sulcos e rastros, colocando-o à micro ou à macro condição de deriva (Costa; Amorim; 2019, p. 926).

"Autoesquecimento", "não nos reconhecemos", "abdicar de qualquer delimitação", "não reconhecer as demarcações do próprio território"; linhas de fuga e embriaguez parecem estar em analogia; se não pelas ideias *ipsis litteris* dos autores, que seja através da minha leitura dessas palavras. "Não escrevo guiado pela representação. Nunca sei o que vou escrever" (Lins, 2013, p. 24). Mas sem delongas, vale ressaltar que, para esta parte da pesquisa, se embriagar é também cartografar.

Lins (2013), a partir de Deleuze, entende que a linha de fuga é uma desterritorialização e a associa ao álcool. Ele afirma que a linha de fuga é o campo de ação do pensamento, a força positiva por excelência. Defende que fugir também pode ser uma viagem, e esta pode ser estática "[...] como o alcoólatra e o puxador de fumo, que podem viajar horas inteiras sem sair do lugar[...]" (Deleuze, Parnet, 1998, p. 28 *apud* Lins, 2013, p. 29) e completa com Deleuze "Fugir não é exatamente viajar, tampouco se mover [...] as fugas podem acontecer no mesmo lugar, em viagem imóvel" (Deleuze, Parnet, 1998, p. 28 *apud* Lins, 2013, p. 29); ou seja, em uma mesa de bar. Contudo, o autor alerta para a prudência, e é quanto a isso que me dirijo ao leitor, para que a linha de fuga não se confunda com o puro e simples movimento de autodestruição, o alcoolismo.

Acredito que há um arsenal de mecanismos para despertar o estado de embriaguez para além do álcool: uma conversa profunda, o corpo que dança, um samba que quando toca desperta gritos entusiasmados, a paixão, etc. Também, considero como pessoa boêmia, o(a) frequentador(a) assíduo(a) de bares, botecos, botequins, rua; amante do samba, do choro, da música feita em conjunto; quem

⁷ Teoria das linhas - "aspecto do método cartográfico proposto por Gilles Deleuze e Félix Guatarri. [...] As linhas-duras, flexíveis e de fuga - operam em coexistência, agindo no território a ser cartografado e no próprio pesquisador" (Costa; Amorim; 2019, p. 912).

sabe se comunicar com os(as) bêbados(as), com os(as) alucinados(as) e com os(as) loucos(as).

É no próximo capítulo que eu e Beliza Guedes percorremos a cidade a partir de um circuito entre bares espalhados pela região metropolitana de Fortaleza. A manutenção de nossa amizade se dá, principalmente, nesses recintos; "pra mim o papo de um amigo / e o copo de um bom vinho ou um licor / já é o que eu preciso ter comigo / pra enfrentar qualquer perigo" (Duarte; Pinheiro, 1989)⁸, e como esses papos acompanhados de um copo me fortalecem. Uma pesquisa em agenciamento, "[...] o agenciamento remete à exterioridade, aos deslocamentos que se fazem na conexão com o que está fora o indivíduo [...]" (Barreto; Carrieri; Romagnoli, 2020, p. 51) e "[...] as linhas de fuga são aquelas que se associam ao novo, à mudança, à reconstrução, quando de fato, ocorrem os agenciamentos instituintes" (*ibid.*, p. 52).

Ao mencionar a música no parágrafo anterior, não posso deixar de notar que muitas das músicas dedicadas à vida boêmia são feitas por homens e para homens; fato é que "[...] o bar foi criado para que os homens pudessem ficar entre eles [...]" (Lins, 2013, p. 232). Então, Pontos de Encontro é também sobre duas mulheres que fazem questão de estar juntas nesse ambiente (ainda que não de forma isolada dos homens); bebendo cerveja, virando doses de cachaça, falando alto, cantando samba, chorando alegrias e tristezas, conversando sobre nossas vidas e adorando estar na simples presença uma da outra.

Uma resistência. Resistir é preciso [...]. A resistência da mulher não consiste também em dismantlar o território dos encontros masculinos? Como dismantlar? Desterritorializando com sua presença forçada ou aturada, ou não conflitual, espaços até então de uma propalada caça protegida do homem (Lins, 2013., p. 233).

As quatro páginas deste capítulo são algumas reflexões minhas que podem tornar a leitura do próximo capítulo mais elucidativa. Dado os exemplos de como atingir o estado de embriaguez sem o uso de substâncias, trazidos alguns parágrafos acima, cabe comunicar que o álcool, apesar de muito presente e importante para o desenrolar dessa pesquisa, não é necessariamente uma regra no meu encontro com Beliza Guedes. Longe de qualquer moralismo, é relevante afirmar novamente que aqui não há qualquer apologia para o uso excessivo de bebida

⁸ DUARTE, Mauro; PINHEIRO, Paulo César. **Samba de botequim**. 1989. Disponível em: <https://receitadesamba.com.br/mauro-duarte-e-paulo-cesar-pinheiro/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

alcóolica. Salve a Malandragem!⁹

3 PONTOS DE ENCONTRO

Foi isso que aprendi no chão da rua / Foi isso que aprendi no
botequim / Por isso eu saio buscando nas noites de lua /
Alguém que na mesa de um bar cante um samba pra mim
(Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro)¹⁰

3.1 Nossos primeiros encontros

Em 2019, eu me relacionava com Pedro, músico cujo instrumento é o violão de sete cordas; ele é bem inserido no universo do samba e do *choro* e exerce a função musical profissionalmente¹¹. Era uma honra acompanhá-lo "*pelas ruas e bares*" (Jorge Aragão, 1986)¹² e estar mais próxima da música instrumental popular brasileira. Acompanhava-o em muitas rodas musicais e passei a frequentar lugares que nunca havia ido anteriormente. Eu o agradeço muito por ter me apresentado este mundo que me desperta tanta admiração e curiosidade.

Pedro já havia me contado algumas histórias sobre o Mestre Macaúba do Bandolim. Durante a adolescência de meu amigo do sete cordas na Praia de Iracema¹³, o bandolinista havia se hospedado na mesma rua onde o jovem morava. O violonista escutou o som do bandolim e resolveu se aproximar para aprender sobre a linguagem musical do chorinho; e apesar das décadas de diferença de idade, os músicos não se separaram desde então.

A quem estiver lendo, peço um pouco de compreensão. Houve uma estrada até chegar em Beliza e esse percorrer é muito atrelado ao Macaúba (para falar a verdade, foram raras as vezes que a encontrei sozinha), portanto, ele aparecerá bastante em meu trabalho.

⁹ Saudação à uma linha de trabalho de entidades da umbanda.

¹⁰ DUARTE, Mauro; PINHEIRO, Paulo César. **Samba de botequim**. 1989. Disponível em: <https://receitadesamba.com.br/mauro-duarte-e-paulo-cesar-pinheiro/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

¹¹ "Profissional é o cara que vive da música. E existe também o profissional (como) aquele que já está apto a exercer a profissão" (Sardinha, 2011, p. 53). No caso, Pedro é dos dois tipos.

¹² ARAGÃO, Jorge. **Coisa de pele**. Em: Coisa de pele: RGE, 1986.

¹³ Bairro da cidade de Fortaleza

Ao me contar histórias sobre o mestre (como a mencionada a dois parágrafos acima), ele sempre dizia: "você vai adorar conhecer a esposa dele, ela é super ativa politicamente, lutou na ditadura, foi atriz e adora uma boêmia"¹⁴.

Em uma dessas noites entre bares, Pedro iria tocar em um bar chamado Bomtequim, que tradicionalmente abriga uma roda de choro todas as quintas-feiras. Nesta, em específico, teria a presença de um convidado, o Mestre Macaúba do Bandolim. Acompanhei o violonista até o estabelecimento e, finalmente, as histórias que eu escutava ganharam rosto e som.

Confesso que em um primeiro momento estava um pouco tímida, iria conhecer um grande músico mestre da cultura do Ceará e uma mulher política-social-artisticamente engajada; e claro, ambos bem mais velhos. De fato, eles eram tudo isso que eu pensava, com uma característica a mais, a leveza. Conheci Beliza Guedes naquele instante e tive contato com uma mulher muito brincalhona e de poucos *modos*, em poucos minutos me chamou para sentar à sua mesa e tomar uma cerveja. Ainda sem muito papo, olhávamos a performance musical com admiração. "Um homem com o seu instrumento é irresistível" (informação verbal), disse ela, "eu sempre tive um ouvido muito bom pra música, mas nunca dei pra tocar instrumento, eu gostava mesmo é de dançar gafeira" (informação verbal)¹⁵. Ela começou a me contar detalhes sobre essa dança a dois, o preconceito que sofria na juventude (mas com o qual ela não se importava), as testas coladas dos pares de dança, etc. Esse encontro, ainda que muito inicial, despertou algo em mim, uma espécie de força que me fez lembrar que, não importa a idade, nós mulheres temos que ser donas de nós mesmas. Sem dúvidas, Bel foi uma excelente companhia naquela noite.

Alguns meses depois, meu amigo violonista me levou para a casa de sua vizinha Verônica Guedes, que por sinal, é irmã de Beliza. Era uma festa grande e com a presença de muitas pessoas da mesma faixa etária que as irmãs Guedes. Havia uma mesa no centro com algumas comidas, cachaça, *whisky*, refrigerante e um isopor cheio de cervejas; uma roda de choro era responsável pela trilha sonora da noite: violão, pandeiro, cavaco, bandolim, tamborim. Enquanto eu me deliciava com esse instrumental, Bel sentou ao meu lado e começamos a conversar, dessa vez, não foi uma conversa contida. Ela me contou sobre as suas duas prisões

¹⁴ Informação fornecida por Pedro Ernesto em janeiro de 2019.

¹⁵ Informação fornecida por Beliza Guedes em janeiro de 2019.

políticas durante a ditadura militar no Brasil e como atuava na luta democrática no Partido Comunista Brasileiro Revolucionário¹⁶; compartilhou histórias de horror e se mostrou horrorizada com a eleição do (até então) atual presidente do Brasil, Bolsonaro. “Não pode ser, Bia, eu tenho tanto medo, eu percebo muita similaridade entre as ideias dele e os absurdos que passei na ditadura, eu sou uma história viva e isso não parece ser suficiente pra esse povo aprender” (informação verbal)¹⁷, me disse a militante. Ela me puxou para fumar na parte de trás da casa, embalada pela música, começou a discorrer sobre o quanto era apaixonada por *chorinho* e sobre o quanto as letras eram sensacionais, “você já prestou atenção na letra de Doce de coco? O cara conseguiu escrever uma música linda encaixando a palavra ‘esparadrapo’ na letra, é magnífico” (*Ibid.*). De fato, é uma palavra muito curiosa de se encaixar na letra de uma música. “Doce de coco, meu bombocado / Meu mau pedaço de fato és um esparadrapo / Que não desgrudou de mim” (Bandolim, 1951)¹⁸.

Voltamos à mesa e agora ela discursava sobre teatro, teatro de rua, teatro de bonecos, comédia teatral, “fomos um dos primeiros grupos de teatro de rua da cidade de Fortaleza, eu, meu irmão Babi Guedes... isso foi há décadas atrás, sinto muita falta de atuar” (informação verbal)¹⁹. Foi a primeira vez que, durante meu contato com Beliza, senti como se o que aparecesse de imagem ao nosso redor, fosse apenas um *borrão* (talvez pelo álcool, talvez pelo despertar do meu corpo vibrátil²⁰).

¹⁶ “O Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) originou-se de uma dissidência do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em abril de 1968. Após o [Golpe Militar de 1964](#), o PCB optou pela via pacífica de aliança com a burguesia nacional, já os dissidentes que compuseram o PCBR propunham que a revolução seria armada e se insurgiria contra o [Regime Militar](#) e contra a [burguesia](#). Para o PCBR devia ser realizada uma Revolução Popular no país de cunho anti-imperialista e anti latifundiária que se converteria em seguida em Revolução Socialista. A luta armada que desencadearia a revolução deveria estar associada às lutas das massas populares e partiria do campo. Segundo o historiador Jacob Gorender, a opção pela relação entre a luta armada e as lutas de massas evidenciava o distanciamento do método do foco guerrilheiro adotado na [Revolução Cubana](#) (Cf. GORENDER, 2014:116)” fonte: RODRIGUES, Natália. **Partido Comunista Brasileiro Revolucionário**. [2020]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/partido-comunista-brasileiro-revolucionario/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

¹⁷ Informação fornecida por Beliza Guedes em fevereiro de 2019.

¹⁸ **Doce de coco**. Compositor: Jacob do Bandolim. 1951. Disponível em: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/jacob-do-bandolim-cd-02>. Acesso em: 15 jul. 2024.

¹⁹ Informação fornecida por Beliza Guedes em fevereiro de 2019.

²⁰ “[...] você - seu corpo vibrátil - é tocado pelo invisível, e sabe-se: aciona-se, já, um primeiro movimento do desejo. No encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados [...]” (Rolnik, 2006, p. 31).

[...] a essa hora da noite as imagens se embaralham de tal modo e as percepções se dão mais por conta de outros sentidos, o tempo da festa atravessa o corpo e a embriaguez nos convoca outras formas de percepção, tortas, esfumaçadas, embaçadas, mas que ao seu modo convoca outras formas de compor e pensar (Campos, 2020, p. 106).

No caso, entendi que abracei outras formas de visualizar, ao trazer o *borrão* e o meu olhar do momento para uma criação artística. Mas antes de apresentar a criação presente nos parágrafos posteriores, vale percorrer por uma outra discussão.

De acordo com Kastrup (2007, p. 33) quanto à fase inicial de uma pesquisa em cartografia (entendendo que esta visa acompanhar um processo, e não representar um objeto), entende-se que "[...] não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa", uma produção que já estava lá de modo virtual. No tocante à virtualidade, para ela, a partir de Henri Bergson, "o virtual se atualiza segundo um processo de criação e de diferenciação [...] um bom exemplo de atualização de uma virtualidade - como produção de algo que já estava lá - é a produção das mãos de um pianista através de repetidos treinos"²¹. Em 2019, não havia uma cartografia conscientemente em curso, mas uma vivência aparentemente fragmentada e (para a Beatriz do passado) irrelevante academicamente. Em 2022, ao iniciar o projeto para a elaboração desta dissertação, compreendi que nossos primeiros encontros no Bomtequim e na casa de Verônica já configuravam uma produção de dados cartográficos. Ao redigir o relato presente neste subcapítulo, percebi que o conteúdo descrito já funcionava como uma virtualidade para este trabalho, a qual se atualizou e serviu como material inicial para o desenvolvimento da minha pesquisa com Beliza Guedes. A produção de dados ocorre desde a etapa inicial da pesquisa. Esse processo continua nas etapas posteriores e a construção ocorre desde o momento em que o cartógrafo entra em contato com o território; ainda que, no meu caso, eu não soubesse que os nossos encontros seriam parte de uma pesquisa cartográfica. "O cartógrafo deve pautar-se sobretudo numa atenção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade" (Kastrup, 2007, p. 21).

²¹ O conceito de virtual é empregado aqui no sentido que lhe confere H. Bergson (1897/1990a, 1919/1990b). O virtual se atualiza segundo um processo de criação e de diferenciação. Neste sentido, distingue-se do possível, que se realiza através de um processo de limitação e de semelhança. Para a distinção detalhada entre virtual-atual e possível-real cf. Deleuze (1966). Um bom exemplo da atualização de uma virtualidade – como produção de algo que já estava lá – é a produção das mãos de um pianista através de repetidos treinos. Notas de Kastrup (2007).

Aquela festa que, inicialmente, parecia pouco relevante em termos cartográficos, já existia como virtualidade²². Com o início da escrita deste trabalho e por meio de uma atenção cartográfica orientada pelo sensível, um mundo antes apenas virtual ganhou existência ao se atualizar. Assim, é possível compreender que os primeiros encontros relatados já faziam parte de uma produção de dados de pesquisa. Além dos movimentos de atualização do virtual na pesquisa²³, percebo como esse processo também ocorreu no âmbito da criação artística.

Foi nessa noite que criei a minha primeira imagem de Bel: longa exposição (velocidade do obturador: 1/2)²⁴ e pouquíssima profundidade de campo (f 1.4)²⁵. Ela em nitidez, bem iluminada e enquadrada no meio da imagem sorrindo com os olhos cerrados; apesar da baixa velocidade do obturador, a sua imagem não está borrada pois ela ficou bem estática no momento da foto. Como plano de fundo, o *borrão* em desfoque demonstra o movimento acelerado da festa (pessoas passando, dançando e músicos tocando um chorinho dos mais acelerados). Essa imagem inventa o meu encontro com Beliza naquela festa: uma pausa, contrariando a velocidade acelerada que fazia parte do ambiente. A verdade é que eu nunca cheguei a de fato clicar essa cena, ela só foi criada na minha cabeça, no instante perfeito.

Apesar de nunca ter clicado a imagem descrita, a memória fotográfica me convidou a criar uma fotografia digitalmente que pudesse narrar o olhar vivido em um de meus primeiros contatos com Bel; visto que "as novas situações se tornarão reais quando aparecerem na fotografia. Antes, não passam de virtualidades" (Flusser, 1983, p. 32)

Para materializar (ou ficcionalizar) o instante perfeito, utilizei a técnica de sobreposição de imagens. Digitalmente, sobrepus uma fotografia que fiz de Beliza (em um instante que se assemelhava ao que descrevi no parágrafo acima) à uma foto de longa exposição que fiz na festa de aniversário de 80 anos do Macaúba do Bandolim. A técnica de longa exposição, esteticamente, aproxima o nosso olhar do borrão visual causado pelo estado de embriaguez.

²² Virtualidade, como menciona, em Kastrup (2007, p. 21) a partir de H. Bergson (1897/1990a 1919/1990b), o parágrafo acima.

²³ Atualização do virtual, como menciona, em Kastrup (2007, p. 21) a partir de H. Bergson (1897/1990a 1919/1990b), na nota de rodapé²⁰.

²⁴ Intervalo de tempo que o obturador da câmera leva para abrir e fechar e é expressa em frações de segundos. Quanto maior o denominador, mais rápido o obturador.

²⁵ Indica a área de nitidez, antes e depois, do ponto em foco na imagem. Quanto maior o número, maior a área de nitidez.

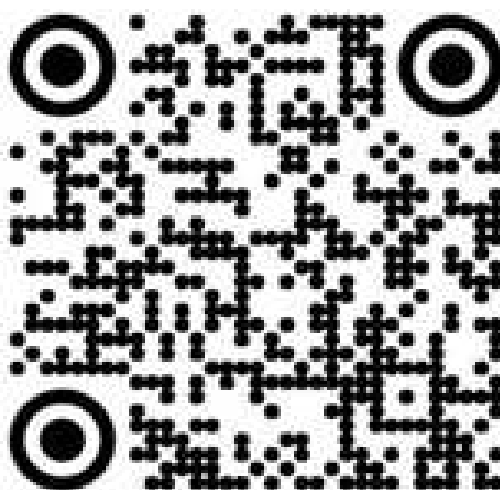
Para maior imersão, recomendo a visualização da Figura 1, acompanhada da escuta da música “Doce de coco” mencionada neste capítulo e disponível através do QR Code (Figura 2).

Figura 1 – Bom Bocado. Fotografia digital criada a partir de técnicas de sobreposição de longa exposição



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 2 – Qr Code da música Doce de coco



Fonte: Elaborada pela autora.

Considerando a contribuição de Kastrup (2007), ao tratar de virtualidade e produção de dados na cartografia, para a criação artística, entendo que houve um primeiro experimento artístico (que pode estar em analogia com a produção de

dados) a partir de fragmentos: a imagem visualizada unicamente pelos meus olhos anos antes (virtualidade). Ainda que eu não fosse capaz de compreender há anos atrás, esses fragmentos aparentemente desconexos foram lançados para a minha memória até que vieram a ganhar algum sentido; a imagem criada em 2019 foi virtualidade atualizada para a produção de uma fotografia digital criada cinco anos depois.

3.2 Oralidade boêmia

"Mesa de bar / É lugar para tudo que é
papo da vida rolar / Do futebol, até a
danada da tal da inflação" (Gonzaguinha,
1985)²⁶.

Por que o ambiente de bar é tão importante para a minha pesquisa? O que esse ambiente traz de tão relevante? O presente capítulo responde um pouco a esses questionamentos à medida que se debruça sobre um ponto essencial no nosso encontro: a narrativa oral. As "[...] tradições orais e corporalidades de conhecimento" (Scialom; Fernandes, 2022) conduzem o estudo desta pesquisa. Estar com Beliza Guedes em um desses recintos é deixar abrir o caminho para que sua fala, quase como uma prosa, percorra pelos lugares temporais de seus (até então) 72 anos de vida.

Quando nos encontramos em bares, estamos rodeadas de pessoas, barulhos diversos, bebida, comida, música, outras conversas; aqui, entenderei esses elementos como dispersivos (mas não por isso desimportantes) durante os momentos em que a narração oral está acontecendo. Em meio a esses elementos, entendo que a oralidade é elemento essencial para ativar o gesto de suspensão da minha atenção. No capítulo anterior dei uma pista de como isso funcionou: resumidamente, estávamos em uma festa quando fui tão envolvida pelas suas falas que em determinado momento o que nos entornava parecia não existir mais; mas é importante salientar que essa ativação por vezes era interrompida pelos elementos dispersivos.

²⁶ GONZAGUINHA. **Mesa de bar**. Em: Alcione - Fogo da vida: RCA Victor, 1985.

Depraz, Varela e Vermersch (2003), ao tratar de uma sessão de psicanálise, entendem que a suspensão é um gesto cognitivo que desacelera o fluxo de pensamento do analista, tornando-o mais aberto ao discurso do paciente. Eles alertam que esse gesto por vezes é interrompido pelas suas próprias reflexões, emoções ou pela polarização dos pensamentos do analista por alguma formulação teórica; há um movimento de vaivém entre a suspensão e a interrupção (da suspensão). Aqui, não irei tratar sobre uma sessão de psicanálise (pois, apesar de ouvinte das histórias contadas por Bel, estou longe de ser uma analista), mas da suspensão enquanto gesto do funcionamento da minha atenção como cartógrafa. Trazendo para o universo retratado nesta pesquisa, o movimento de vaivém acontece a partir da interrupção causada pelos elementos dispersivos e a suspensão alicerçada pela oralidade de minha amiga.

Depraz, Varela e Vermersch (2003) apontam que o gesto de suspensão desdobra-se em dois destinos da atenção. O primeiro indica uma mudança da direção da atenção. [...]. O segundo destino implica uma mudança da qualidade ou da natureza da atenção, que deixa de buscar informações para acolher o que lhe acomete. A atenção não busca algo definido, mas torna-se aberta ao encontro. Trata-se de um gesto de deixar vir (letting go). Tanto a atenção a si quanto o gesto atencional de abertura e acolhimento ocorrem a partir da suspensão. Sendo assim, a suspensão, a redireção e o deixar vir não constituem três momentos sucessivos, mas se encadeiam, se conservando e se entrelaçando. (Kastrup, 2007, p. 17)

Ainda em Kastrup (2007), ela traz algumas contribuições dos estudos de Freud (1912/1969) sobre a sessão de psicanálise para a cartografia. Ele afirma que a atenção seletiva, consciente, concentrada, é um obstáculo à descoberta; pois está embebida por expectativas e inclinações do analista (no caso, do cartógrafo), se fechando para os elementos de surpresa presentes no processo observado. É na atenção flutuante, de natureza aberta e sem focalização, que a atenção fica aparentemente adormecida, até que subitamente (em caráter desconexo e fragmentado), ela desperta a atenção do analista (no caso, do cartógrafo).

Como foi dito no subcapítulo anterior, nos meus primeiros encontros com Beliza, eu sequer sabia que havia um processo cartográfico em curso, portanto, nos anos anteriores a 2022 eu estava completamente desprovida de uma atenção seletiva. Normalmente, ao me colocar em um ambiente boêmio, a minha atenção permanece praticamente adormecida, sendo facilmente capturada pelos elementos - ainda que capturada, não se trate sobre um estado de atenção, mas de dispersão. Foi em meio a brindes de cachaça e goles de cerveja que aquela atenção

aparentemente adormecida foi fisdada através da suspensão advinda da oralidade de Beliza, e pude então tornar minha atenção aberta ao encontro, ainda que, naquele momento, ela não estivesse conscientemente trabalhando em prol de uma pesquisa cartográfica (mas, como explicitado anteriormente, já existia enquanto virtualidade).

Se é tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (Rolnik, 2006, p. 23).

Walter Benjamin (1994, p.198 - p.199) afirma que narrar é "saber intercambiar experiências", seja a partir do "saber das terras distantes" ou "o saber do passado". E complemento com Martins (2003, p. 200) ao afirmar que "[...] o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitado." O narrador é, portanto, um sábio, "um homem que sabe dar conselhos [...]". Aconselhar é menos responder a uma pergunta, que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada".

Ao ler as primeiras páginas do ensaio "O narrador" (1994) de Benjamin, consigo identificar algumas características comuns à minha amiga boêmia. Ela traz a sabedoria de seus 72 anos de vida: infância, começo da vida adulta ou décadas atrás; Bel sempre se prontifica a partilhar de suas próprias experiências. Encontrá-la é poder me encontrar com o passado que ela viveu e também visitar a história de um bairro, de uma cidade e de um país que já existiu.

A memória do conhecimento não se resguarda apenas nos lugares de memória (*lieux de mémoire*), bibliotecas, museus, arquivos, monumentos oficiais, parques temáticos, etc., mas constantemente se recria e se transmite pelos ambientes de memória (*lieux de mémoire*), ou seja, pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, cujas técnicas e procedimentos de transmissão são meios de criação, passagem, reprodução e preservação dos saberes (Martins, 2003, p. 67).

Em algumas das mesas de bares que já frequentamos, a artista me relatou sobre o que viveu durante a ditadura militar no Brasil²⁷. Para além das histórias de violência (perseguição, sequestro, agressões, prisão política, denúncia

²⁷ "A Ditadura Militar no Brasil iniciou-se em 1964, por meio de um golpe civil-militar contra o presidente João Goulart e estendeu-se até 1985, sendo marcada pela repressão." Fonte: SILVA, Daniel Neves. **Ditadura militar no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/ditadura-militar-no-brasil.htm>. Acesso em: 12 jul. 2024.

feita pelo próprio pai ao poder público)²⁸ e sobre as quais não tenho intenção de detalhar nesta escrita; ela me relatou sobre os movimentos revolucionários, artísticos e culturais de resistência daquela época. Atualmente, Bel fala constantemente que lutar contra esse regime autoritário é um de seus maiores orgulhos ao longo da vida.

Em tempos de luta, ingressou ao Partido Comunista Revolucionário Brasileiro, onde estudou e militou; sua irmã, Lilian Guedes (que também foi presa política), militou muitas vezes a seu lado; esteve foragida por alguns anos no Rio de Janeiro e entrou em contato com a efervescência cultural que o movimento pró-democrático proporcionou; em sua prisão política, admitiu ter chutado a perna de um dos guardas como reação às violências constantemente sofridas (ato de resistência que, infelizmente, trouxe cruéis consequências para ela). Em meio às prosas verbais advindas das histórias de luta democrática de Beliza, me desperta profunda atenção a importância que o bordado teve em sua prisão política em Brasília, "eu bordava para não enlouquecer" (informação verbal)²⁹; foi nessa fala que percebi uma das potências políticas que a arte de bordar poderia ter. Apesar das diversas leituras em livros de história, palestras e aulas, sinto que a narrativa oral dela me possibilitou chegar em lugares e detalhes outrora ocultos pelos livros. Esse ponto da história do Brasil é apenas um exemplo dos conhecimentos que consigo acessar a partir da oralidade ou, mais especificamente, a oralidade boêmia. Se "a narrativa é uma forma artesanal de comunicação" (Benjamin, 1994, p. 205) e o artesanal, uma prática; para esta pesquisa "[...] a distinção hierárquica entre o conhecimento científico e o conhecimento vulgar tenderá a desaparecer e a prática será o fazer e o dizer [...]" (Santos, 2010, p. 20).

De acordo com Benjamin (1994, p. 209), "contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo"; e mais uma vez, reconheço Beliza no ensaio mencionado. A repetição é uma característica muito presente em sua prática narrativa: os fatos apresentados a alguns parágrafos atrás me foram contados, pelo menos, três vezes. Qual a razão para essa reiteração constante? Será que ela não lembra que já havia me contado determinada situação? Talvez queira assegurar que eu, enquanto ouvinte, não esqueça de nenhuma dessas histórias. Ou estaria a

²⁸ TV CEARÁ. **Memória e verdade**: entrevista com a cearense Beliza Guedes, Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTXv2O7zaPc&t=8s>. Acesso em: 13 jul. 2024.

²⁹ Informação fornecida por Beliza Guedes entre 2019 e 2024

narradora provando para si mesma que é incapaz de esquecer? Independente de quantas vezes a narração chega até meus ouvidos, a minha escuta é sempre atenta. Talvez, contar histórias seja a arte de re-contá-las transformadamente; apesar de re-contada, uma história nunca poderá ser contada da mesma forma. "Repetição que nunca se oferece da mesma maneira, mesmo quando sustentada pela constância da transmissão" (Martins, 2003, p. 66). O narrador "[...] não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas" (Benjamin, 1994, p. 209).

Outro aspecto que pude perceber é que, apesar da obscuridade e densidade das histórias relatadas, a ex-revolucionária parece narrar suas experiências em meio a sorrisos, risadas, interrupções externas, passos de dança, sons de bandolim, brindes e goles de bebida. Apesar de estarmos diante de um cenário como esse, os movimentos que muito se assemelham a uma celebração, em hipótese alguma vêm para deslegitimar ou desvalorizar os sofrimentos vividos no passado. Diante disso e dos parágrafos anteriores, começo então a perceber algumas pistas de como a oralidade se comporta no ambiente boêmio.

Na esfera virtual, para onde o alcoólatra navega, não há lugar para linearidade ou cronologia temporal. E o seu tempo não é o do relógio, nem sua repetição são gestos negativamente aleatórios ou, ainda, frutos de uma demência. Tudo funciona como blocos que anunciam não o reino da boa lógica, todavia novas lógicas que querem respirar e que exigem espaços abertos [...]. Espaços. Muitos espaços" (Lins, 2013. p. 129).

3.3 Nossos bares

"Em qualquer esquina eu paro / Em qualquer botequim, eu entro" (Keti; Rocha, 1964)³⁰.

"Beber é um encontro" (Lins, 2014, p. 232). O distensionar do corpo, a falta de filtro e dicção das falas, o avivar de paixões, a certeza de que qualquer ato falho possa vir a ser uma boa ideia; são alguns dos efeitos trazidos pela *birita* que constituem uma quebra na segmentaridade da lógica produtiva capitalista, uma vez que acessam um lugar de *fuga*.

³⁰ Keti, Zé; Rocha, Hortênsio. **Diz que fui por aí.** 1964. Disponível em: <https://museudacancao.blogspot.com/2012/11/diz-que-fui-por-ai.html>. Acesso em: 14 jul. 2024.

"Ele (o álcool) não nos faz sair de nós mesmos, mas faz com que o mundo entre em nós, o que leva às dicotomias criativas e destrutivas" [sic] (Lins, 2014, p. 181). A embriaguez (que acredito que possa ser experienciada sem o uso de substâncias) é a viagem dentro da imobilidade sísmica de corpos, que apesar de estagnado em um mesmo lugar, não são estáticos. Os glúteos estão cravados na cadeira; os movimentos dos braços, pernas, e do rosto ganham amplitude; e o pensamento é capaz de aterrissar em outros espaços, em outros tempos. O corpo ébrio é "[...] como esse bote perdido que, mesmo ancorado, ainda reverbera o movimento das ondas dentro do nosso espaço [...]" (Monteiro, 2017, p. 28).

Penso que, para o desenvolver dessa pesquisa, a listagem dos bares que frequentamos ao longo dos anos de 2022 e 2023 é uma forma de compartilhar com quem está lendo, qual fortaleza³¹ vivenciamos juntas. São eles: Bar do Caca (Bairro Iparana), Seu Chico (Bairro Iparana), Zé Bezerra (Bairro Parque Araxá), Bomtequim (Bairro Bela Vista)³², Boteco do Arlindo (Bairro José Bonifácio), Mincharia (Praia de Iracema), Bodega do Pinhões (Praia de Iracema) e Chiquinho Drinks (Bairro Parque Araxá).

3.3.1 Bar do Caca e Bar do Seu Chico

Entre os bares que nós duas já frequentamos juntas na Iparana, estão: Bar do Caca e Bar do Seu Chico (Figura 3). Ficam a poucos quarteirões da casa dos mestres³³. Ambos têm vista para o mar, e é essa a melhor parte desses estabelecimentos, pelo menos para mim. Frequentamos esses lugares para comer peixe frito ou moqueca de arraia, enquanto tomamos algumas poucas cervejas. Caca e Seu Chico são estabelecimentos simples e sem muita presença de sonoridade musical (não que eu tenha presenciado, mas bem sei que o Bar do Caca já abrigou algumas rodas de choro com Macaúba).

Era final de novembro de 2022, pouco antes de algum jogo do Brasil na Copa do Mundo de Futebol (lembro que perdemos nesse dia). Fomos almoçar no Chico. Sentamos à mesa e Beliza já começou a proferir discursos de esquerda em tom de implicância para o (quem eu imagino que seja) Seu Chico; ao que ele sorria

³¹ Dentro dessas fortalezas mencionadas, também incluo o bairro de Iparana.

³² O bar já foi relatado no capítulo 3.1.

³³ Apesar de Beliza Guedes não ser diplomada como Mestre da Cultura, considero-a como uma. Muitas vezes utilizarei o termo mestres para me referir a Bel e Macaúba.

de uma forma tímida como resposta, demonstrava não querer discutir (certamente por ter uma visão política contrária). Apesar da divergência política, os dois mantiveram uma convivência amigável e pacífica enquanto eu estive lá, afinal, Bel é muito respeitada na comunidade de Iparana.

Macaúba estava falando e começou a contar histórias absurdas, das quais eu não faço ideia da veracidade (o que também não importa muito): “Quando eu era novo, trabalhava fazendo teste de gravidez, colocando a urina das mulheres em sapos”; ou “a ex-mulher do prefeito do interior foi flagrada praticando atos de zoofilia com o cachorro dela, foi o escândalo da cidade”; e ainda “uma vez eu lavei os pratos com pinho sol”; e para finalizar “uma vez uma mulher perguntou quanto eu cobraria para tocar no enterro dela, me ofereceu pagamento adiantado, eu disse ‘minha senhora, você não vai morrer tão cedo, eu não posso aceitar’ (informações verbais)³⁴. Ríamos muito com a narração dessas histórias, pude perceber que ela ria ainda mais ao perceber quão cativada eu estava pelos absurdos contados pelo músico; como quem pensa “é, essa aí é das minhas”. O estado ébrio começava, aos poucos, a tomar nossos corpos. O riso se tornava mais frequente e intenso e a voz mais alta, o corpo já buscava movimentos para além do espaço delimitado pela cadeira.

O bar tem um espaço muito amplo e completamente ao ar livre. Beliza me levou para um ponto mais distante das outras pessoas e mais próximo do mar, acendeu seu isqueiro e começou a fumar, não conversamos muito, mas miramos a paisagem. Continuávamos no mesmo estabelecimento, mas algumas sonoridades e visualidades me transportavam para um segundo ambiente: o som das pessoas estava mais distante, o vento *falava* mais alto juntamente com o volume sonoro das ondas do mar que se intensificaram e uma mesa vazia contrastando com toda a intensidade e movimento que vinham das outras mesas ocupadas no *Seu Chico*; o ritmo era outro. Embebida pela cadência desacelerada, pela sensação de estar em um segundo ambiente e pelo estado de embriaguez; retirei meu celular do bolso e resolvi clicar uma foto, buscando trazer para a imagem o silêncio não convencional do momento.

³⁴ Informações fornecidas por Macaúba do Bandolim, no Bar do Seu Chico, em novembro de 2022.

Figura 3 – Bar do Seu Chico. Fotografia de longa exposição, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Alguns dias depois, revisei essa foto e percebi que se tratava de uma imagem em longa-exposição, detalhe que me passou despercebido devido à ebriedade no momento do clique. Ainda que não intencional, a longa-exposição intensificou as sensações presentes no momento registrado e relatado. Como aponta Campos (2020, p. 107), "a visão que se borra, [...] também carrega uma proposta de pensamento, menos irracional aos olhos sóbrios, uma outra compreensão dos processos de poetização [...]". Esse efeito trouxe para a imagem uma expressão da movimentação do meu próprio corpo, mente e olhar em estado de embriaguez.

3.3.2 Zé Bezerra

O Zé Bezerra é um bar com décadas de história localizado no bairro Parque Araxá e é conhecido por sua tradicional - e religiosa - roda de samba dos domingos. Esta é formada no centro do estabelecimento, ao redor de uma mesa de plástico, geralmente não há caixas de som, então os cantores da música são todos que cantam juntos - é como se a música cantada assumisse um formato de jogral. Na roda, há músicos mais velhos e outros mais jovens, em uma relação sempre respeitosa; a roda está aberta para qualquer músico que trouxer seu instrumento, sempre cabe mais um, só não vale desarranjar o samba.

Um patrimônio da cidade que tenta correr atrás do tempo perdido. Dissemos muito sobre Fortaleza ser uma cidade sem memória, agora é a população que mantém a chama do tempo acesa. Se foi sem memória, o povo traz a cura para esse Alzheimer urbano. Lembraremos não só do batuque, mas ocuparemos os samba-enredos da história. [...] Aqui, no samba do Zé Bezerra, [...] é o samba cantado em coro, o cavaquinho de Carlão, e a “cozinha” montada em roda em frente do bar sem portões quem realmente canta essa parte da história (Greco; Ernesto, 2019, p. 33).

Eu frequento esse bar quase semanalmente e resolvi levar os mestres comigo. Liguei para Beliza e disse: "Vamos para o Zé Bezerra; eu pago o *Uber* de vocês.", ela respondeu animada: "Ô, Beleza! Faz muito tempo que eu não vou lá, Bia! Vou passar o telefone pro Macaúba, ele vai gostar da proposta" (informação verbal)³⁵. Ao ouvir o convite, ele respondeu: "Zé Bezerra? Eu ajudei a fundar esse bar! Faz tanto tempo que não ando por lá, Biazinha"³⁶. Em resumo, ambos aceitaram o convite prontamente.

Ao chegar ao bar, deparei-me com uma multidão que, como de costume aos domingos, transbordava para o meio da rua. Fui até o balcão para comprar minha cerveja enquanto chamava um *Uber* para o casal. No caixa estava Dona Célia, a atual proprietária do bar, que me entregou as fichas de cerveja com uma expressão levemente ranzinza. Todos os frequentadores já estão acostumados com o jeito dela; apesar da pouca simpatia aparente, ela é muito respeitada, pois é uma figura essencial para a continuidade da tradicional roda de samba. Em um momento mais vulnerável, Dona Célia já confessou adorar a companhia e o movimento que o bar proporciona.

Os dois chegaram ao bar, algumas pessoas na calçada se mexeram, "Macaúba do Bandolim está aqui"(informação verbal)³⁷ e já foram abdicando de suas

³⁵ Informação fornecida por Beliza Guedes em janeiro de 2023.

³⁶ Informação fornecida por Macaúba do Bandolim em janeiro de 2023.

³⁷ Informação fornecida por algumas pessoas que frequentavam o Zé Bezerra em janeiro de 2023.

mesas e cadeiras para oferecer a eles. Beliza falou no meu ouvido “avisa lá dentro que o Macaúba tá aqui” (informação verbal)³⁸, ao que eu respondi “no caixa? Para a Dona Célia?”, ela fez que sim com a cabeça. Cheguei até ao balcão e disse “Macaúba do Bandolim está aqui” (informação verbal)³⁹, ao que ela olhou antipaticamente e com tom de discordância, e então eu reforcei “Célia, eu não tô perguntando, tô dizendo pra senhora, ele tá lá fora sentado na mesa” (*Ibid.*); apesar de frequentar o estabelecimento quase todo domingo, conto nos dedos as vezes que a vi sorrindo, esse momento foi uma dessas vezes. Os músicos pararam a roda de samba para prestigiar o mestre, deram um discurso sobre a sua importância para o cenário do samba e do choro na cidade (afinal, havia algumas pessoas bem mais jovens que sequer sabiam quem era essa figura tão importante). Ele foi constantemente convidado a tocar na roda; não faltava bebida e comida de graça para ele.

Eu estava sentada ao lado de Beliza, de alguns amigos e amigas. Depois de tocar duas músicas, Macaúba veio em nossa direção a passos lentos carregando o bandolim nas costas; cedi a minha cadeira para que ele pudesse sentar ao lado da esposa. Uma mulher de meia idade veio entusiasmada em nossa direção, enquanto demonstrava atenção ao mestre, ela se dirigiu à Beliza e pediu: “Você pode se levantar para eu tirar uma foto com ele?” (informação verbal)⁴⁰. Bel levantou-se, deixando a cadeira ao lado do bandolinista livre. Surpreendentemente, a desconhecida sentou no colo do mestre (demonstrando pouco respeito com a presença da esposa ao lado) e sorriu para a câmera. Depois que a mulher saiu, entramos em crise de gargalhadas. Macaúba falou: “É muito difícil ser o Roberto Carlos, eu sou todo ‘rasgado’⁴¹” (informação verbal)⁴², continuou: “Bia, eu não gosto dessa parada⁴³ de ‘mestre’, nada a ver esse título” (informação verbal); e então sorriu contrariando o que acabara de dizer.

Atualmente, os dois sempre resgatam os acontecimentos desse dia junto a várias gargalhadas e dizem: “Ô, Biazinha, que dia ‘limpeza’!” (informação verbal)⁴⁴.

³⁸ Informação fornecida por Beliza Guedes no Bar do Zé Bezerra em janeiro de 2023.

³⁹ Fala minha, no Bar do Zé Bezerra em janeiro de 2023.

⁴⁰ Informação fornecida por pessoa desconhecida no Bar do Zé Bezerra em janeiro de 2023.

⁴¹ Do Macaubês. rasgado: cortejado, bajulado, requisitado por mulheres.

⁴² Informação fornecida por Macaúba do Bandolim no Bar do Zé Bezerra em janeiro de 2023.

⁴³ Do Macaubês: parada significa coisa.

⁴⁴ Essa palavra é muito presente nas falas de Macaúba, é um de seus bordões, significa legal.

3.3.3 Largo do Mincharia e Bodega dos Pinhões

Esses dois bares estão localizados na Praia de Iracema⁴⁵. Apesar da proximidade espacial, os dois têm propostas diferentes. Mincharia fica localizado no calçadão da Praia de Iracema, foi inaugurado ainda nos anos 80 e segue sendo tradição boêmia do bairro; a Bodega dos Pinhões foi inaugurada há poucos anos atrás e ocupa a rua ao lado do Mercado dos Pinhões⁴⁶, a cerveja é barata, o público é mais jovem e o ambiente geralmente traz uma movimentação grande de pessoas.

Combinamos o encontro no Largo do Mincharia em uma noite de sexta-feira, sob sugestão de Beliza. Ela começou a narrar algumas das vivências que teve por lá: as noitadas, os encontros com músicos de Fortaleza e as inúmeras rodas de choro, seresta e samba que aconteciam décadas atrás naquele mesmo espaço; contava isso enquanto a frustração tomava conta dos rostos do casal. Em 2022 o espaço era outro: um bar com algumas poucas pessoas sentadas em suas mesas, algumas sozinhas, outras em família; uma apresentação musical de voz e violão de qualidade duvidosa. O músico falou ao microfone "Macaúba do Bandolim, que honra ter você aqui. Venha tocar uma música comigo" (informação verbal)⁴⁷, ao que o bandolinista inventou várias desculpas para recusar aquele convite, afinal, não tinha gostado da qualidade musical. Apesar da frustração, foi gostoso escutar Bel falando sobre um Mincharia que não existia mais e acredito que foi bom para ela reviver essas memórias.

Estávamos decididos a mudar de ambiente, outro bar que fosse próximo da região que estávamos. Chamamos um *Uber* (ou rubens, como Macaúba gosta de chamar) e fomos para a Bodega dos Pinhões. Apesar de frequentá-lo constantemente, propus o lugar com um pouco de relutância. Como relatei acima, o público é mais jovem e a movimentação de pessoas é muito grande. Por vezes fica até difícil de sentar (pois nas noites de sextas-feiras a lotação fica bem mais intensa). Para minha surpresa, ao chegarmos lá, os mestres abriram um grande sorriso ao se depararem com um mar de gente e um trio de samba que se

⁴⁵ De acordo com a cartilha de Desenvolvimento Humano por bairro, feito pela Prefeitura de Fortaleza em 2010, a Praia de Iracema é o sétimo bairro com maior IDH da cidade. Abriga praia homônima, uma das praias mais famosas da cidade.

⁴⁶ "O Mercado dos Pinhões, localizado na Praça Visconde de Pelotas (Pinhões) [...] funciona atualmente como ponto comercial de artesanato, de alimentos e promoção de cursos, oficinas e apresentações culturais. Foi implantado no local no dia 12 de julho de 1938".
Fonte: MAPA CULTURAL. Mercado dos Pinhões, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/84/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

⁴⁷ Informação fornecida por músico desconhecido em agosto de 2022.

encarregava da performance musical (o mais curioso é que o samba não faz parte da programação rotineira do bar). O trio era composto somente por mulheres, que, ao notarem a presença do mestre, logo falaram ao microfone: “Mestre Macaúba do Bandolim está conosco nessa noite. É um prazer enorme, mestre!”⁴⁸. A verdade é que, apesar do clamor das musicistas pelo bandolinista, a maioria dos que frequentavam o bar naquele dia, não sabiam de quem se tratava; mas ainda assim, o músico recebeu olhares curiosos dos que não sabiam quem ele era, mas que tinham percebido que estavam de frente a uma figura de uma certa relevância cultural.

Sentamos à mesa: eu, o casal e mais duas amigas. Beliza começou a compartilhar histórias de sua vida: “Eu e a Neidinha Castelo Branco azarávamos naquela Avenida da Universidade décadas atrás. Entrávamos nos bares, bebíamos de graça porque sempre fazíamos um show com piadas e humor; todos gostavam e não deixavam a gente pagar nem ir embora” (informação verbal)⁴⁸. Entre tantas histórias, essa me marcou especialmente, pois, anos antes, eu e uma das amigas à mesa, havíamos feito um curso de teatro com Neidinha. Saber que essas duas mestras do teatro compartilharam um passado juntas foi uma bela surpresa. Pensei em como é bonito ver o Mestre Macaúba do Bandolim ser reconhecido em espaços públicos, mas também em como gostaria que minha amiga e mestra recebesse esse mesmo reconhecimento.

3.3.4 Boteco do Arlindo

Já estive algumas vezes com os dois no Boteco do Arlindo. As primeiras vezes que tive contato com eles no estabelecimento foi em 2019 em um projeto musical que toda quarta-feira abrigava uma roda de *choro* com Macaúba do Bandolim. Foi no início das minhas interações com Beliza, eu gostava de ir porque enquanto ele tocava, ela me contava histórias e mais histórias sobre sua vida política, pessoal e artística. Naquele tempo, eu não tinha tanta intimidade com eles como tenho hoje (apesar de sempre ter existido uma simpatia muito grande entre nós), mas já havia em mim um interesse enorme pelas narrativas de Bel, pelos gracejos do bandolinista, pelo chorinho e pela preciosidade que eles eram para essa cidade.

⁴⁸ Informação fornecida por pandeirista do Trio de Samba ao microfone na Bodega dos Pinhões em agosto de 2022.

Em um sábado, dia 1º de abril de 2023, Beliza me ligou logo pela manhã “Biazinha, estamos com saudade e com um dinheirinho a mais; vamos passear hoje e você vai com a gente, vamos curtir esse samba no Arlindo” (informação verbal)⁴⁹. Óbvio que eu não me atreveria a recusar este convite.

Ao chegarmos, os músicos que compunham a programação musical do dia voltavam seus olhares para o casal; ao microfone clamavam: “mestre”, “tesouro vivo”, “gigante”, alguns dos apelidos endereçados ao bandolinista. Ele, com um sorriso no rosto disse novamente, “aí, como é difícil ser o Roberto Carlos” (informação verbal)⁵⁰. De fato, às vezes é essa a sensação que eu tenho ao chegar com ele em alguns lugares, a de que ele é uma pessoa famosa; afinal, é comum que o músico atraia saudações de pessoas que ele não conhece.

Esse foi um dia que Macaúba pôde nos agradecer como cantor, ou canário⁵¹ como ele gosta de nomear. Ele costuma cantar em ambientes em que se sente confortável, em que estabelece uma certa intimidade com os outros músicos; o samba que ele sempre canta chama-se Formiga:

Formiga que quer se perder cria asa/Por isso não saia de casa, / Acho bom me compreender. / Depois não venha me dizer/Que eu não lhe disse nada / Que não fui o seu camarada/O lado forte do seu viver./ (Raimundo Olavo e Sebastião Nunes, 1956)⁵².

Eu e Beliza saímos do bar por alguns minutos, acompanhei-a para fumar na praça que há logo em frente. Sentamos em um banco que estava virado para uma imagem da Virgem Maria, quando nos demos conta, começamos a rir; afinal, o teor das conversas não tinha nada de sagrado. Ela me contou algumas situações machistas que já vivenciou ao longo de sua vida, me trouxe alguns problemas de convivência com seu companheiro (problemas esses comuns a todo casal), e até mesmo algumas intimidades sobre a sua vida sexual (contrariando o grande estigma que existe entre sexualidade e terceira idade). A partir de seus relatos, pude rememorar alguns de meus relacionamentos e situações machistas que eu já vivi, cheguei à conclusão que apesar dos avanços, as situações teimam em se repetir em novos tempos e com uma outra roupagem. Um pouco embriagada, eu olhava para a santa, ouvia as histórias de Bel e escutava o som distante do samba que saía do

⁴⁹ Informação fornecida por Beliza Guedes em 1 de abril de 2023.

⁵⁰ Informação fornecida por Macaúba do Bandolim no Boteco do Arlindo em 1 de abril de 2023.

⁵¹ Do Macaubês, canário significa cantor.

⁵² NUNES, Sebastião; OLAVO, Raimundo. "Formiga". Intérprete: Ary Cordovil. Em: Samba é assim, 1958. Inter CD Records, 2000.

Arlindo. Pensei: “caramba, eu não esperava que algum dia teria esse tipo de conversa com uma pessoa de 72 anos”. Minha amiga tem me ensinado muito sobre o que é etarismo⁵³.

Regressamos juntas para o estabelecimento e sentamos na mesma mesa em que Macaúba estava com algumas outras pessoas que eu não conhecia. Eu, com certeza, era a pessoa mais nova dali. “Ela é sua neta? Sua sobrinha?” (informação verbal)⁵⁴ perguntavam algumas pessoas desavisadas; “não, somos amigas”, respondemos. Até hoje, não sei bem se o espanto das pessoas nos incomoda, se achamos engraçado ou se esse espanto apenas reafirma quão precioso é o nosso encontro. Que sorte eu tenho!

3.3.5 Chiquinho Drinks

Este relato é feito em memória de Tarcísio Sardinha. Antes de iniciar a leitura, recomendo que acione o *link*⁵⁵ da música na nota de rodapé para acompanhar a interpretação da escrita⁵⁶.

Chiquinho Drinks é um bar localizado no Parque Araxá (próximo ao Zé Bezerra)⁵⁷. Hoje em dia frequento esse bar com uma frequência considerável, nos sábados à noite tem um karaokê com meia dúzia de pessoas, no domingo uma roda de samba (com um equipamento de som de qualidades muito duvidosas); é um

⁵³ Discriminação e preconceito baseados na idade, geralmente das gerações mais novas em relação às mais velhas; idadismo. Fonte: Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/etarismo>. Acesso em: 14 jul. 2024.

⁵⁴ Informação fornecida por pessoas desconhecidas no Boteco do Arlindo, no dia 1 de abril de 2023.

⁵⁵ SARDINHA, Tarcísio. **Fim de tarde**. Em: Brasileirando: Caucaia, CD+, 2000. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XLzv9C_wdao. Acesso em: 15 jul. 2024.

⁵⁶ “Eu fiz uma música, que é uma das (minhas) músicas mais conhecidas ... Conhecidas assim, que a música instrumental não é conhecida porra nenhuma. Ela já foi gravada em seis discos, por seis intérpretes diferentes, já ganhou (o prêmio) Nelsons.com, como a melhor música instrumental de choro de 2000 e não sei quanto. É uma música chamada Fim de tarde (Fim de tarde recebeu o Prêmio Elsons.com da Música cearense 2000 na categoria Música de choro. A escolha foi realizada por votação no site www.nelsons.com.br, idealizado e mantido pelo jornalista cearense Nelson Augusto. A premiação ocorreu em junho de 2001 no Theatro José de Alencar). É um choro-canção. Inclusive o Dalwton Moura (jornalista cearense) colocou uma letra muito bonita. Essa música eu fiz na Praia da Redonda (praia localizada no município de Icapuí, no litoral leste do Ceará, a cerca de 200 km de Fortaleza) cheio do pau, não vou mentir. Estava com os amigos bebendo e fiz a música num pôr-do-sol. E assim fiz outras também. Como eu bebia muito, muitas delas (músicas) foram feitas por efeito de bebida” (Sardinha, 2011, p. 57).

⁵⁷ Pequeno bairro (0,5 Km² e 6,7 mil habitantes) localizado entre duas avenidas movimentadas: av. Bezerra de Menezes e Av. Jovita Feitosa. Fonte: MAIA, Geimison. Parque Araxá: O bairro conhecido pela água com poderes medicinais. **O Povo** [on-line]. Fortaleza, 23 de maio de 2013. Disponível em: www.opovo.com.br. Acesso em: 12 ago. 2023.

desses lugares em que eu me sinto bem quista pelos que trabalham lá, sou recebida com abraços e sorrisos.

O Chiquinho Drinks que eu frequento atualmente não é o mesmo bar de alguns anos atrás, acontece que o grande frequentador desse bar foi o músico violonista Tarcísio Sardinha⁵⁸, que costumava dizer que ali era o quintal de sua casa. Macaúba relata sobre o dia que conheceu o músico quando este tinha apenas 13 anos de idade:

Eu tocava no bar da Gia [...]. Na sexta-feira o Sardinha chegou lá mais o pai dele e o irmão dele, o maestro Gleisson. Ele era tão pequeno pra tocar comigo, ele com o cavaquinho debaixo do braço; nós colocamos ele num banco *pra* ele alcançar o nível do palco *pra* tocar com a gente. Foi a minha primeira participação com o Sardinha, de *lá pra cá* ninguém se separou mais. Um grande conhecimento que eu tive nessa noite, foi muito gratificante ter conhecido Tarcísio Sardinha. De *lá pra cá* nós convivemos 45 anos (informação verbal)⁵⁹.

Nunca tive muita intimidade com Sardinha; apesar de ter tido a honra de dividir algumas mesas de bar e observar algumas rodas musicais. Quando ele tocava, eu o olhava com brilho nos olhos; apesar da virtuose, para mim, ele mantinha um carinho sobrenatural com o instrumento e isso me despertava profunda admiração. Não sou musicista profissional e nem carrego muitos estudos sobre música, sou apenas apreciadora e apaixonada. Sempre observei os instrumentistas de forma atenta e, intuitivamente, criei categorias pessoais entre os músicos: os que brigavam com o instrumento (que o tocavam como se este fosse um desafio para atingir a virtuose) e os que tinham o instrumento como extensão da própria mente e coração (os que viam no instrumento a única maneira possível de expressão), estes são mais difíceis de achar, Sardinha foi um deles. Lembrei-me da fala de um espetáculo de teatro: "[...] esse instrumento, que é a extensão do coração de quem o

⁵⁸ Foi professor, arranjador, compositor e multi-instrumentista. Sardinha foi um agitador cultural relevante na vida musical de Fortaleza e do Ceará. Durante sua trajetória, apresentou-se ao lado de grandes nomes da música brasileira, como Belchior, Fagner, Amelinha, Dominguinhos e Ednardo. Além disso, foi responsável pela direção musical de shows de artistas como Falcão, Fausto Nilo e Zeca Baleiro. Fonte: PREFEITURA DE FORTALEZA. **Nota de pesar:** Tarcísio Sardinha. Prefeitura de Fortaleza [on-line]. Fortaleza, 25 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias>. Acesso em: 12 ago. 2023.

⁵⁹ Entrevista para o programa “Sardinha eterno”. Foi ao ar na TV Verdes Mares em 2022. Fonte: TORRES, Wigler. TV Verdes Mares exibe especial “Sardinha eterno”. **TV Verdes Mares** [on-line]. Fortaleza, 20 de dezembro de 2022. Disponível em: redeglobo.globo.com/tvverdesmares. Acesso em: 14 ago. 2023.

toca. Lembre-se, para tocá-lo, você tem que aproximá-lo ao peito, peito, corda e coração" (informação verbal)⁶⁰.

As poucas vezes em que estive nesse bar antes do falecimento do músico violonista, quase como uma observadora (acompanhando meu amigo Pedro), lembro muito bem de ver o Sardinha sempre envolto a pessoas mais jovens, a maioria musicistas, uma enorme roda de músicos se formava num estabelecimento de esquina (ou de encruzilhada, como eu gosto de nomear esses lugares), com cerveja barata e poucas opções de comida no cardápio. Os jovens músicos que o acompanhavam eram seus amigos, mas acima de tudo, pessoas com a sorte de poder aprender música de forma tão genuína.

Eu aprendi muito com meus amigos mais velhos e é o que acontece comigo hoje. Quem me conhece sabe que eu tenho muitos alunos. Essa nova geração do chorinho de Fortaleza - que a minha formação é de choro - não tem ninguém que não tenha passado por mim. Esses meus alunos todos tocam comigo, trabalham comigo (Sardinha, 2011, p. 53).

A única vez que estive no Chiquinho Drinks com Beliza e Macaúba foi justamente no dia que recebemos a notícia do falecimento de Tarcísio Sardinha. Era uma manhã de segunda-feira, dia 25 de abril de 2022. Curiosamente (mas não coincidentemente pois a minha espiritualidade não me permite acreditar em coincidência), as segundas-feiras são conhecidas por serem o dia de folga dos músicos profissionais da noite; afinal, a maioria dos bares e restaurantes estão fechados. A calçada do bar se encheu de músicos e amigos do falecido; em meio a cachaça e cerveja, todos tocavam suas composições e cantavam as músicas que mantinham viva a memória de Sardinha. Parecia até mesmo uma festa, e não deixava de ser, "gostaria de beber, ou seja, sofrer, ou seja, beber, mas que a embriaguez viesse do sofrimento que seria uma festa" (Genet *apud* Didi-Huberman, 2013, p. 78).

Macaúba estava com uma barba cheia, desde que seu amigo havia sido hospitalizado, manteve a promessa de não a tirar até a sua recuperação; o bandolinista ria, lembrava, tocava e então chorava lamentando aquela partida. A "festa" começou no final da manhã e durou até o horário do velório que foi no Teatro

⁶⁰ Informação fornecida em espetáculo teatral. Fonte: **MACAÚBA**: peito, corda e coração. Direção: Maria Vitória. Coletivo Zanzulim. Teatro Dragão do Mar, Fortaleza, 2023.

São José ⁶¹ no começo da noite. Com seus então 78 anos, o bandolinista lamentava a frequência de partidas que têm sido presentes em seu círculo social. Beliza, saudosa e reflexiva falou "Eu já tive a mesma coisa que ele, depois de algum tempo numa UTI, eu quase fui também. A verdade é que eu tive muita sorte"⁶². Fui para casa e pensei sobre o passar dos anos e a ação do tempo que cai sobre os corpos. "Batidas na porta da frente, é o tempo [...] ele zomba do quanto eu chorei, porque sabe passar e eu não sei"⁶³. Cheguei à triste conclusão que a vida do meu casal de amigos também não iria ser tão longa quanto eu pensava.

3.4 Mapa

"Existe uma exaltação à simpatia muito difícil de discutir em uma mesa de bar, que ainda vai continuar sendo a principal rede social que já existiu"

(Alexandre Greco e João Ernesto)

Ante os relatos, é possível identificar o teor das vivências que tive nesse ambiente boêmio com Beliza; esses lugares guardam em nossa amizade desabafos, reviver de memórias da cidade, risos e gargalhadas, etc.

Eles (os bares) insistem nas cidades como nós teimamos na vida e nos salvam do paraíso prometido, nos garantindo o sofrimento e a alegria necessários para sustentar as segundas-feiras - e como elas pesam. Nos equilibram na ruína e nos eximem da miséria. Sem o butiquim sagrado a vida do homem comum é apenas a desgraça cotidiana do trabalho, o vazio de sentido da vida moderna, a máquina, pura e vil, de moer pessoas (Greco; Ernesto, 2019, p. 38).

Diante da segmentaridade da "desgraça cotidiana do trabalho", os bares representam a fuga dessa lógica. "A linha de fuga é uma desterritorialização" (Deleuze, 1993, p. 49), uma fuga ativa, "A linha de fuga é o campo de ação do pensamento; é a força positiva por excelência. Fugir é traçar uma linha, linhas, toda

⁶¹ O Teatro São José, localizado no Centro, é um bem histórico, tombado pelo Município em 1988. Fonte: PREFEITURA DE FORTALEZA. **Teatro Municipal de São José**. Canal Cultura, Fortaleza, 26 de fevereiro de 2019. Disponível em: fortaleza.ce.gov.br. Acesso em: 12 ago. 2023.

⁶² Informação fornecida por Beliza Guedes em 25 de abril de 2022.

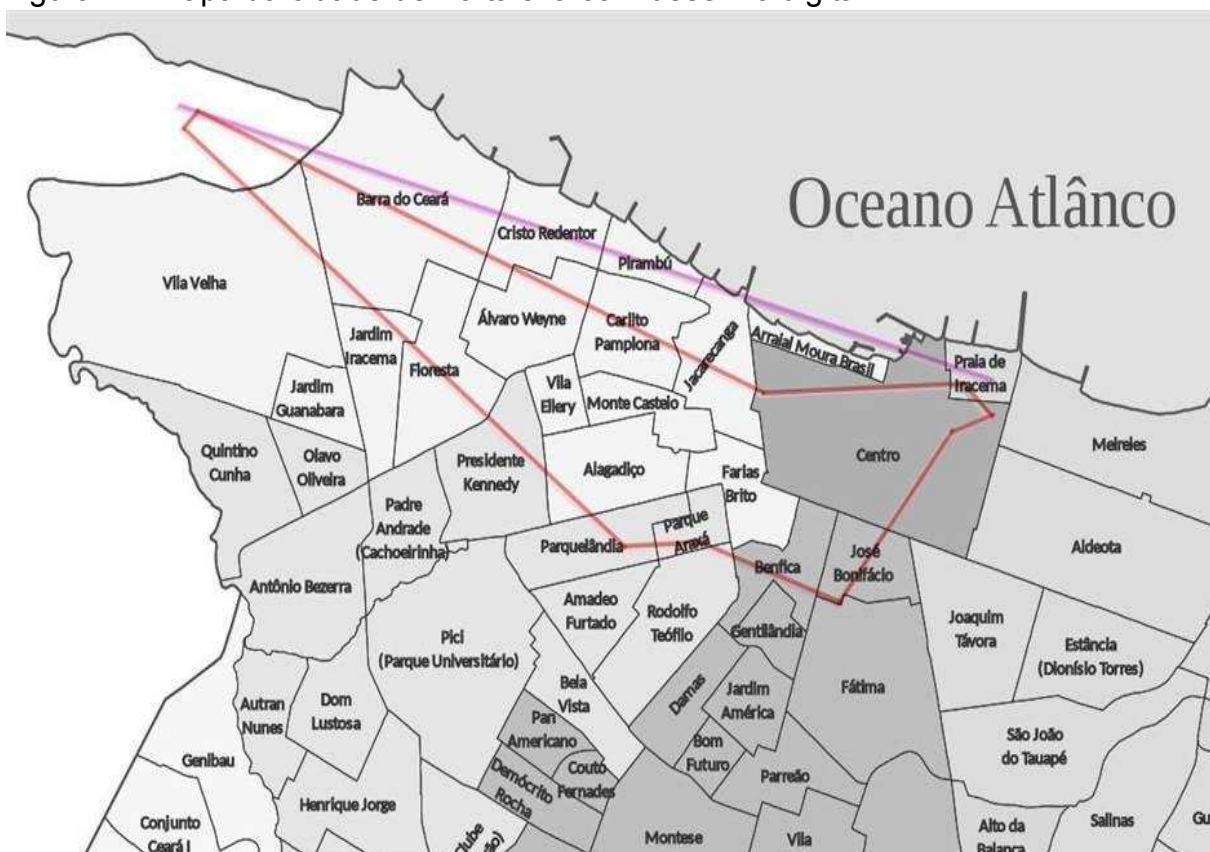
⁶³ **Resposta ao tempo**. Intérprete: Nana Caymmi. Compositor: Aldir Blanc, Cristovão Bastos. In: **Resposta ao Tempo**. Intérprete: Nana Caymmi. EMI Records Brasil Ltda, 1998. 4'43"

uma cartografia” (Lins, 2013, p. 28). Desterritorializar é também a abertura para a construção de outros territórios, novos territórios:

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relações aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (Rolnik, 2006, p. 23).

Resolvi marcar pontos no mapa da cidade de Fortaleza (Figura 4) em que os estabelecimentos citados anteriormente estão localizados. Feito isso, tracei uma linha que conecta esses pontos, formando um desenho cartográfico do nosso trajeto, criando um novo mapa, uma cartografia afetiva, por assim dizer. As linhas foram desenhadas digitalmente.

Figura 4 – Mapa da cidade de Fortaleza com desenho digital



Fonte: Adaptada da Wikipédia (2017).

“[...] as intensidades experimentadas pelos dois em seu encontro compuseram um plano de consistência. Um plano em que seus afetos tomaram corpo, literalmente, delineando um território [...]” (Rolnik, 2006, p. 33). A interseção da Fortaleza que Beliza vive e da Fortaleza que eu vivo compõem um terceiro território, o território que percorremos juntas.

Minha principal linguagem artística é a fotografia digital, a principal expressão artística dela é o bordado; a interseção entre as linhas do nosso trajeto, o ato de bordar e a minha fotografia compõem as ilustrações criadas na Figura 5.

Figura 5 – Ponto, linha, linhas - traçar um novo mapa. Fotografia com desenho digital -Caucaia, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Ao visualizar as imagens, é recomendável o acompanhamento do áudio disponível através do *Qr Code* (Figura 6), ele dá acesso a conversa que nós duas estávamos tendo no momento do *click* da foto.

Figura 6 – Qr Code (Áudio de Beliza Guedes, 2022)



Fonte: Elaborada pela autora.

As linhas desenhadas muito bem poderiam ser as linhas de um bordado, salvo o detalhe de terem sido criadas digitalmente. Acredito que o contraste entre a arte manual fotografada e o desenho criado digitalmente, tal como a escolha de manter juntas as duas fotografias apresenta o anacronismo que o nosso encontro se caracteriza. “[...] anacrônico: misturando nossos instrumentos mais contemporâneos a técnicas antiquíssimas [...]” (Didi-Huberman, 2013, p. 63) são “[...] tempos heterogêneos que se conjugam, se entrecrocavam ou entram em conflito em cada novo gesto, em cada novo trabalho” (*ibid.* p. 66). Esse anacronismo aparece na aparência de nossas mãos; na nossa diferença de idade; na história narrada pela bordadeira (sobre um tempo distante do momento da captura da foto); no ato de bordar e nas técnicas utilizadas para a criação visual. Segundo Pessoa (2009, p.44): “[...] a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias.”

Bel estava me ensinando alguns pontos de bordado quando essas fotos foram clicadas. Era uma tarde na casa dela e estávamos conversando, bordando e tomando alguns goles de cachaça; ela começou a narrar um de seus primeiros contatos com a arte do bordado. A oralidade, sempre muito presente em nossos encontros, vem aqui acompanhada de um gesto manual (gesto este que a bordadeira repete desde sua infância) "A oralidade pode ser considerada uma fala construída no corpo e pelo corpo" (Setenta, 2008, *apud* Costa; Pereira, 2016, p. 89).

Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito (Benjamin, 1994, p. 221).

"O ritmo do trabalho artesanal participa da ligação secular entre o gesto e palavra [...]" (Pinto, 2003, p. 9). As fotografias retratam a captura do movimento das mãos, e compô-las juntamente com o áudio é uma forma de trazer essa proximidade entre gesto e palavra para a visualidade artística.

Ao final da história de infância relatada na fala do áudio, podemos perceber uma outra característica referente ao ato do narrador (ainda em Benjamin): é o concludimento a que o relato chega em forma de advertência, "nunca mais você me tranque!" (informação verbal)⁶⁴. Apesar de fazer referência a uma fala de décadas atrás que foi dirigida a outra pessoa, o ouvinte obtém uma espécie de lição: Beliza não atura clausuras. "À narrativa tradicional se estabelece, assim, numa dimensão prática de transmissão de saberes na comunidade da experiência, através de uma moral, conselho ou advertência" (Pinto, 2003. p. 9).

3.5 Cartões postais afetivos

Rolnik (2006) define cartografia, para os geógrafos, como um desenho que acompanha os movimentos de transformação da paisagem. Mas defende que os territórios psicossociais também são cartografáveis. Nesse caso, a cartografia acompanha o desmanchamento e a formação de mundos que se criam para expressar afetos, em relação ao qual os universos vigentes tornam-se obsoletos.

A cidade de Fortaleza tem como principais pontos turísticos: Feirinha da Beira-mar, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Mercado dos Peixes, Parque do Cocó, Mercado Central, etc. Se alguém de outra cidade viesse a Fortaleza, visitaria grande parte dos lugares mencionados a fim de conhecer um pouco mais sobre a cultura, os costumes e a paisagem fortalezense. Mas esses lugares tornam-se obsoletos para essa pesquisa, à medida que não abarcam a Fortaleza vivida por mim e por Beliza Guedes.

O desenho digital, criado em contraposição ao mapa oficial dos bairros de Fortaleza, apresentou uma cartografia alternativa de nossos Pontos de Encontro, construída a partir dos bares que frequentamos. Essa criação inventa "[...] mundos

⁶⁴ Informação fornecida por Beliza Guedes no áudio disponível no *Qr-Code* (Figura 6).

que se criam e se desmancham, nessa incessante atividade do desejo [...]" (Rolnik, 2006, p. 57). Juntas, utilizando o encontro como ferramenta, realizamos um movimento de "[...] percorrer/traçar, descobrir/inventar uma cartografia" (*ibidem*, p. 177), desenhando um novo mapa e um novo território que dá origem a uma cidade afetiva, distinta daquela comercialmente vendida aos que estão fora dela.

Espacialmente, os pontos turísticos estão dispostos ao longo do litoral fortalezense (ou próximo dele), nos bairros: Praia de Iracema (de IDH 0,72), Meireles (de IDH 0,95), Mucuripe (de IDH 0,79) e Cocó (de IDH 0,76)⁶⁵. Grande parte dos bares que frequentamos se distanciam dessa espacialidade e adentram bairros de pouca relevância para turistas (com exceção do Largo do Mincharia). Além disso, não são lugares amplamente divulgados em meios oficiais de comunicação e alguns são até bem difíceis de serem encontrados em mapas de site de busca: por exemplo, ao pesquisar Bar do Seu Chico, sou direcionada para vários links que apontam rotas para chegar em outros estabelecimentos que têm o mesmo nome. Ademais, esses botequins não são ornamentados para vender uma imagem higienizada e tampouco para atrair olhares e se comercializar para os que estão fora da cidade; alguns querem apenas novos clientes, outros querem apenas agradar os seus fiéis frequentadores.

A listagem dos bares juntamente com os relatos das vivências que tivemos em cada um desses lugares, denunciam a qualidade do nosso encontro: o grau de intensidade que tivemos com cada um desses estabelecimentos, como nos conectamos através deles, a peculiaridade de nossas conversas e trocas, a forma que adentramos e nos portamos nesses espaços, frustrações, histórias, potências. Mas fica em mim - enquanto escritora, leitora, pesquisadora e artista visual - a necessidade e também curiosidade de inserir uma camada visual a fim de ambientar ainda mais esses lugares através dessa leitura.

A partir de inquietações referentes à Fortaleza que tem seus pontos turísticos retratados em cartões postais obsoletos, frente aos lugares de expressão dos afetos entre mim e Beliza, busco pensar em uma criação artística que tensione os lugares de representação dessas duas fortalezas (a comercial e a afetiva). Para isso, achei pertinente trazer essa Fortaleza afetiva e boêmia compartilhada por nós

⁶⁵ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Sua escala varia entre 0 e 1, sendo 1 o número referente a um maior desenvolvimento. Entre os 120 bairros na cidade, os bairros mencionados ocupam, respectivamente, os seguintes *rankings* em desenvolvimento humano: 7º, 1º, 4º e 6º.

duas para o formato de cartão postal. Uma vez que "[...] o postal contribui para construção de narrativas sobre a cidade" (Almeida, 2017, p. 34), a imagem serve como o despertar de um desejo de pertencimento por quem está vendo, um convite para vivenciar um pouco do que o lugar retratado pode oferecer. "O cartão postal é o reflexo da realidade, a vitrine do imaginário, a resposta ao desejo de contato ou de conservar o traço de uma lembrança. Ele tem a força de [...] restituir identidades [...]" (Abib, 1991 *apud* Franco, 2004, p.6). Além disso, "é por meio de cartões postais que podemos ter acesso a aspectos do imaginário social construído em torno de uma época" (Andrade, 2017, p. 6). Dito isso, convido o(a) leitor(a) a, através dessa leitura, percorrer esse trajeto - de bar em bar, de mesa em mesa.

Primeiro ponto de encontro, o Bar do Zé Bezerra (Figura 7).

Figura 7 – Bar do Zé Bezerra, pertencente à série Cartões Postais - Fotografia digital - Fortaleza, 2024



Fonte: Elaborada pela autora.

A fotografia retrata pessoas de variadas idades e cores (ainda que, infelizmente, não haja uma variedade de gênero)⁶⁶. As pessoas tocando seus

⁶⁶ Uma das coisas que pude notar ao longo das rodas de samba que frequentei na cidade, é que essas são majoritariamente formadas por homens *cis*. São raras as presenças de mulheres, é mais raro ainda (confesso que nunca tive a oportunidade de testemunhar) a presença de pessoas que fogem à lógica binária cisgênera. Ainda assim, não há em mim uma vontade de parar de frequentar esses lugares, mas pelo contrário, reafirmá-los e retomá-los como nosso espaço.

instrumentos em volta de uma mesa com uma garrafa de cachaça e alguns petiscos se confundem com as caricaturas de pessoas desenhadas na parede fazendo exatamente a mesma coisa. O bar atravessou décadas e gerações. Na parede há a representação de alguns que antecederam os músicos atuais (ainda que alguns dos músicos desenhados estejam ainda na ativa). Não há uma preocupação em deixar a estrutura do bar em linhas perfeitamente retas e simétricas na fotografia e a parede está visivelmente desgastada pela ação do tempo. A imagem denuncia que os elementos mais importantes deste bar são as pessoas, mais precisamente, os músicos.

Em direção ao mar de Iparana, no município de Caucaia, convido o leitor para fruir o próximo cartão postal retratando o Bar do Seu Chico (Figura 8).

Figura 8 – Bar do Seu Chico, pertencente à série Cartões Postais. Fotografia digital - Caucaia, 2023



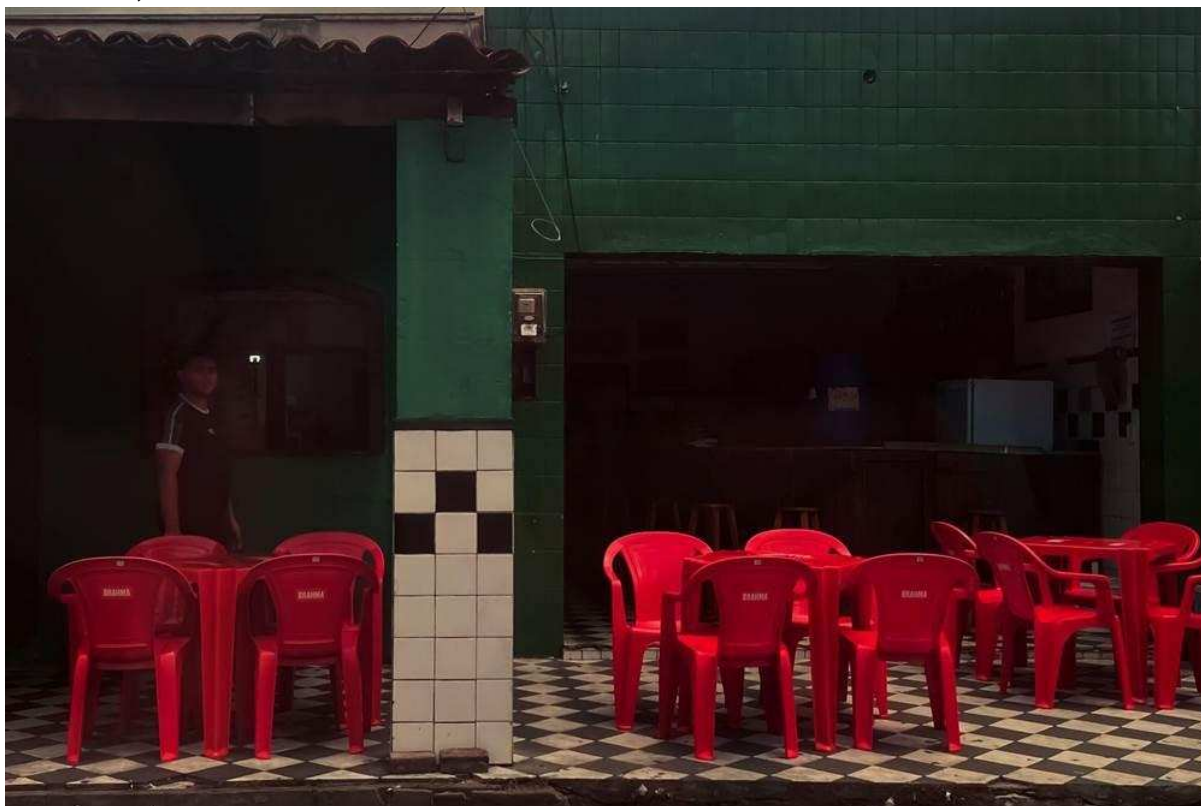
Fonte: Elaborada pela autora.

O estabelecimento fotografado pode, muito bem, ser confundido com uma casa de amplo terreno, parece até mesmo uma paisagem calma e tranquila (não fosse o som alto vindo do paredão de um carro estacionado na área). Há uma mesa principal no centro da foto e à sua direita, silhuetas de algumas outras mesas e

cadeiras. A mesa centralizada muito se parece com uma mesa de jantar comum a muitos domicílios. Um olhar um pouco mais atento, pode reparar que nessa parede há um cartaz indicando o preço da cerveja. Ok, é um bar!

Diferente da imagem anterior, não há pessoas na cena fotografada. De fato, as pessoas que me acompanharam nesse dia estavam na posição oposta ao campo de visão da lente da câmera. Também é possível notar uma preocupação maior com a retilineidade das linhas presentes na estrutura do bar e nos elementos da natureza ao redor. Apesar disso, a simplicidade do chão de terra e o estabelecimento pouco ornamentado e iluminado, denunciam que o lugar não segue uma lógica modernizada, contrariando os postais sedentos por modernidade e os lugares visitados por turistas na cidade de Fortaleza. O próximo postal se assemelha à Figura 9 quanto à perspectiva fotográfica adotada: a valorização de linhas retas. Iremos para o Boteco do Arlindo.

Figura 9 – Boteco do Arlindo, pertencente à série Cartões Postais. Fotografia digital - Fortaleza, 2024



Fonte: Elaborada pela autora.

É possível notar as linhas retas presentes na fotografia: a coluna, o piso retilíneo, o retângulo formado pela parte interior do bar. Ao contrário da imagem

anterior, o plano desta se aproxima mais do ambiente e não demonstra onde ele está inserido no espaço; além disso, esta tem a presença de uma pessoa, que no momento do *click* olhou para a câmera, se trata de um garçom que caminha por entre as mesas. Mas, a presença intensa de sombras demonstra um certo anonimato, onde a fachada do recinto ganha mais evidência; o homem compõe a cena para demonstrar a perspectiva de escalas da arquitetura do espaço e apresentar um costume rotineiro do lugar.

A área interna, com forte sombreamento, ao mesmo tempo que traz um certo mistério e curiosidade em conseguir ver os elementos presentes em seu interior; também contrasta com a visibilidade e enfoque direcionados à parte externa do bar. Fotografei esse momento em um domingo. Embora seja um dia normalmente muito movimentado, o boteco havia acabado de abrir, razão pela qual as cadeiras estão vazias, o que contribui para acentuar a atmosfera misteriosa que permeia a imagem.

No próximo cartão postal, vamos nos aproximar do mar da Praia de Iracema, no Largo do Mincharia (Figura 10).

Figura 10 – Largo do Mincharia, pertencente à série Cartões Postais. Fotografia digital - Fortaleza, 2024



Fonte: Elaborada pela autora.

O Largo do Mincharia também está localizado em um ponto turístico da capital cearense, no calçadão da Praia de Iracema. As cadeiras vermelhas e de plástico se assemelham às da Figura 9, mas apesar de vazias, a presença de pessoas no canto superior esquerdo da imagem demonstra que havia uma movimentação considerável de pessoas no instante fotografado; tal como o cartão postal anterior, as pessoas presentes neste registro carregam um certo anonimato e representam outra situação rotineira: clientes em fila no balcão para pagar a conta ou fazer os seus pedidos.

Apesar das mesas e cadeiras de plástico, a estrutura de madeira que abriga a cozinha e o caixa, os azulejos, as paredes bem pintadas e as luzes decorando o ambiente, aponta que este recinto é voltado para um público de maior poder aquisitivo. As cadeiras estão posicionadas de modo a construir um formato triangular entre elas. Em uma das pontas desse triângulo, há um banner com a caricatura de quatro personagens desenhadas; tal como a parede do Zé Bezerra, mas em proporções bem menores, o desenho se trata de algum tipo de homenagem aos antepassados de um Mincharia que persiste por décadas.

Depois de alguns quarteirões, nos deslocamos para a confluência entre o centro da cidade e a Praia de Iracema: Bodega dos Pinhões.

Figura 11 – Bodega dos Pinhões, pertencente à série Cartões Postais. Fotografia digital - Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Tal como o Largo do Mincharia, este bar está inserido em um lugar turístico de Fortaleza, destinado a fins culturais e comerciais, o Mercado dos Pinhões. Em 2006 o prédio foi tombado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, tornando-se um bem cultural da cidade⁶⁷. Mas ao redor de sua estrutura, as cadeiras de plástico com logotipos de cervejas brasileiras tomam conta das ruas e calçadas. Optei por não fotografar o prédio, pois as cadeiras de plástico estão mais associadas aos costumes desse novo território traçado.

3.6 Remapeamento – um projeto de instalação entre oralidade e boemia

Numa instalação, o artista lança a obra no espaço, uma junção de materiais variados propõe construir uma cena em que o movimento é dado pela relação entre os objetos⁶⁸. Algumas criações visuais foram exibidas no decorrer desse capítulo, tal como inquietações a partir das quais as obras foram criadas. Chegou a hora de unir essas criações em uma proposição para espaço museográfico de exibição artística.

Neste primeiro projeto instalativo, irei retomar a fotografia Bom Bocado criada a partir do meu primeiro encontro com Beliza. A fotografia em grandes proporções (220 cm x 112 cm) colada na parede, convida o espectador a sentar à mesa em sua frente (Figura 12). Uma caixa de som preenche sonoramente o ambiente com a música Doce de coco de Jacob do Bandolim com interpretação de Macaúba do Bandolim; uma garrafa de cachaça e alguns copos plásticos dispostos em cima da mesa oferecem uma dose para o espectador, convidando-o a brindar.

⁶⁷ NOBRE, Leila. **A beleza do Mercado dos Pinhões**. Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2015/12/a-beleza-do-mercado-dos-pinhoes.html>. Acesso em: 14 jul. 2024.

⁶⁸ A partir de texto retirado de artigo de página da internet. Fonte: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Instalação**. 2020. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3648/instalacao>. Acesso em: 18 jul. 2024.

Figura 12 – Um brinde ao Bom Bocado. Projeto de instalação a partir da fotografia digital, 2024

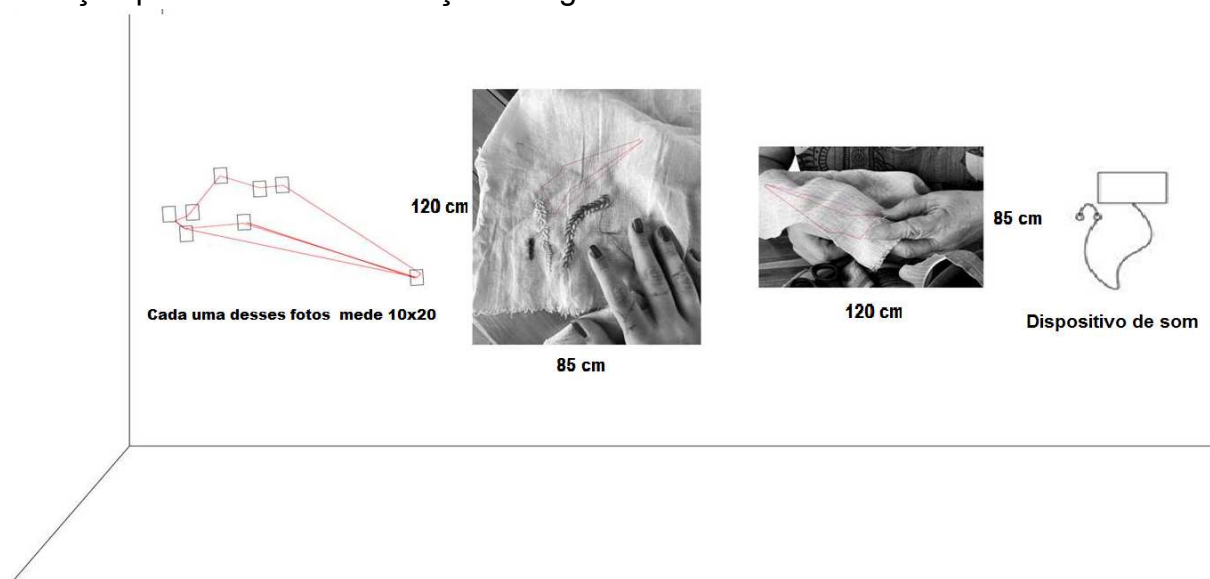


Fonte: Elaborado pela autora.

A imagem em grandes proporções nasce da minha ânsia em dar visibilidade à uma mulher que carrega anos de sabedoria, luta e arte, numa longa trajetória entre as camadas culturais e políticas da cidade de Fortaleza. Mas que, além disso, está sempre aberta aos encontros, principalmente aqueles que acontecem em mesa de bar, lugar de encontro com seus saberes e experiências. Apesar de sua grandeza, o brinde é feito junto a ela e não somente para ela. O projeto instalativo acima é o projeto da materialização do nosso encontro, não numa perspectiva de representá-lo, mas de abri-lo para o espectador, propondo com ele (e para ele) uma abertura para uma conexão que está fora do indivíduo, um agenciamento. A inserção de um espaço boêmio (referente a ruas e bares) dentro de um espaço de exposição (como um museu) propõe um jogo entre ambientes que tem suas verdades pré-estabelecidas.

Partiremos para o segundo projeto instalativo, onde trago as fotografias de ponto, linha, linhas - traçar um novo mapa juntamente com as fotografias criadas e pensadas para a série Cartões Postais (Figura 13).

Figura 13 – Ponto, linha, linhas - traçar um novo mapa. Projeto de instalação, 2024. Rotação para melhor visualização da figura



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa proposta instalativa, as fotografias (Figura 5) são dispostas lado a lado. À esquerda, na parede, fios de barbante reproduzem o desenho digital das fotografias anteriores; as fotos criadas na série Cartões Postais são dispostas nos pontos que conectam essas linhas, e cada foto está posicionada de acordo com a localidade de seu respectivo bar. Na extremidade direita, um fone de ouvido onde o espectador pode escutar a narração de Bel.

A instalação é uma conexão entre os bares, a fotografia de bordado, o desenho digital e a narração. O ponto de partida deste projeto de instalação são as fotografias da série "Ponto, linha, linhas - traçar um novo mapa". As imagens retratam o gesto manual do bordado, porém, as linhas que aparecem sobre o tecido não são resultado de um bordado real, mas de um desenho digital, propondo uma reflexão sobre a relação entre o manual e o digital. O desenho é um novo mapa desenhado por nós duas, o mapa que conecta nossos Pontos de Encontro, os bares.

Ao replicar esse desenho na parede, trago para a instalação as linhas que não estiveram na fotografia digital e, em conexão com os cartões postais dos bares, situo o ponto de partida para a criação desse desenho. Como foi dito ao longo deste capítulo, os bares são cenário para que a narrativa oral de Beliza flua, então ao trazer o áudio, busco tensionar a conexão entre bar e oralidade.

5 LINHA DE TRAJETO

No capítulo anterior, compartilhei as andanças percorridas juntamente com Beliza por entre os bares da região metropolitana de Fortaleza. Primeiramente, a partir do conceito de virtualidade e produção de dados presente em "O Funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo" de Kastrup (2007), entendi que os encontros que tivemos antes de 2022 já faziam parte de uma produção de dados de pesquisa; depois lancei um olhar para o gesto de suspensão, essencial para o gesto atencional de abertura ao encontro, e apresentei como a oralidade foi capaz de desempenhar esse papel; aberta aos afetos que pedem passagem, compartilhei um pouco os dados produzidos nesta pesquisa, a natureza dos nossos encontros em bares; por fim, ambientei esses espaços através da criação de fotografias para cartões postais.

Neste capítulo, analisarei uma outra camada instituída pela nossa amizade, o trajeto feito para encontrá-la em sua casa. Não percorremos esse caminho juntas, mas depois de inúmeras idas e vindas, percebi o quanto esse caminho por entre ruas e avenidas era importante para essa pesquisa. "No caso da cartografia, a mera presença no campo de pesquisa expõe o cartógrafo a inúmeros elementos salientes, que parecem convocar a atenção" (Kastrup, 2007, p. 17), dotada de uma atenção aberta preparada para o acolhimento do inesperado, tive a minha atenção convocada por um elemento que não esteve presente nos nossos encontros, mas um elemento que foi proporcionado por ele: a rota entre a minha casa, localizada no bairro Aldeota e a casa de Beliza e Macaúba, localizada no bairro de Iparana, no município de Caucaia; um deslocamento que mede aproximadamente 14 km.

Primeiramente, proponho um breve panorama dos dois bairros citados. A partir dele será possível perceber as diferenças entre as localidades de duas casas tão distantes e aparentemente desconexas. Depois, situarei o leitor espacialmente nesse trajeto: qual a rota, como começa, como se segue, quais bairros esse trajeto abarca, quantas fortalezas ele é capaz de percorrer. Por fim, conectarei esses dois universos através de ruas e avenidas, falando sobre o início do meu movimento de desterritorialização que acontece ao longo do caminho.

4.1 Aldeota e Iparana

Nardi (2012) em “Pesquisar na diferença: um abecedário” se debruçou sobre o verbo comparar a ser conjugado na prática da pesquisa científica. Ele aponta as diversas formas em que a comparação pode ser compreendida como estratégia de pesquisa.

Dentro de uma perspectiva positivista, ele aponta comparar como distinguir variáveis comuns estabelecendo leis de funcionamento e correlação. Os fenômenos analisados, para serem passíveis de comparação, devem ter características comuns. Ao contrário, em uma abordagem genealógica, a comparação objetiva deve “[...] compreender os campos de pesquisa nas suas especificidades e estabelecer estratégias que façam sentido para aquelas situações com as quais nos deparamos nas abordagens/construções do campo” (Nardi, 2012, p. 55).

O autor, a partir de Robert Castel (1998), diferencia a perspectiva comparativa do comparatismo. Sendo a primeira uma licença para compreender as especificidades históricas e os campos de força dos contextos analisados; e o segundo, um paralelo sugerindo um jogo entre diferenças e semelhanças para evidenciar as constantes.

Segundo Eric Fassin (2001) a comparação entre culturas ou arranjos societários, por exemplo, auxilia, a partir de seu efeito de espelho, suspender a naturalização das verdades ancoradas nas raízes destes. Este efeito de espelho pode ser pensado como uma distorção que desacomoda um olhar que espera o retorno do mesmo. Fazer o exercício de comparação produz um efeito de estranhamento duplo (Nardi, 2008), isto é, tanto em relação ao que pensamos conhecer, pois o que ouvimos e vemos não corresponde ao já visto e, assim, nos faz pensar em outras formas de analisar; tanto quanto na direção do contexto no qual buscamos uma imersão quanto ao contexto no qual estamos imersos (Nardi, 2012, p. 56)

Ao propor uma comparação entre a localidade dessas duas casas, busco colocar alguns questionamentos frente às verdades pré-estabelecidas pela mídia e pelos dados estatísticos. O que vale aqui é discorrer sobre a Aldeota que eu conheço e a Iparana que me foi apresentada em contraposição a esses elementos que me foram dados, numa intenção de suspender a naturalização de verdades ancoradas.

4.1.1 Aldeota

Moro no bairro Aldeota desde que eu tinha 12 anos de idade, estudei em escola particular durante o ensino médio e pude entrar na faculdade com 18 anos de idade. Bom, minha trajetória foi privilegiada, e não posso deixar de mencionar isso, já que ao longo deste capítulo estarei falando de cidade. Vivo em um apartamento num prédio de três andares. Apesar dos privilégios, o prédio em que vivo está longe de se equiparar aos condomínios de luxos do bairro, esses que guardam arranha-céus.

Ao fazer uma pesquisa sobre o bairro em um desses sites de busca, me deparei com o primeiro *link* de anúncio, um site imobiliário dando 9 bons motivos para viver na localidade: segurança, comércio, lazer, saúde e educação, infraestrutura, arborização, valorização imobiliária, qualidade de vida e, por último, o argumento de que a área "fica próxima de tudo". Considerando que o bairro está em segundo lugar no *ranking* de Índice de Desenvolvimento Humano entre os bairros de Fortaleza, as expectativas apresentadas pela empresa imobiliária parecem não estar distantes da realidade.

De fato, ao caminhar por entre as ruas que rodeiam a minha casa, posso perceber uma grande presença de clínicas de saúde e hospitais, mas percebo também que todas as clínicas e a maioria dos hospitais são de natureza particular. Uma pessoa que depende do sistema público de saúde, realmente teria seu acesso à saúde beneficiado na área da Aldeota?

Há um outro ponto curioso referente à suposta segurança do bairro. É verdade que as ruas da Aldeota têm menor taxa de homicídio se comparada a outros bairros⁶⁹, mas isso não quer dizer que o bairro esteja livre de crimes das mais variadas categorias. Decidi fazer uma pesquisa na internet com as palavras "Aldeota + crimes", acessei apenas os primeiros *links* de notícia e fiz captura de tela de cada uma das manchetes (Figura 14).

⁶⁹ BORGES, Messias. Geografia do Crime: áreas de Fortaleza com piores IDHs concentram maior número de homicídios. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/geografia-do-crime-areas-de-fortaleza-com-piores-idhs-concentram-maior-numero-de-homicidios-em-2020-1.3057840#>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Figura 14 – Montagem digital com manchetes de jornais de crimes cometidos no bairro Aldeota

Idosa é morta pelo filho a facadas dentro de casa, em Fortaleza

Segundo as investigações, o filho tirou a própria vida logo após o crime. Os corpos foram encontrados na manhã desta quarta-feira (19) em um imóvel do Bairro Aldeota.

Por G1 CE
19/01/2022 20:09 - Atualizado há 2 anos

Mãe e filha são autuadas por maus-tratos contra 10 cães na Aldeota por meio da Lei Sansão

A intervenção da Justiça ocorreu por meio do primeiro acionamento da Lei Sansão em Fortaleza, após denúncia ajuizada pelo Ministério Público do Ceará.

22.16 | Dez. 01, 2020 Autor: Alan Wagner Tipo: Notícia

Aldeota: PF apreende R\$ 1 milhão em espécie com empresário de Goiás

O dinheiro estava com um homem de 55 anos, polícia investiga crime de lavagem de dinheiro

22:49 | Abr. 16, 2023 Autor: O Povo Tipo: Notícia

Empresária é indiciada por homicídio culposo que vitimou economista em acidente na Aldeota

SEGURANÇA

Vítima ultrapassou o sinal vermelho, mas suspeita dirigia alcoolizada e em alta velocidade

Escrito por Melissa Borges, [melissa.borges@globo.com](#) às 09:00 - 04 de Dezembro de 2022

Homem é preso após se recusar a pagar conta e disparar tiros em rua da Aldeota

Com o suspeito, os policiais militares informaram ter apreendido uma pistola, munições e cocaína. Ninguém foi atingido pelos tiros.

11:29 | 12/10/2023 Autor: Celidiano O POVO Tipo: Notícia

Policial é denunciado por atirar durante briga em saída de boate na Aldeota

Inspeção afirmou que os disparos foram efetuados em legítima defesa

22:34 | 29/11/2023 Autor: Celidiano O POVO Tipo: Notícia



Vítima de importunação sexual em elevador encoraja denúncia: 'Nós não temos que ter vergonha'

A mulher teve partes íntimas apalpadadas por um homem no elevador de um centro comercial na Aldeota, no último 15 de fevereiro. Inquérito está próximo de ser concluído

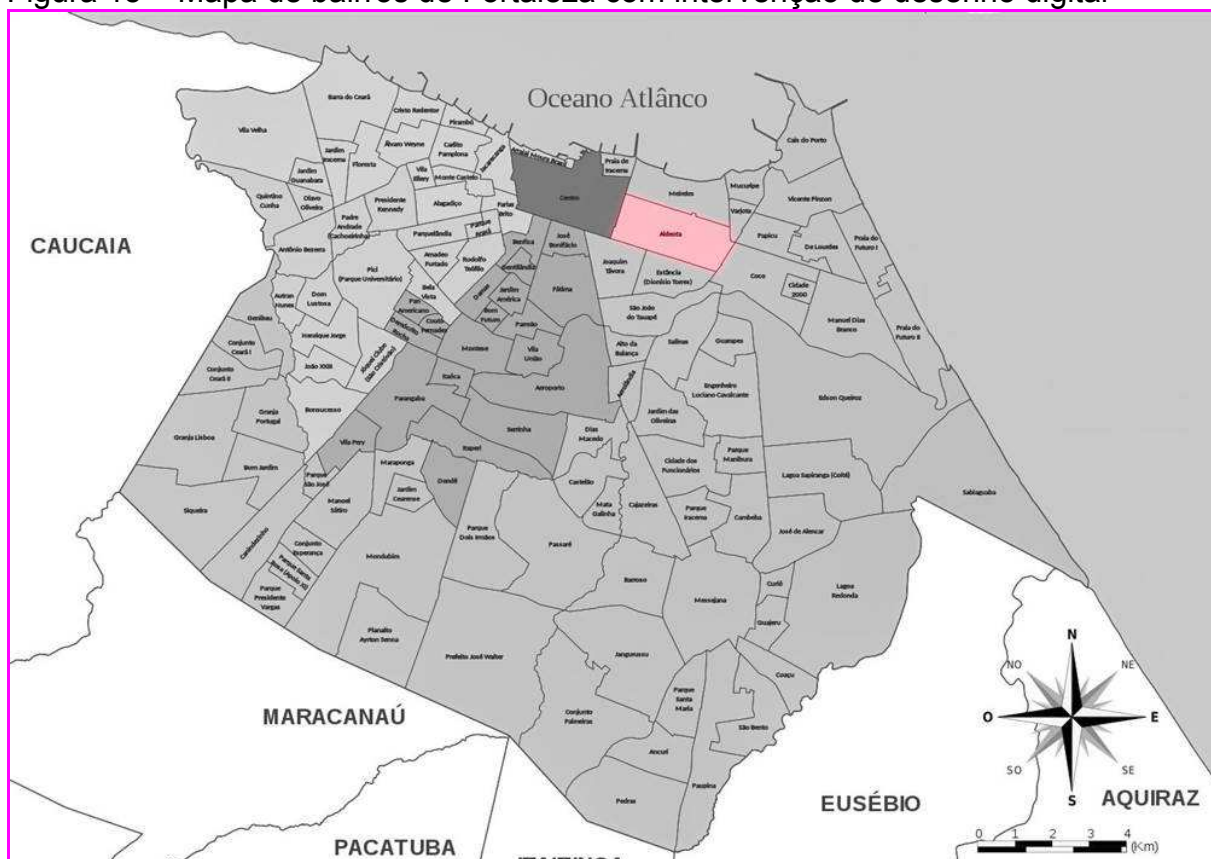
Luana Severo e Messias Borges 30 de Março de 2024

Fonte: Elaborada pela autora.

Parece-me que essa Aldeota das manchetes muito se difere daquela estampada nos sites imobiliários. Sete matérias foram selecionadas e algumas, em específico, despertaram o meu olhar reflexivo ao perceber que seus respectivos crimes não só ocorreram longe do espaço das ruas, como invadiram ambientes internos, ambientes tidos como de resguardo e segurança.

Além disso, em uma cidade que abriga 120 bairros, parece paradoxal dizer que um deles "fica próximo de tudo". Marquei em cor vermelha a área que corresponde ao bairro Aldeota (Figura 15), perto da área marítima, uma vista pouco atenta consegue perceber o quanto este está espacialmente distante da maioria dos bairros da cidade. No entanto, isso não significa que o *site* esteja fazendo algum tipo de propaganda enganosa, mas reflete um olhar específico sobre a cidade. Ao trazer esses dados, não há em mim uma intenção de classificar o bairro como bom ou ruim, mas de trazer uma reflexão que atravessa além dos dados estatísticos concedidos.

Figura 15 – Mapa de bairros de Fortaleza com intervenção de desenho digital



Fonte: Adaptada da Wikipédia (2017).

Realizei a captura de tela da fachada do prédio onde moro (Figura 16) por meio da plataforma *Google Street View*. Trago essa imagem para o trabalho sem a intenção de propor uma fotografia de minha autoria, a qual envolveria composição de cores, iluminação, enquadramento e edição. Ao utilizar plataformas oficiais de satélite, meu objetivo é compartilhar como esse lugar é visto e representado para o mundo, relacionando-o com as inquietações abordadas ao longo deste texto.

Figura 16 – Fachada do prédio, portão para entrada de pedestres



Fonte: Google Street View (2024).

4.1.2 Iparana

Beliza Guedes e Macaúba do Bandolim moram em uma casa situada a poucos metros da Praia de Iparana e também a poucos metros da Praça de Iparana (localizada na principal avenida da área, a Av. Ulisses Guimarães) no município de Caucaia (região metropolitana de Fortaleza). A casa é simples em sua fachada, mas o portão dá acesso a uma acomodação ampla e com uma área externa de amplitude ainda maior. É uma localidade praiana, englobada pela Grande Caucaia sendo uma expansão adjacente à Sede Municipal⁷⁰.

Ao pesquisar sobre essa localidade praiana em sites de busca recebo poucas informações e algumas um tanto quanto contraditórias. Não há informações quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano, de acordo com o censo de 2010, sua população é de 5.986 habitantes⁷¹, enquanto o município de Caucaia conta com 355.679 pessoas, de acordo com o censo do IBGE em 2022⁷². Encontro algumas

⁷⁰ De acordo com a Lei Complementar n° 62 de 12 de fevereiro de 2019. Fonte: PREFEITURA DE CAUCAIA. **Organização territorial**, 2019. Disponível em: <https://www.caucaia.ce.gov.br/publicacoes.php?id=1654>. Acesso em: 12 jul. 2024.

⁷¹ POPULAÇÃO. **População - Iparana**. Disponível em: http://populacao.net.br/populacao-iparana_caucaia_ce.html. Acesso em: 12 jul. 2024.

⁷² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Caucaia**. Gov.br, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/caucaia/panorama>. Acesso em: 12 jul. 2024.

notícias referentes ao avanço do mar comprometendo casas e comércios em sua orla.

A praia de Iparana foi identificada como área de recuo acelerado da linha de praia em direção ao continente, com aproximadamente 2,4 km de comprimento, que representam em alguns locais 400m de avanço do mar. Este avanço provocou destruição de residências e pontos comerciais, desmonte de dunas, derrubada da vegetação nativa e diminuição da faixa de praia (Lustosa, 2000, p. 2).

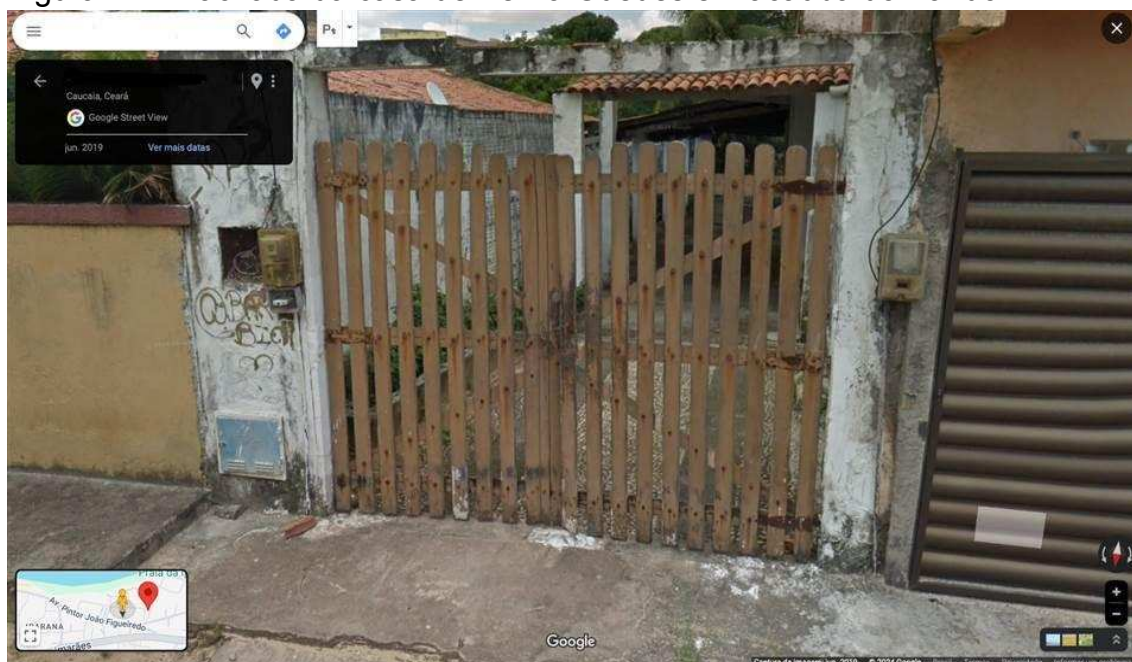
Apesar de encontrar poucas informações estatísticas sobre o bairro em si, encontro alguns anúncios de aluguel de casas e quartos de hotéis (curiosamente com avaliações não muito boas nos sites de turismo), com destaque especial para o SESC Iparana, um hotel ecológico ligado ao SESC do Ceará, que abriga algumas programações culturais, conferências, encontros, etc. Também encontro algumas notícias referentes às facções criminosas organizadas em Caucaia⁷³. A verdade é que a Iparana que me foi apresentada pelos meus amigos e mestres, não se assemelha a nenhuma dessas categorizadas nesses sites de busca.

A Iparana que me foi apresentada pelos mestres, não parece ser muito contemplada por essa que é encontrada em *sites* de busca. A casa (Figura 17) é mantida sem tranca durante o dia. Rotineiramente, quando eu chego na casa deles, simplesmente abro o portão, entro e os chamo "Belzinha? Macaúba?". Eles parecem não se importar com quem entra, é comum estarmos reunidos no quintal e alguém aparecer lá sem aviso ou batidas na porta. Não se trata sobre um território sem lei em que cada um pode entrar, mas dificilmente alguém que não tenha relação com o casal, entrará na casa. "Aqui ninguém mexe com a gente, Biazinha, é uma tranquilidade. A gente conhece todo mundo dessa comunidade, todo mundo respeita a gente"⁷⁴.

⁷³ BARBOSA, Lucas. Facção criminosa no Ceará: uma breve história dessas organizações em Caucaia. **O Povo**, 2023. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/caucaia/2023/10/02/facciao-criminosa-no-ceara-uma-breve-historia-dessas-organizacoes-em-caucaia.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

⁷⁴ Informação fornecida por Beliza Guedes entre os anos de 2019 e 2024.

Figura 17 – Fachada da casa de Beliza Guedes e Macaúba do Bandolim



Fonte: Google Street View (2024).

Pela idade avançada e a dificuldade em caminhar com agilidade, Macaúba disca alguns números em seu celular (desses que só servem para ligar e atender) e pede que alguém lhe traga alguma coisa (cerveja, cachaça, leite, pão, etc); não se trata de um serviço de entrega ofertado, mas de pessoas de uma comunidade prontas para lhe atender.

Fui algumas vezes à praia, uma espécie de escadaria de terra que, em condições não muito estruturadas, leva até a praia (às vezes em que eu fui, não fui acompanhada do casal, pois o acesso apresenta dificuldades para a mobilidade dos dois). É um mar bonito e uma praia sem muito movimento. É possível ver um paredão de pedras estendido ao longo da orla.

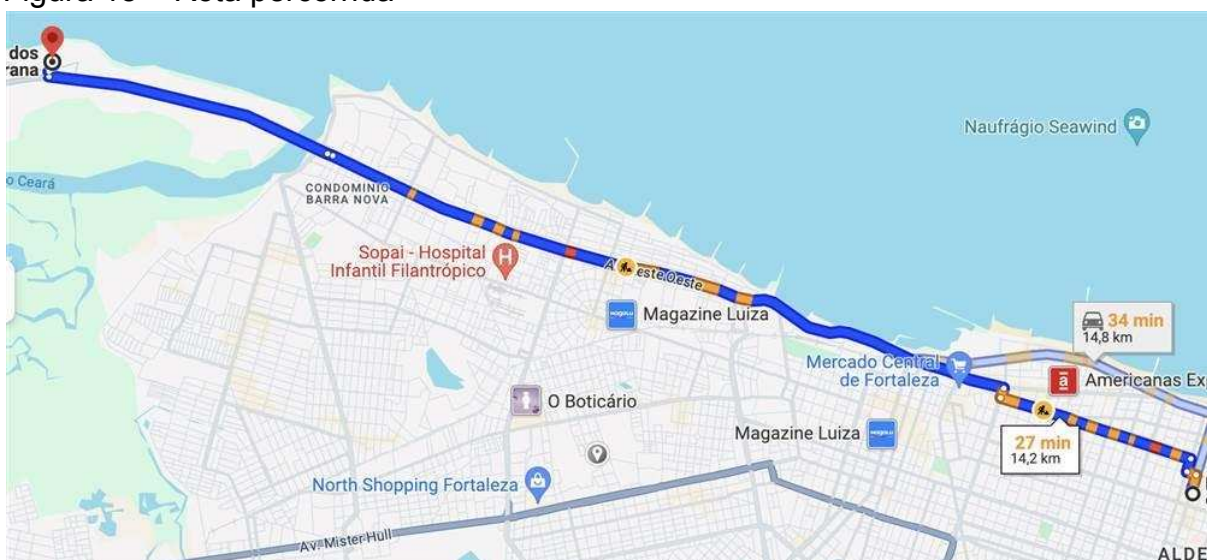
Às vezes vamos ao Bar do Seu Chico, outras vezes vamos visitar a irmã de Bel, Bia Guedes (que vive em uma grande casa, muito bem ornamentada e de frente para o mar) e algumas outras, vamos tomar um café com bolo em um pequeno estabelecimento no final da esquina. Não importa onde a gente vá ou se estamos caminhando na rua, Macaúba e Beliza são sempre reconhecidos por todos.

4.2 Algumas informações sobre o percurso

De carro ou *Uber* moto, atravesso em linha reta toda a extensão da Rua Costa Barros. Em seguida, desvio por três ou quatro quarteirões para acessar a

Avenida Leste-Oeste (ou Avenida Presidente Castelo Branco), pela qual sigo ao longo de sua totalidade até a ponte sobre o Rio Ceará, que conecta Fortaleza a Caucaia. Ainda em movimento linear, a Avenida Leste-Oeste cede lugar à Avenida Ulisses Guimarães, por onde percorro alguns quilômetros até chegar à praça de Iparana. A partir desse ponto, adentro as pequenas ruas que me levam à casa dos mestres. Ao longo desse caminho atravesso alguns bairros: Aldeota, Meireles, Praia de Iracema, Arraial Moura Brasil, Jacarecanga, Pirambu, Carlito Pamplona, Álvaro Weyne, Barra do Ceará e Iparana. Na Figura 18, o percurso é traçado sobre o mapa da cidade, é possível perceber que ele acontece quase que em uma única linha reta.

Figura 18 – Rota percorrida



Fonte: Google Maps (2024).

Logo no início do trajeto, à minha direita, vejo o Centro Cultural do Dragão do Mar, espaço cultural que abriga teatro, museus, cinema e espaço para apresentações musicais; poucos quarteirões à frente está o Marina Park Hotel, luxuoso hotel cinco estrelas; logo ao lado está a Estátua de Santa Edwiges, imagem religiosa de 11 metros de altura; o mar aparece por mais alguns quarteirões e então eu chego na praia da leste, lugar de lazer, onde vejo algumas pessoas nas calçadas da avenida com roupas de banho, chinelos e pranchas de surfe.

Aqui, ainda não cheguei nem na metade do caminho, mas já pude me deparar com cidades diversas: um espaço cultural, um hotel de luxo, um espaço de lazer e outro voltado para fins religiosos. Escolhi esses pontos de parada específicos por serem lugares oficiais e endereçados, facilitando a busca nos mapas digitais.

Mas, ao percorrer o início da avenida que abriga esses lugares, algumas inquietações me ocorrem.

A maior parte dos lugares mencionados no parágrafo anterior (exceto o Dragão do Mar) está incluída no bairro Arraial Moura Brasil. Este território está entre os piores índices de desenvolvimento humano (IDH) da cidade com o número aproximado de 0,284 ocupando a posição 76 no *ranking* de IDH entre 120 bairros⁷⁵. "Ao mesmo tempo em que abriga o Marina Park Hotel – um dos símbolos do turismo de Fortaleza, o local também abriga a favela Oitão Preto, considerada a 'cracolândia' da capital cearense"⁷⁶ (Welma, 2018). Percebo uma grande diferença entre o que está à direita da avenida e o que está à esquerda; deste lado, há um paredão de casas modestas coladas umas nas outras. Há aqui uma situação comum a muitos bairros fortalezenses: Enclave, de acordo com a geografia política, "é um [território](#) [...] com distinções políticas, sociais e ou culturais cujas [fronteiras](#) geográficas ficam inteiramente dentro dos limites de um outro território ou região [...]" (Dellagnezze, 2016, local. 4). Apesar de inserido no Moura Brasil, o Marina Park Hotel pertence a um outro território, com realidades e índices diferentes. O bairro "[...] é cenário para essa característica [...] devido à sua profunda desigualdade social coexistindo (e se excluindo) em um mesmo espaço" (*ibid.*).

Seguindo pela mesma avenida, um pouco mais adiante, passo por outro ponto, a Areninha do Pirambu, espaço esportivo localizado no encontro do bairro Jacarecanga com o bairro Pirambu. A área de 6.173 m² fica próxima ao mar e passou por reformas realizadas pela Prefeitura, com instalação de iluminação, academia ao ar livre, acessibilidade, grama sintética padrão FIFA, entre outras⁷⁷ (Prefeito [...], 2023). O espaço é oferecido para a população no entorno. O Jacarecanga ocupa o lugar 35 no *ranking* de IDH, com 0,448; é uma posição bem melhor se compararmos com o bairro retratado anteriormente, mas ainda assim, seu

⁷⁵ DADOS ABERTOS FORTALEZA. **Desenvolvimento humano por bairro de Fortaleza**. Fortaleza, 2022. Disponível em: <http://dados.fortaleza.ce.gov.br>. Acesso em: 25 jul. 2024.

⁷⁶ Trecho de reportagem. Fonte: WELMA, Jéssica. **Reportagem sobre bairro de Fortaleza com IDH similar ao de países africanos vence o 6º Prêmio Fecomércio de Sustentabilidade na categoria jornalismo**. Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://www.fecomercio.com.br/noticia/reportagem-sobre-bairro-de-fortaleza-com-idh-similar-ao-de-paises-africanos-vence-o-6o-premio-fecomercio-de-sustentabilidade-na-categoria-jornalismo>. Acesso em: 26 jul. 2024.

⁷⁷ PORTAL DA PREFEITURA. **Prefeito José Sarto entrega requalificação da Areninha do Pirambu**. Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeito-jose-sarto-entrega-requalificacao-da-areninha-pirambu>. Acesso em: 23 mar. 2024.

índice é considerado baixo⁷⁸. Em contrapartida, o Pirambu está na posição 93 no *ranking* de IDH com o número alarmante de 0,229.

O mar deixa de acompanhar a vista do meu caminhar e só me encontra 6 km à frente, ao final da Av. Leste e Oeste, quando chego na ponte do Rio Ceará, localizada na Barra do Ceará, conectando Fortaleza e Caucaia. Deparo-me com a vista bonita do encontro do rio com o mar, ao atravessar a ponte. A ponte foi inaugurada em 1997, e conta com uma pista dupla de 633,75 metros⁷⁹ interligando a Barra do Ceará com Iparana. O bairro em Fortaleza é o mais antigo da cidade, e está em 99º no *ranking* de Índice de Desenvolvimento Humano, 0,21. Considerado o pôr-do-sol mais bonito da cidade, a área recebeu intervenções da prefeitura (iluminação, quiosques, boxes, paisagismo, gastronomia) devido ao seu potencial turístico⁸⁰.

O acesso facilitado não trouxe democratização econômica e cultural capazes de atender as necessidades do segundo bairro mais populoso da capital. Mesmo com importantes equipamentos de esporte, lazer e cultura [...], as ações do poder público são pontuais e descontinuidas [...] o bairro de alta densidade habitacional e baixa renda per-capita é um modelo perfeito das contradições de nossa bela e desigual cidade (Damasceno, 2023)⁸¹.

Chego na praça de Iparana, abaixo os vidros⁸² e percorro mais 3 quarteirões numa estrada de barro, às vezes alagada pelas águas da chuva. Neste curto trajeto, é possível ver algumas pessoas caminhando pelas ruas, crianças brincando e a presença de alguns cachorros sem raça definida.

As breves informações geográficas e estatísticas dadas têm a intenção de tornar a leitura a seguir mais fluida. O texto a seguir, seguirá a mesma estrutura

⁷⁸ Até 0,449, o índice é considerado de desenvolvimento humano baixo. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/>> Acesso em: 15 abr. 2024.

⁷⁹ VIANA, Theyse. Ponte da Barra do Ceará faz 25 anos entre mudanças na paisagem e na rotina local. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/ponte-da-barra-do-ceara-faz-25-anos-entre-mudancas-na-paisagem-e-na-rotina-local-1.3285200>. Acesso em: 15 mar. 2024.

⁸⁰ PORTAL DA PREFEITURA. **Prefeitura de Fortaleza entrega projeto Beira-Rio da Barra do Ceará**. Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-entrega-projeto-beira-rio-na-barra-do-o-ceara>. Acesso em: 15 mar. 2024.

⁸¹ Damasceno, P. A. Barra do Ceará comemora 419 anos de história. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniaao/colunistas/pa-damasceno/barra-do-ceara-co-memora-419-anos-de-historia-1.3396473>. Acesso em: 16 mar. 2024.

⁸² Em Fortaleza e sua região metropolitana, é comum que, em algumas das comunidades tomadas por facção, o motorista abaixe os vidros ou retire o capacete para não ser confundido com alguém de facção rival e, assim, evitar ataques de criminosos.

deste, situando o(a) leitor(a) no espaço percorrido.

4.3 Encadeamento

De carro ou *Uber* Moto, atravesso em linha reta toda a extensão da Rua Costa Barros. Em seguida, desvio por três ou quatro quarteirões para acessar a Avenida Leste-Oeste (ou Avenida Presidente Castelo Branco), pela qual sigo ao longo de sua totalidade até a ponte sobre o Rio Ceará, que conecta Fortaleza a Caucaia. Ainda em movimento linear, a Avenida Leste-Oeste cede lugar à Avenida Ulisses Guimarães, por onde percorro alguns quilômetros até chegar à praça de Iparana. A partir desse ponto, adentro as pequenas ruas que me levam à casa dos mestres. O trajeto atravessa 10 bairros da cidade de Fortaleza e região, explicitando a diversidade de fortalezas encontradas no caminho.

Logo no início do trajeto, à minha direita, vejo o Centro Cultural do Dragão do Mar, espaço cultural que abriga teatro, museus, cinema e espaço para apresentações musicais; poucos quarteirões à frente está o Marina Park Hotel, luxuoso hotel cinco estrelas; logo ao lado está a Estátua de Santa Edwiges, imagem religiosa de 11 metros de altura; o mar aparece por mais alguns quarteirões e então eu chego na praia da leste, lugar de lazer, onde vejo algumas pessoas nas calçadas da avenida com roupas de banho, chinelos e pranchas de surfe.

Seguindo pela mesma avenida, um pouco mais adiante, passo por outro ponto, a Areninha do Pirambu, espaço esportivo localizado no encontro do bairro Jacarecanga com o bairro Pirambu. O mar deixa de acompanhar a vista do meu caminhar e só me encontra 6 km à frente, ao final da Av. Leste e Oeste, quando chego na ponte do Rio Ceará, localizada na Barra do Ceará, conectando Fortaleza e Caucaia. Me deparo com a vista bonita do encontro do rio com o mar ao atravessar a ponte.

Chego na Praça de Iparana, abaixo os vidros e percorro mais 3 quarteirões numa estrada de barro, às vezes alagada pelas águas da chuva. É possível ver algumas pessoas caminhando pelas ruas, crianças brincando e a presença de alguns cachorros sem raça definida.

Dragão do Mar, Marina Park Hotel, Praia da Leste, Areninha do Pirambu, Ponte sobre o Rio Ceará, Praça da Iparana; esses lugares ordenados e encadeados caracterizam o caminho que eu faço para encontrá-los. O Marina Park Hotel pode

não fazer parte dos meus lugares afetivos nessa cidade, mas quando vem seguido do Dragão do Mar e antecedendo a Praia da Leste, etc., esse lugar assume outro tipo de afetação em mim. Essa paisagem automaticamente se desenha na minha cabeça quando eu utilizo as palavras “encontro” e “Beliza” em uma mesma frase, como se formasse uma única imagem de um panorama gigante.

Em analogia a esse trajeto e lugares citados ao longo desse caminho, enxergo a música. Sendo a harmonia, o trajeto e os acordes musicais, os pontos de parada. Para interpretar uma música, não adianta somente se demorar em um *Sol com sexta*; é preciso que ele venha acompanhado de um dó com baixo em mi, um sol com sexta, um ré menor com baixo em fá, um mi maior com sétima, um lá menor... e assim vai. Cada acorde tem seu tempo próprio de permanência e de caminhada até o próximo acorde. Se a união de acordes musicais cria uma música, considero que a união desses lugares cria uma paisagem singular.

O próprio caminhar é capaz de me trazer construção de vivências, além de ser parte do meu ritual de encontro com o casal. Sempre que saio de casa, lembro de ligar para Beliza e perguntar se ela precisa de alguma coisa, ao que ela quase sempre me responde que não (ela usualmente parece esquecer que estou dirigindo, ou que estou prestes a subir em uma moto e vou encontrá-la em alguns minutos, pois começa a trazer vários outros assuntos para a nossa conversa). Ligo o som do carro e acesso o meu *pendrive* que tem os mesmos arquivos de música desde 2018 (eu não faço mais download de músicas, então o armazenador de dados nunca foi atualizado). A minha escolha, quase sempre, é o álbum Ilessi canta Pedro Amorim e Paulo César Pinheiro (2011). Consigo escutá-lo todo durante o caminho, sou tomada pelo samba que combina perfeitamente com o clima ensolarado da cidade e funciona como uma espécie de esquentar⁸³ para o encontro que está prestes a acontecer. É no momento que estou dentro do carro (ou do *Uber Moto*) e coloco meu corpo diante da mudança brusca entre a Aldeota e Iparana, que me desligo de uma Beatriz e dou espaço para outra que está por vir: a que vive o tempo de forma mais espaçada, a que adota um outro linguajar (fluyente no Macaubês⁸⁴), a que escuta mais do que fala, a que come coisas que não costuma comer em casa, escuta choro, bebe cachaça e deixa a lógica da produtividade capitalista um pouco de lado.

⁸³ No Brasil, esquentar é uma festa que antecede uma festa maior ou mais importante.

⁸⁴ Macaubês é o dialeto de gírias consolidado pelo próprio Macaúba do Bandolim.

Entendo o meu percurso geográfico também como parte do meu percurso criador, sobre o qual Salles (2007, p. 131) afirma que é o “responsável por gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo. Desse modo, o percurso criador é para ele, também, um processo de auto-conhecimento”. Sinto que o caminho é uma gradação para o processo de mudança entre as beatrizes.

Já não se suporta o que se suportava antes, ontem ainda; a repartição dos desejos mudou em nós, nossas relações de velocidade e de lentidão se modificaram, um novo tipo de angústia surge, mas também uma nova serenidade (Deleuze, 1980, p. 103).

Esse movimento entre Aldeota e Iparana é o momento em que acontece o início de um movimento de desterritorialização, quando não estou inserida na lógica binária desses dois lugares. “As linhas moleculares fazem correr, entre os segmentos, fluxo de desterritorialização que já não pertencem nem a um, nem a outro, mas constitui o devir assimétrico de ambos” (Deleuze, 1980). Mas pensar em um movimento de desterritorialização (que sai da Aldeota), é pensar também em um movimento de reterritorialização (que chega em Iparana). Deleuze (1980, p. 109) explica esse processo ao fazer alusão com o homem, animal desterritorializado:

Quando nos dizem que o *hominen* tira da terra suas patas anteriores, e que a mão é antes locomotora, depois preensiva, são limiares ou quanta de desterritorialização, mas, a cada vez, com reterritorialização complementar: a mão locomotora como pata desterritorializada se reterritorializa sobre os ramos dos quais se serve para passar de árvore em árvore; a mão preensiva como locomoção desterritorializada se reterritorializa sobre elementos arrancados, emprestados, chamados ferramentas, que ela vai brandir ou propulsar.

Vale salientar que, a reterritorialização na chegada em Iparana está se referindo unicamente em relação ao trajeto. Ao chegar na casa deles, outros processos de desterritorialização também se fazem presentes. Afinal, é a partir da desterritorialização, representada por linhas ditas de fuga, que ocorrem os agenciamentos instituintes, sendo capazes de formar novos territórios.

Frente às reflexões aqui apresentadas, entendo que, o percurso faz parte de uma gradação entre beatrizes, ao iniciá-lo, uma nova angústia se forma ao abandonar uma beatriz, mas uma serenidade se faz presente ao ir ao encontro da outra. Sigo o caminho por uma grande linha reta, onde os pontos (lugares mencionados) só fazem sentido se encadeados num grande panorama, pois esses, por si só, são lugares de impermanência. As fotografias a seguir (Figuras 19, 20, 21,

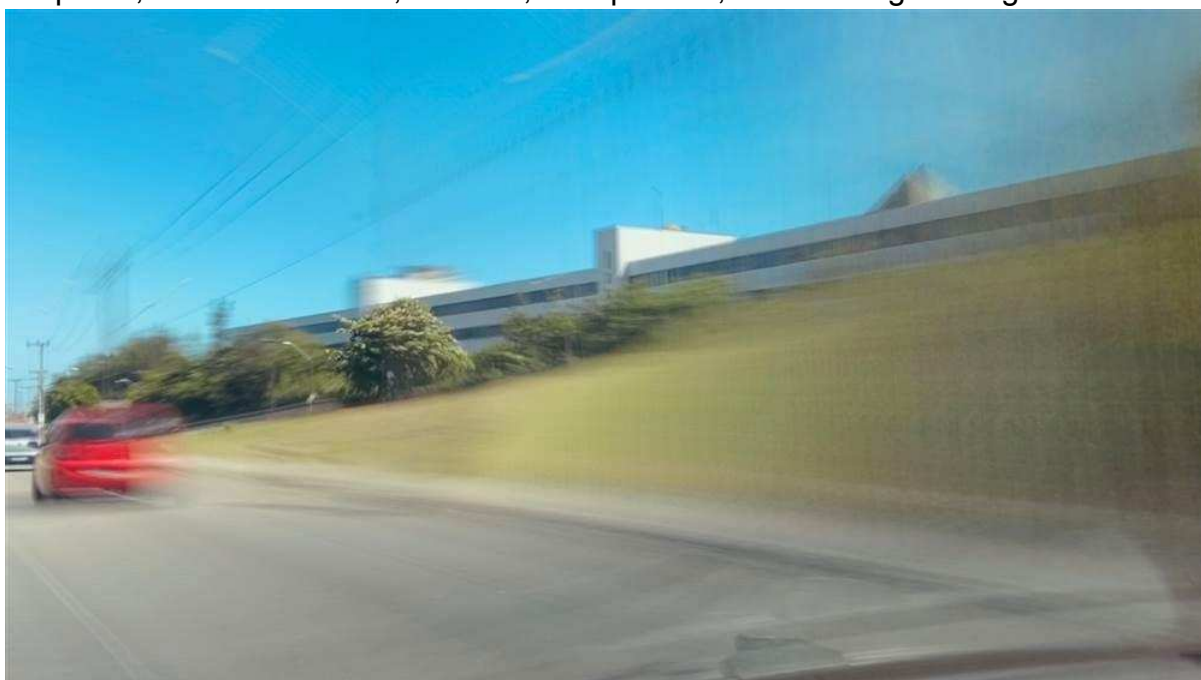
22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28) são criadas a partir dessa reflexão, numa série que intitula "Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer".

Figura 19 – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



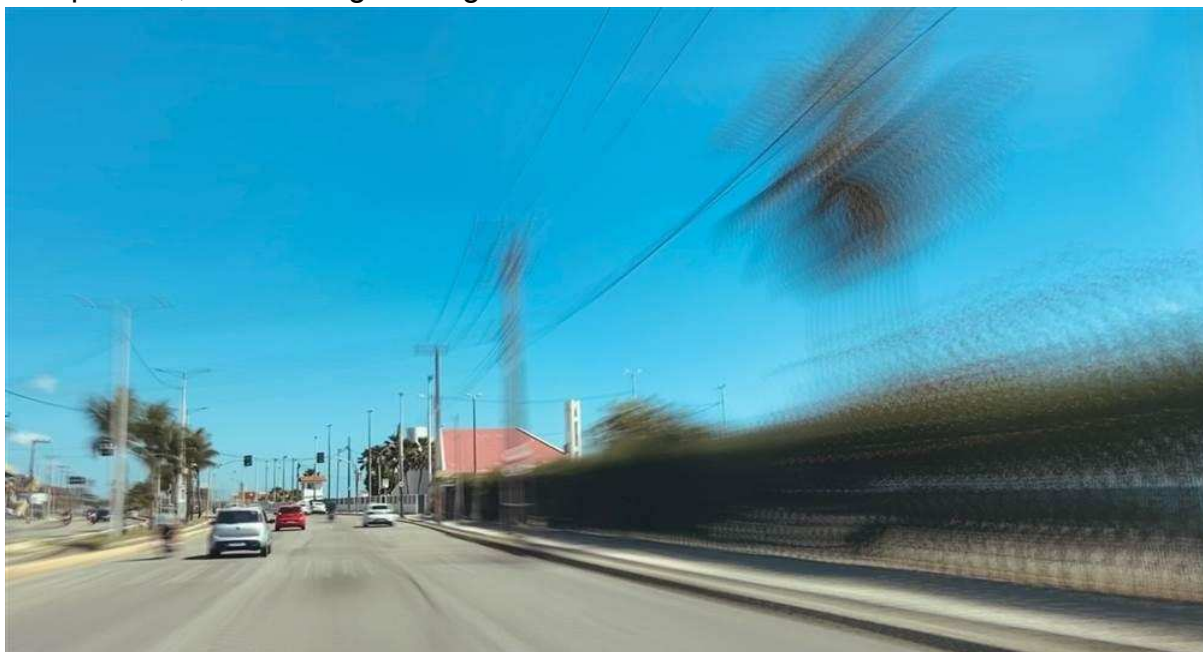
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 20 – Marina Park Hotel, pertencente à série Descobrir Serenidade na 7. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 21 – Proximidades da Estátua da Santa Edwiges, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



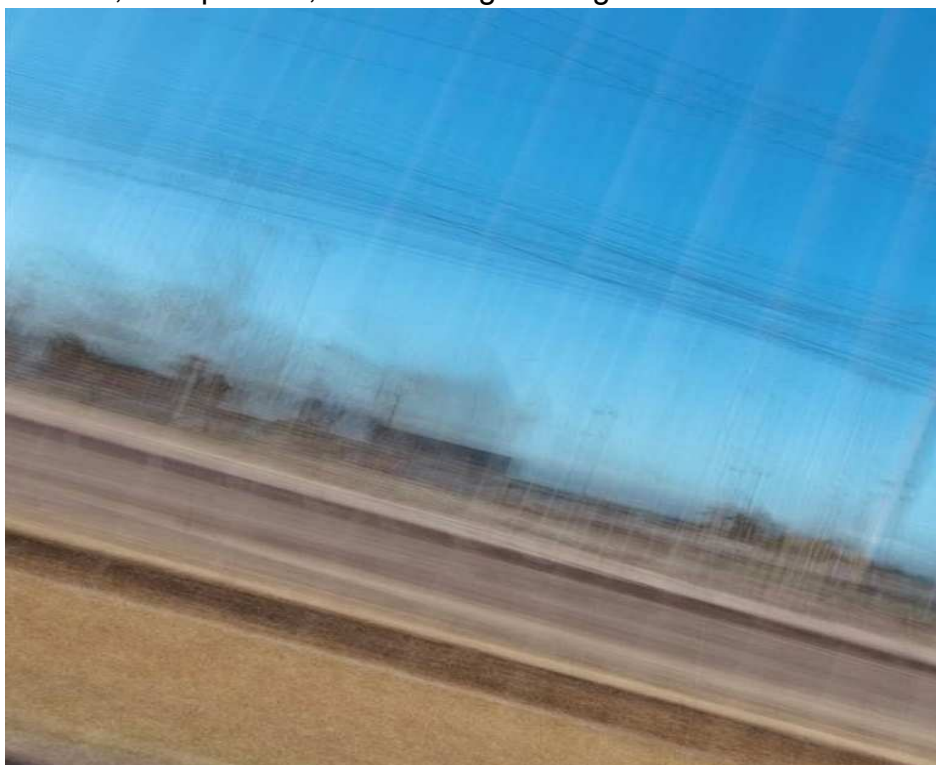
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 22 – Praia da Leste, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



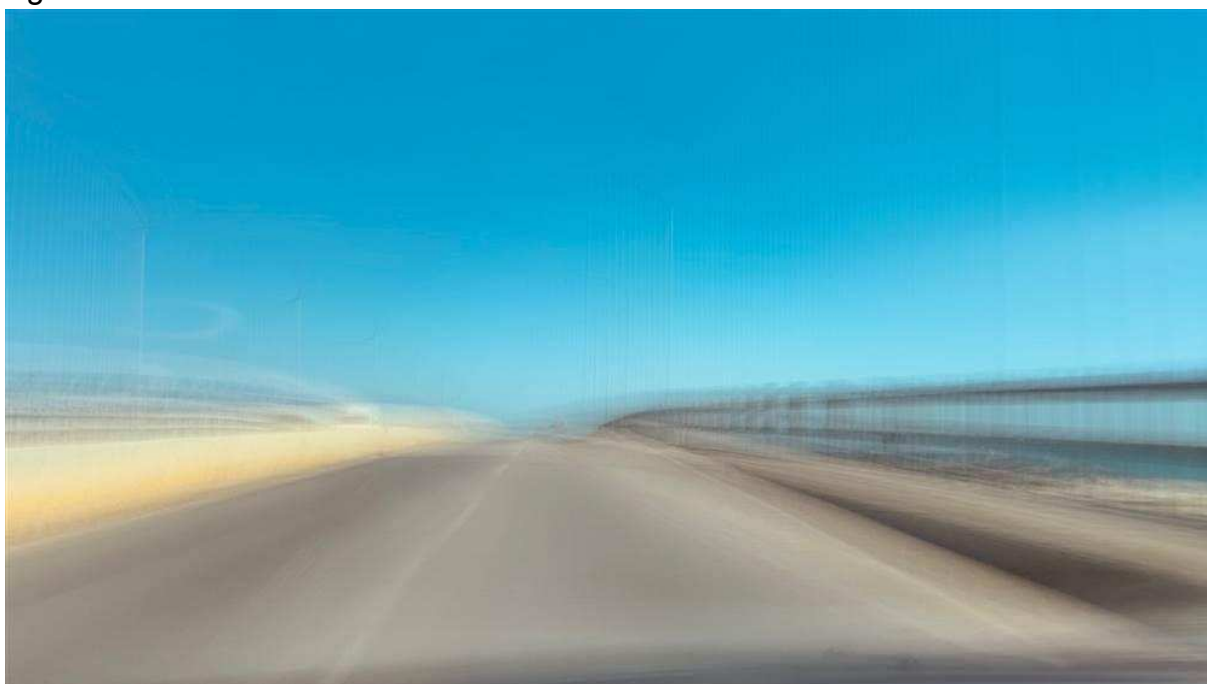
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 23 – Areninha do Pirambu, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia, 2023. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



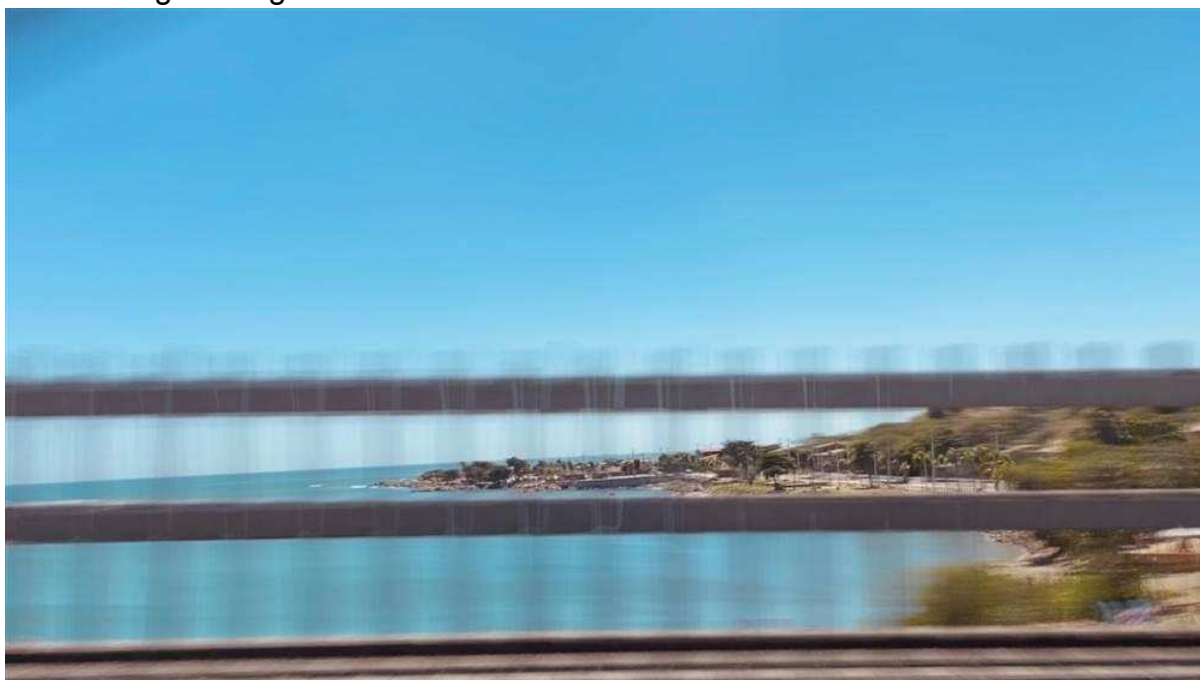
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 24 – Ponte sobre o Rio Ceará, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



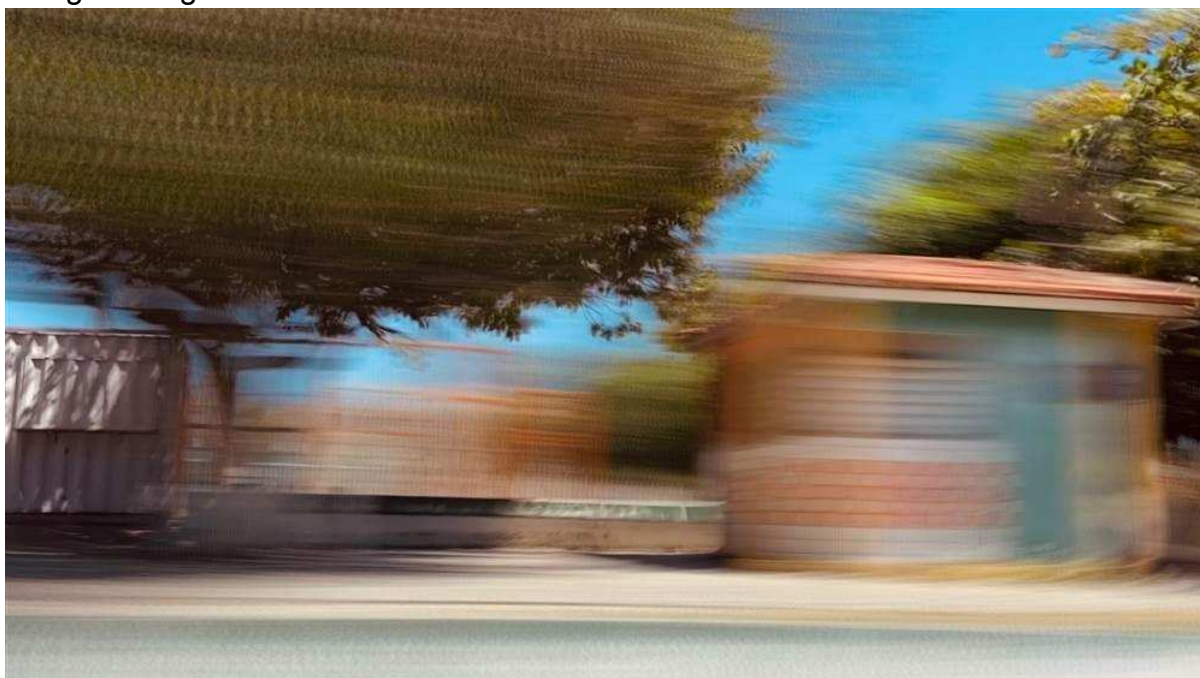
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 25 – Vista da Ponte Sobre o Rio Ceará, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



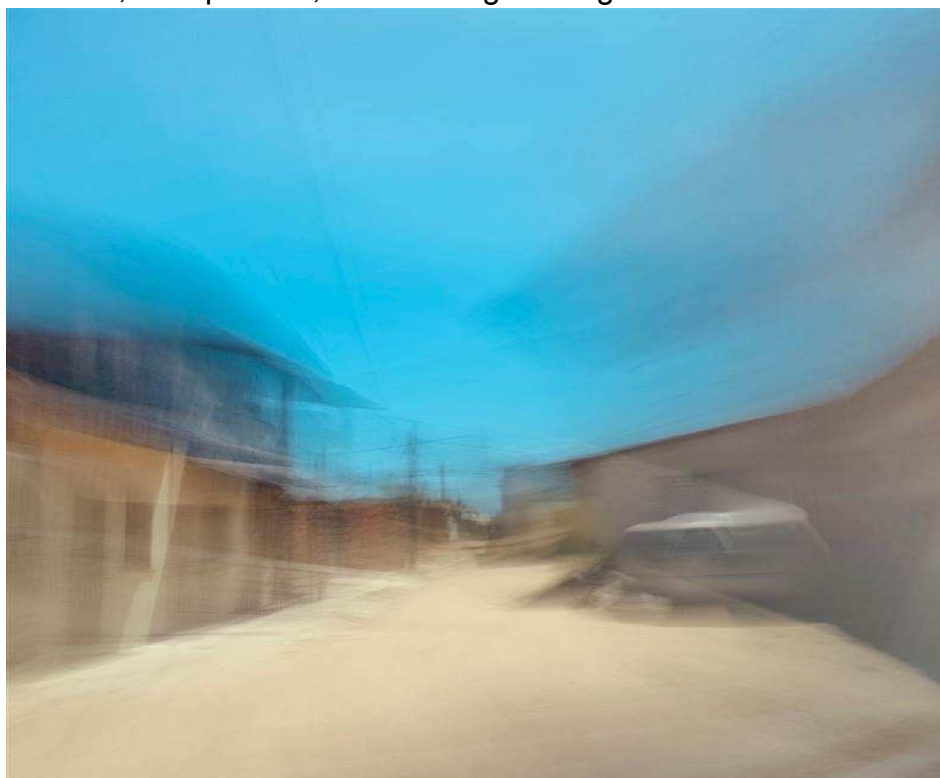
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 26 – Praça da Iparana ao chegar, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



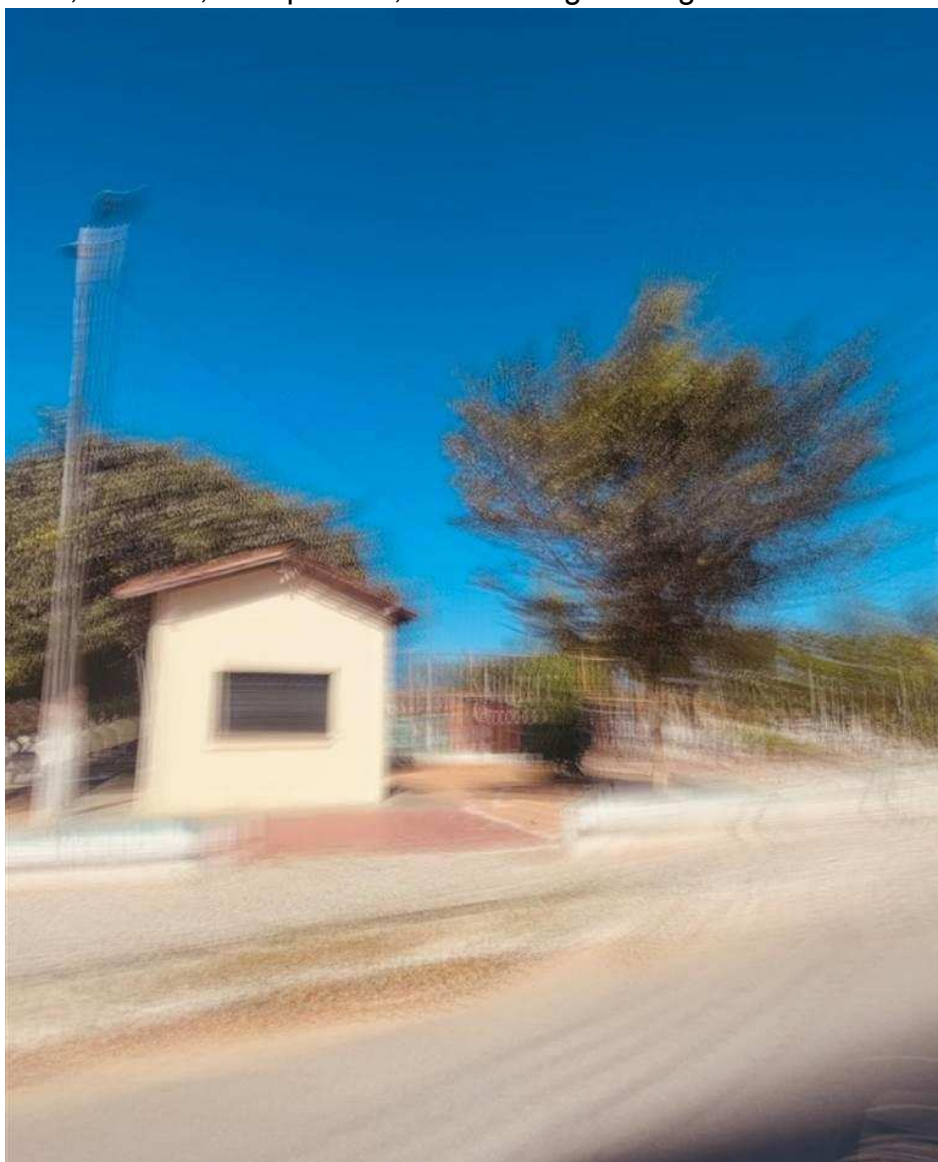
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 27 – Ruas de Iparana, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 28 – Praça da Iparana ao sair, pertencente à série Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer, 2023. Fotografia digital



Fonte: Elaborada pela autora.

Como estou em movimento ao percorrer esse caminho, a escolha da longa exposição veio como uma possibilidade de inscrever movimentação na imagem estática. Nessas criações há o movimento ocasionado pelo próprio deslocamento do carro, mas também o movimento desses lugares (ou pontos) quando colocados em perspectiva com o deslizar do carro. Essa técnica produz borrões, tal como os borrões mencionados em Pontos de Encontro, mas a partir de um outro estímulo que nada tem a ver com o álcool.

Podemos dizer que aqui o tempo se faz representar pelo acréscimo de uma dimensão espacial: um ponto dessa realidade se arrasta formando uma

linha; uma linha, por sua vez, resulta num plano. No limite, podemos chegar à total desaparecimento: numa exposição mais longa, a luz refletida por um objeto pode se diluir de tal forma sobre o quadro que ele sequer poderá ser percebido (Entler, 2007, p. 33).

A utilização da longa exposição colocando essas imagens em borrões, diluem os pontos fotografados, onde estes são capazes de formar linhas que muito se assemelham com as linhas pertencentes ao próprio trajeto. Como foi dito anteriormente, são lugares de impermanência e também por isso não houve uma preocupação em demonstrá-los com nitidez e definição.

4.4 Encadeamento em panorama – políptico

Como explicitado anteriormente, os pontos retratados só fazem sentido quando encadeados, pois juntos formam um único panorama, uma paisagem singular. Visto isso, dispus todas as fotografias reunidas e agrupadas por bairros, formando um políptico (Figura 29). Quando juntas, as fotografias são capazes de traçar uma linha narrativa (primeiro o Dragão do Mar, depois o Marina Park...) materializando o inquietante e instigante trajeto feito para encontrar Beliza, mas que também faz referência às fortalezas encontradas ao longo do caminho. As relações de afeto também estão agenciadas com a cidade.

Figura 29 – Descobrir Serenidade na Angústia. Diluir um ponto, formar uma linha, delinear, desaparecer. Políptico, 2023 criado digitalmente



Fonte: Elaborada pela autora.

5 CASA

Enfim, depois de percorrer por entre ruas e bares, chegamos à casa de Beliza Guedes e Macaúba do Bandolim. Nesta parte da pesquisa, falarei um pouco do meu processo de reterritorialização e os próximos processos de desterritorialização que por ventura surgem ao longo da estadia.

Em Pontos de Encontro, discorri sobre a Beliza narradora, boêmia e militante e em Linhas de Trajeto falei sobre a cidade que atravesso para ir ao encontro com a próxima face: a artista através do bordado.

5.1 A chegada

Ao aterrissar no meu ponto de chegada, a calma e o conforto me abraçam. Escuto de longe aquele grito alegre de Beliza “Biazinha, meu amor” com os braços abertos pronta para me dar um abraço caloroso; enquanto isso, a voz de dentro da casa grita “Bia, que limpeza!” e o Macaúba vem caminhando a passos mais lentos também pra me dar um abraço. Ele me pergunta: “quer matar o bicho, minha filha?!” (informações verbais)⁸⁵, ao que prontamente eu respondo “mas é claro!”; então ele vem vagarosamente trazendo uma buchudinha (informação verbal)⁸⁶ pra mim.

Ainda que eu não seja de Iparana, todo esse ritual e acolhida me faz sentir em algum lugar que talvez eu chame de “casa”, e aqui se inicia o meu processo de reterritorialização após a desterritorialização proporcionada pelo trajeto.

De acordo com Barreto, Carrieri e Romagnoli (2020), a territorialidade se refere ao plano de imanência dos agenciamentos. A partir de Haesbaert (2006), eles explicam que território é um constante fazer-se e desfazer-se; o território é entendido como processo. E é dentro desse processo que encontro um território aqui, na casa de Iparana. O território se associa aos agenciamentos que o constituem, possibilitando estado de permanência ou mudança. “[...] não há saída de um território, ou seja, desterritorialização sem ao mesmo tempo se reterritorializar em outra parte” (Deleuze, 1989, p. 4 apud *ibid.*). E nesse constante fazer-se e desfazer-se, que não há território sem um vetor de saída dele.

⁸⁵ Do Macaubês: matar o bicho significa tomar qualquer bebida alcoólica.

⁸⁶ Nos bares que frequento na cidade, buchudinha é o nome dado para a *long neck* de cerveja que tem 300 ml.

Uma casa aconchegante: um quintal enorme com diversas plantas e árvores. Uma mesa grande e duas redes penduradas compõem o cenário da área de convivência externa. Do lado de dentro, vários quadros que premiam o mestre da cultura, algumas fotos, uma pintura de Zé Tarcísio⁸⁷ (presenteada pelo mesmo), o ateliê de Beliza (um quarto cheio de bordados, linhas, agulhas e retalhos); do lado de fora, fotografias de Macaúba tocando com outros músicos de renome nacional.

Aqui, não é somente espaço de acolhimento e sociabilidade, mas também lugar de memórias e saberes de dois mestres que viveram suas vidas dedicadas à arte, à música e a projetos e vivências culturais. Percebo que neste *território casa*, outros territórios também anseiam por tomar espaço: o território bar e o território museu, e a casa se abre em movimento de devir, o devir-bar e o devir-museu. A leitura a seguir se encarrega de ressaltar aspectos desses novos territórios que tomam forma.

5.1.1 Casa em devir-bar

Eu tenho vontade de fazer e tenho medo: toda segunda-feira, um encontro de músicos aqui, mas eu não sei se vai virar um bar ou uma coisa que eu não vá ter o controle, porque a tendência é essa: quando eles sabem que o pessoal tá tocando, vai passando todo mundo.

(Beliza Guedes)⁸⁸

A citação acima nos dá pistas de como a sociabilidade acontece nesta casa que se abre para um movimento de devir-bar. A chegada em qualquer bar exige um certo ritual: chegar, cumprimentar algum funcionário(a) ou dono(a) do local, saudar as companhias da mesa, sentar à mesa, levantar a mão, pedir uma gelada (ou uma dose), brindar, beber.

[...] o bar é a pátria do beerrão, do desgarrado, do corneado ou abandonado ou simplesmente de mulheres e homens comuns fissurados por uma cerveja bem gelada, uma boa dose de cachaça ou de uísque e, para alguns, um tira-gosto ou um 'arrumadinho' improvisado (Lins, 2013, p. 44).

⁸⁷ Zé Tarcísio (1941) é pintor, artista intermídia, escultor, cenógrafo e figurinista fortalezense. Fonte: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Zé Tarcísio**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9998/ze-tarcisio>. Acesso em: 25 jul. 2024.

⁸⁸ Informação fornecida por Beliza em 2019 retirada de um vídeo de acervo pessoal.

Na casa dos mestres, os rituais não diferem daqueles: a divergência está em não seguir uma finalidade de estrutura comercial. Ou seja, aqui, há donos, mas não patrões; há atendimento, mas não garçons e funcionários; não há pedidos, mas regalias; não há clientes, mas amigos.

O bar, muito embora tenha tantas vezes mudado de nome, segundo as épocas - adega, bar, baiuca, bodega, boieira, boteco, buteco, botequim, locanda, tasca, tasco, taverna, tenda, 'boteco-copo-sujo' ou 'pé-sujo' -, sempre teve como razão principal de existir, entre outras: encontrar os amigos, fazer novas amizades, acalmar, saciar, matar a sede, ficar a par do que acontece na vila, na cidade, no país, estancar as lágrimas, amenizar a dor de corno, a dor de cotovelo, chorar o amor perdido [...] (Lins, 2013, p. 45).

Fato é que, de acordo com essa afirmação de Daniel Lins, a casa em seu movimento de *devir-bar* assume a razão principal dos bares, ainda que não funcione enquanto ponto comercial. Além disso, a citação reforça que esses recintos (ainda que sigam uma movimentação financeira) não compactuam com a produtividade capitalista, afinal são lugares que promovem o encontro (não desses de negociações), o descanso e a fuga do modelo vigente; não à toa o autor afirma que eles são o oásis do ocidente.

Sempre sento à mesa no quintal, às vezes trago comigo a bebida que será servida para nós, às vezes o Macaúba a traz diretamente de seu freezer, pouco tempo depois Beliza serve algum tira-gosto. Com o caminhar das horas, a mesa vira um acúmulo de latinhas e garrafas vazias de cerveja. Por vezes, nela se acumulam também pessoas que chegam sem aviso prévio, alguns vizinhos que percebem o movimento e se aproximam, ou outros que querem visitar o casal. Os acúmulos ao redor da mesa se intensificam, Macaúba pega o bandolim, outro(a) instrumentista pega seu instrumento para acompanhá-lo, alguém começa a cantar e o bar então se completa: bebida, comida, amigos(as) e música ao vivo.

A Figura 30 caracteriza parte da movimentação desse bar. Nesse momento, as pessoas estavam sentadas em volta da mesa, instrumentistas davam uma pausa no chorinho e viravam goles de cerveja. Escolhi esse frame, em específico, pois o rosto sereno de Macaúba demonstra o conforto de estar em casa, e apesar de não enquadrar outras pessoas, as bebidas em cima da mesa e a mão agarrando um copo no canto direito manifestam a presença de outros corpos. Um bar no conforto do lar.

Figura 30 – A mesa no quintal da casa de Beliza e Macaúba. Frame de vídeo, 2019



Fonte: Elaborada pela autora.

5.1.2 Casa em devir-museu

À medida que os encontros vão acontecendo e o bar vai tomando território na casa que vai se desterritorializando, a partir de sua abertura para o devir-bar, outros processos de desterritorialização e outros devires também vão tomando forma. Afinal, não há aqui qualquer intenção de binarizar a casa ou o bar, mas de entender todos os enlaces que se seguem a partir deles.

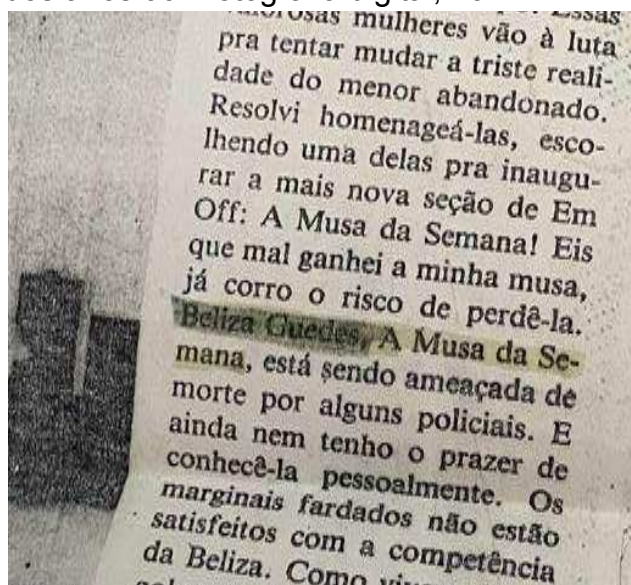
Horas avançam dentro daquela animação proporcionada pelo bar, pela casa-bar, e então outras ambiências vão tomando conta do espaço. Em meio a latinhas, "buchos-cheios" e música, Beliza começa a fazer o que faz de melhor dentro de ambientes boêmios: oralizar. A diferença é que, na sua casa, a oralidade vai se confluindo também com o espaço que agora, além de ser um bar, serve também como uma materialização de sua oralidade.

A partir desse encontro, Bel começa a compartilhar suas experiências enquanto bordadeira. No segundo capítulo, tivemos acesso ao início de seu contato com a linguagem do bordado, um contato ainda frustrante, para a criança de Beliza, o bordado é associado a uma prática contra a liberdade.

Curiosamente, foi durante a sua prisão política que o bordado passou a ganhar o sentimento contrário; "eu morria de raiva, a única coisa que eu conseguia fazer pra me acalmar era o bordado"⁸⁹. Descobriu esta arte, como algo que liberta.

Nos anos 90, Beliza teve a iniciativa de um projeto destinado a crianças em situação de rua no Theatro José de Alencar. Com a aprovação de Maninha Moraes⁹⁰, a bordadeira trouxe as crianças para o espaço do teatro, ensinando-as a bordar entre outras atividades de dança, teatro, etc. Foi a partir disso que descobriu a exploração e aliciamento de crianças para a exploração sexual e quando iniciou seu engajamento e denunciou o crime publicamente, fato que a fez ser perseguida pela polícia e poderosos da época. Me conta esse fato enquanto me mostra algumas fotos, matérias de jornais (Figura 31), ou até mesmo objetos.

Figura 31 – Pedaco de matéria de um jornal dos anos 90. Fotografia digital, 2024.



Fonte: Elaborada pela autora.

Aos seres ébrios e de ouvidos e olhos interessados, Beliza vai narrando parte de sua trajetória enquanto nos permite ver, tocar e cheirar parte dessas vivências. Não diferente é Macaúba que, diplomado Tesouro Vivo da Cultura pelo estado do Ceará, nos conta sua trajetória na música, enquanto dá play em alguma gravação, mostra fotos ao lado de grandes nomes da música nacional e coleciona

⁸⁹ Informação fornecida por Beliza ao longo dos anos de 2019 e 2024.

⁹⁰ Diretora da Escola de Artes e Ofícios Thomáz Pompeu Sobrinho e Ex-Diretora do Theatro José de Alencar.

alguns prêmios pendurados na parede de casa. Percebo então que a casa assume um movimento de devir-museu.

Partindo de um breve estudo sobre museus, encontrei na obra de Luiza Helena Amorim Cavalcante (2021) a seguinte indagação: "há espaço para afeto em um museu?". Por meio da museologia do afeto, a autora defende uma museologia sensível e compreensiva, caracterizada por novas formas de afetividade, respeito mútuo e indignação.

De acordo com Rabinovici, Allis e Santos (2023), a noção de museu extrapola as noções impostas pelo estado e também as arquitetônicas, explorando experiências corporificadas e afetivas. Os autores nos apresentam a ideia de Museus Orgânicos (MO) que têm em sua base a arquitetura do afeto, sendo capazes de mover a cultura do território.

De acordo com o SESC⁹¹ (2021), o MO é um projeto que ressignifica a casa dos Mestres da Cultura do Ceará, transformando-as em lugares de memória afetiva com possibilidade de visitação. São museus casa, museus oficina e museus casa oficina, neles a comunidade do entorno pode ser beneficiada.

Assim, suas próprias casas se transformam em lugares de memória e de afeto, permeados de fotografias, vestimentas, instrumentos e tudo aquilo que marca o cotidiano desses mestres. Para além dos objetos pessoais, os museus orgânicos mostram ao visitante o bem mais precioso, embora intangível, que é o saber (SESC, 2021, p. 23-24).

A casa dos mestres Beliza e Macaúba não é oficialmente reconhecida enquanto um MO, mas eu não posso negar que alguns aspectos dessa morada exercem a mesma funcionalidade que esses museus, afinal, esta é lugar de compartilhamento de saberes e memórias, não só através da oralidade dos dois, como também dos objetos, obras, fotografias e etc. que eles nos permitem acessar. "São lares, onde homens e mulheres surgem como contadores de narrativas, como cidadãos inclusos, como atores vivos da história" (id, p. 16).

A Figura 32 trata-se de um recorte que exemplifica a potência museológica da casa. No canto direito, é possível perceber uma foto de Macaúba com uma criança de colo, denunciando que o espaço se trata de um lar; enquanto alguns instrumentos musicais no chão, prêmios e fotografias colados na parede expõem a materialização de uma história.

⁹¹ SESC. **Museus orgânicos**. Fortaleza, 2021. Disponível em: https://www.sesc-ce.com.br/post_livro/museus-organicos/. Acesso em: 16 jul. 2024.

Figura 32 – Parede da casa dos mestres, 2024. Fotografia digital



Fonte: Elaborada pela autora.

A foto (Figura 33) foi tirada em um dia que fui convidada para almoçar na casa dos mestres, fazia calor e de bucho cheio⁹² e, como uma boa cearense, fui dar um cochilo na rede. Me surpreendi ao ver um dos bordados de Beliza pendurado na parede, pois ele sempre ficava guardado entre muitos outros. Desconfio que a bordadeira decidiu pendurá-lo depois de ter expressado que, dentre as suas obras, aquela era a minha favorita. Anteriormente, a artista havia me contado que bordara essa peça após uma parada cardiovascular e que, apesar das sequelas que carregara por um tempo em decorrência disso, não havia perdido a habilidade de bordar. Para mim, a obra é símbolo de sua cura e luta pela vida.

⁹² Gíria utilizada em diversas regiões do Brasil. Significa estar bem alimentado.

Figura 33 – Depois do almoço na casa dos mestres, 2023. Fotografia digital



Fonte: Elaborada pela autora.

A rede, o piso, meus pés descansados, tudo isso faz parecer uma simples foto em uma simples casa, não fosse a potência da obra de arte pendurada na parede. Se pensarmos no devir-museu para o qual a casa se abre, me parece um museu confortável, um museu acolhedor, um museu caseiro. Nessa rede vivi encontros de amizade, deixei meu ouvido atento à oralidade de meus amigos, algumas vezes tomei cerveja, noutras café, enquanto escutava o som do bandolim.

5.2 Produções artísticas em bordado – por Beliza Guedes

Até aqui, entreguei algumas pistas de como o bordado atuou fortemente na vida de minha amiga. No início da escrita, apresentei-a enquanto bordadeira; logo depois, tivemos acesso a um áudio em que Beliza narra o começo de sua relação com essa linguagem artística; após isso, eu apresentei uma fotografia com intervenção digital em que as nossas mãos bordavam nossos caminhos entre bares;

seguidamente, mencionei o período do cárcere e como o bordado, para ela, passou a ser sinônimo de liberdade; posteriormente, apontei que um de seus bordados apresenta a sua luta pela vida e que essa linguagem foi responsável por engajá-la socialmente. Finalmente, chegou a hora de conhecermos um pouco mais a fundo a criação da minha amiga bordadeira.

São muitos os bordados. Na casa de Iparana, estes não estão guardados de forma organizada e em condições de boa preservação: o mofo tomou conta de alguns tecidos, outros são mais difíceis de encontrar em meio ao amontoado de panos. Mas é aqui que exerço outra forma de criação em artes, onde a partir dos bordados de Beliza e do contato que tenho com a sua personalidade e conhecimento de sua história, organizo e estabeleço categorias para suas obras, a fim de apresentar uma versão de sua trajetória artística e cultural.

5.2.1 "Insistente" social

"Eu nunca fui assistente social, eu sou uma insistente social"

(Beliza Guedes, 2024)⁹³.

Beliza tem em sua trajetória uma diversidade de práticas artísticas e culturais: teatro, teatro de bonecos, dança, maracatu, pastoril, etc. Mas, ela afirma que o bordado é a linguagem que merece maior destaque em sua caminhada artística.

Ao longo dos anos, a bordadeira já ministrou oficinas de bordado para crianças e mulheres em situação de vulnerabilidade. Através das oficinas ministradas, Bel se envolveu profundamente com as questões sociais enfrentadas por seus alunos e alunas. Neste recorte (Figura 34), veremos obras realizadas por mãos que aprenderam a bordar com ela, não só um fragmento importante de sua trajetória artística e cultural, como também, sua luta política.

⁹³ Informação fornecida por Guedes ao telefone em julho de 2024.

Figura 34 – Colcha de bordados. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Na Figura 34 e 35, podemos ver uma prática comum de Beliza ao ministrar oficinas: unir retalhos bordados em uma colcha. Cada um dos retalhos tem o bordado de uma criança e sua assinatura. Apesar da colcha ser gerada por diferentes mãos criadoras, é possível perceber, entre as criações, similaridade nas técnicas utilizadas; destacando que o traço artístico de Bel também pode ser explicitado através das mãos que foram conduzidas por ela em uma oficina.

Muitas das obras em bordado são guardadas de forma amontoadas e sem categorização. É difícil ter acesso a informações quanto a origem e o ano de determinadas obras, como na colcha acima. A colcha (Figuras 35 e 36) foi criada a

partir de oficina ministrada em uma escola municipal de ensino fundamental em Iparana, Escola Erbe Teixeira Firmeza, mas tampouco consegui informações que datam a criação.

Figura 35 – Colcha de bordados. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 36 – Detalhe de colcha de bordados. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Beliza não só tem uma vasta trajetória com crianças, como também, com mulheres. “

Atualmente, Beliza Guedes coordena o ateliê criativo Maria Vem Com As Outras juntamente com a sua irmã Bia Guedes. O projeto [...] trabalha a arte do bordado com as mulheres da comunidade de Iparana em Caucaia/CE (Marques, 2024)⁹⁴.

Ao coordenar o ateliê, Bel não só produz bordados (Figura 37), mas também cria um ambiente seguro para conversas e debates sobre política, feminismo, violência, etc. "É uma professora que estendeu a mão pra gente, nós mulheres de pescadores; e agora somos artesãs, donas de si, como ela bem frisava pra gente que a gente tem que ser dona de si" (informação verbal)⁹⁵.

Figura 37 – Bonecas por ateliê criativo Maria Vem Com As Outras. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

⁹⁴ Texto escrito para a Secretaria de Cultura do Ceará para obtenção do título de Tesouro Vivo da Cultura. MARQUES, Anderson; Beliza Guedes. **Tesouro Vivo da Cultura**. Fortaleza, 2024.

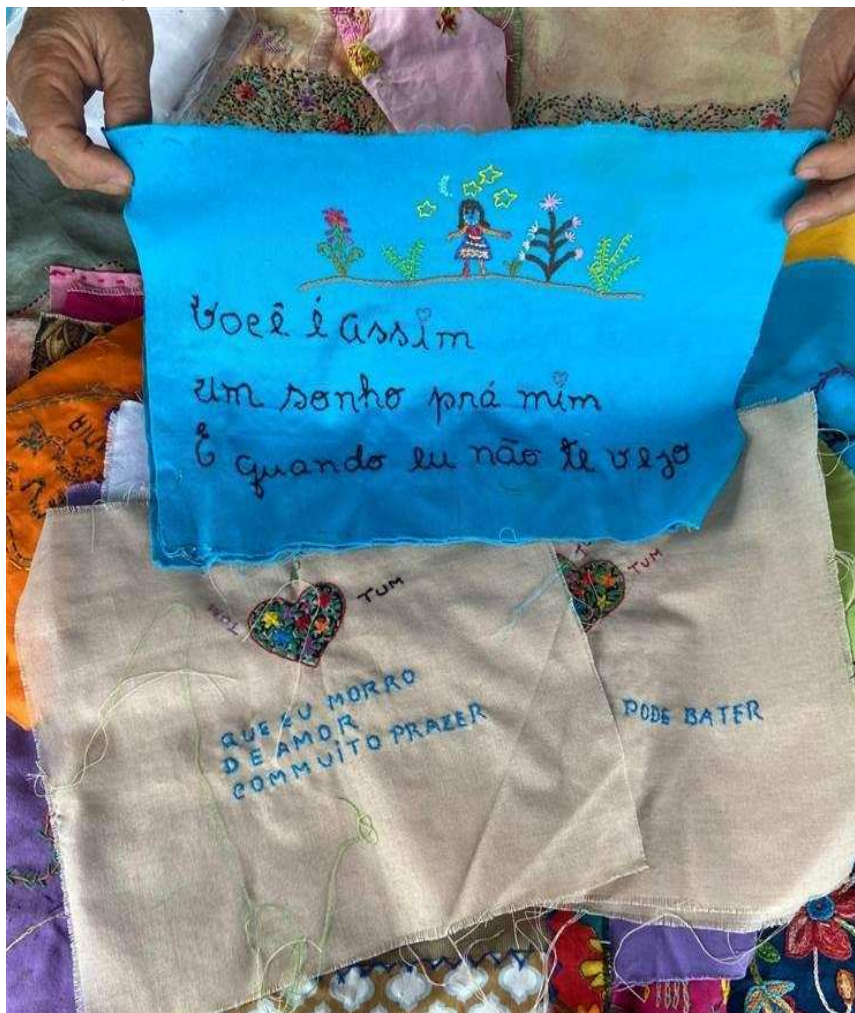
⁹⁵ Informação fornecida por Luzia, integrante do ateliê criativo Maria Vem Com As Outras e moradora da comunidade de Iparana, 2024.

5.2.2 Quase criança

Os bordados a seguir (Figuras 38, 39, 40, 41 e 42) expõem um lado singelo de Beliza Guedes. De alguma forma, as peças parecem ter sido bordadas por mãos de criança.

Eu não sou muito de desenhar, o povo fresca⁹⁶ é muito porque quando eu invento de desenhar umas bonequinhas pra bordar por cima, sempre fica uma perna maior do que a outra, as estrelinhas e florzinhas tortas, parece até que foi uma criança quem bordou. Mas eu adoro esses meus bordados, eu acho a coisa mais linda (informação verbal)⁹⁷.

Figura 38 – Bordados musicais por Beliza. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Apesar de ser uma mulher pouco recatada, boêmia e revolucionária, ela carrega consigo a doçura de uma mulher que sempre trabalhou em prol de crianças

⁹⁶ Frescar; gíria popular no Estado do Ceará: tirar sarro, fazer brincadeira com alguém.

⁹⁷ Informação fornecida por Beliza Guedes, repetidamente ao longo dos anos de 2022 e 2024.

e adolescentes, partilhando de seu fazer artístico e de conhecimentos de cultura em geral.

Beliza é uma mulher especial por ter esse olhar tão cuidadoso, principalmente com os jovens que ainda não tinham formação, mas que ela tinha esse cuidado. Cuidar das pessoas, eu acho que isso que é a grandeza dela, é exatamente isso, cuidar das pessoas (informação verbal)⁹⁸.

Os pontos e traços pouco aprimorados não carregam em si, de forma alguma, uma incapacidade técnica; mas expõem como as lutas e vivências de Beliza influenciam no seu fazer artístico.

Figura 39 – Bonequinha bordada por Beliza.
Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

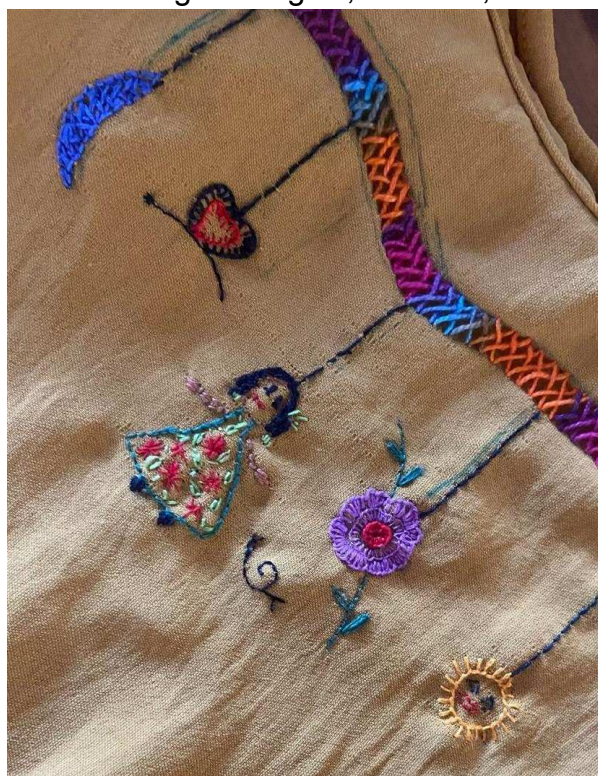
⁹⁸ Depoimento de Maninha Morais sobre Beliza Guedes para a Secretaria de Cultura do Ceará para obtenção do título de Tesouro Vivo da Cultura.

Figura 40 – Beliza segurando seu pano bordado. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 41 – Bonequinha bordada por Beliza. Fotografia digital, Caucaia, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

"Uma coisa que eu gosto muito é de bordar e desenhar caracóis. Eu não sei por que, mas onde eu passo, eu deixo um caracol" (informação verbal)⁹⁹.

Figura 42 – Caracóis bordados por Beliza. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

5.2.3 Criações em outras formas

A artista gosta também de experimentar outras formas de bordar, às vezes se baseando em uma estampa, às vezes deixando o traçado fluir livremente sem formas definidas e, até mesmo, experimentando outras superfícies.

As Figuras 43 e 44 nos permite ver, de forma mais detalhada, a obra presente a qual me referi em Casa em devir-museu. Aqui, as linhas parecem mais rebuscadas e contrastam com os desenhos presentes no subcapítulo terceirizado anterior.

⁹⁹ Informação fornecida por Beliza repetidamente ao longo dos anos de 2022 e 2024

Figura 43 – Bordado de Beliza sobre tecido estampado. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 44 – Detalhe do bordado de Beliza sobre tecido estampado. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Na Figura 45, Beliza bordou sobre uma camisa branca. Para ela, é comum bordar sobre roupas e, às vezes, até mesmo, vendê-las: camisas, *shorts*, bolsas, vestidos. Essa, em questão, não está no guarda roupa e tampouco está à venda, e o tecido fino parece suportar pouco o peso do bordado. Os traços contrastam com as imagens das obras anteriores, pois aqui parece não haver uma forma definida, mas retas e cores.

Figura 45 – Bordado de Beliza sobre camisa branca. Fotografia digital, Caucaia, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 46 – Bordado de Beliza sobre estampa de chita em assento de uma cadeira. Fotografia digital, Caucaia, 2024



Fonte: Elaborada pela autora.

6 RETALHOS – DADOS DE PESQUISA

No que concerne a minha pesquisa, tudo está um tanto quanto desorganizado. Parece que tenho alguns retalhos de panos desconexos esperando para enfim serem costurados, fico ansiando pelo dia em que será possível remendá-los. Sigo caminhando, uma hora tudo isso irá fazer sentido
(Diário pessoal da autora)¹⁰⁰.

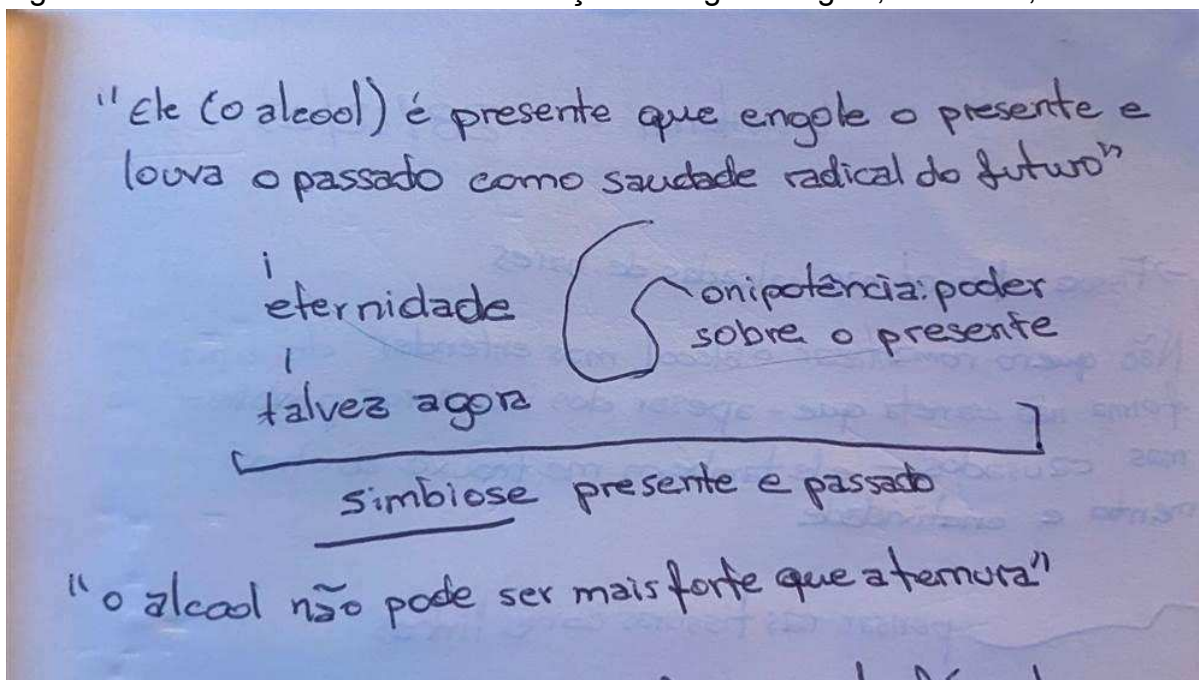
Compartilho o fragmento desse texto, pois acredito que o caos também faz parte da produção de dados da minha pesquisa. Pensar em retalhos esperando por remendar-se, me leva de volta a Kastrup (2007) que, a partir de Freud (1912/1969), afirma que a captação de um material desconexo e em desordem caótica. A atenção flutuante trabalha com fragmentos desconexos e só é possível a partir da utilização de uma atenção aberta e sem focalização específica. Entendo que o cartógrafo "[...] lança tais fragmentos para sua própria memória inconsciente até que, mais à frente, eles possam vir a compor com outros e ganhar algum sentido" (Kastrup, 2007, p. 17).

Fui tecendo com linhas os retalhos que me foram apresentados ao longo do meu encontro com Beliza: os bares, a oralidade, a criação de um novo território, o trajeto entre ruas e avenidas que nossa amizade me obriga a percorrer e as inquietações que surgem ao longo dele, e por fim, chegamos até sua casa. Quando são muitos os retalhos, é preciso aprender a costurar para não se perder nesse amontoado de panos. Há dados que não foram apresentados nessa escrita, mas que estiveram presentes ao longo de toda a pesquisa, compartilho-os com o(a) leitor(a), assim, de forma fragmentada para que o(a) mesmo(a) possa tecer esses retalhos como bem entender. Um apanhado de textos e fotografias realizados ao longo da pesquisa.

Por que é tão difícil pesquisar um tema que tanto me interessa? As figuras 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63 são os registros desse apanhado de textos e fotografias realizados ao longo da pesquisa

¹⁰⁰ Anotações feitas em 2023 em um caderno de processo criativo.

Figura 47 – Escritos em caderno de criação. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 48 – Em busca de uma estética boêmia. Fotografia digital. Fortaleza, 2024



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 49 – Em busca de uma estética boêmia. Fotografia digital, Fortaleza, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

A música não como, necessariamente, a minha linguagem, mas como meu maior estímulo. É preciso recorrer a outras linguagens como elementos auxiliares do percurso¹⁰¹.

Figura 50 – Em busca de uma estética boêmia. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 51 – Macaúba do Bandolim faz 80 anos. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

¹⁰¹

Anotações feitas em 2023 em um caderno de processo criativo.

Figura 52 – Espetáculo - Macaúba: peito, corda e coração. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 53 – Quem disse que sentar e beber não é pesquisar? Fotografia digital, Caucaia, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 54 – Quem disse que sentar e beber não é pesquisar? Fotografia digital, Caucaia, 2024



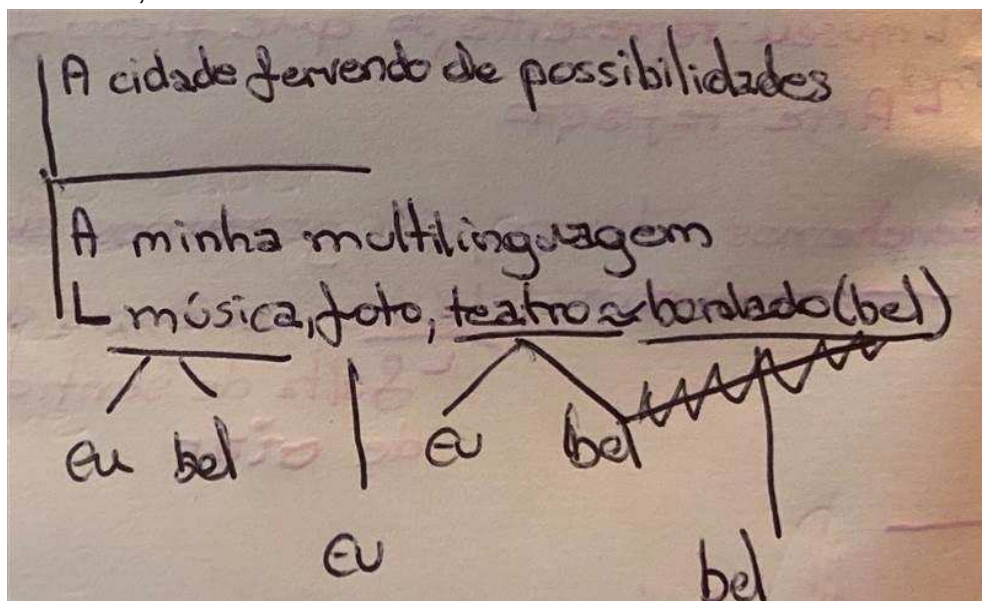
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 55 – Beliza e o bandolim. Fotografia digital, Caucaia, 2021



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 56 – Escritos em caderno de criação. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 57 – Macaúba me esperando na porta de casa em Iparana. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 58 – Detalhes da casa de Beliza e Macaúba. Fotografias em montagem digital. Caucaia, 2021-2024



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 59 – Instrumentos na roda de choro. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 60 – Belzinha me manda um beijo. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



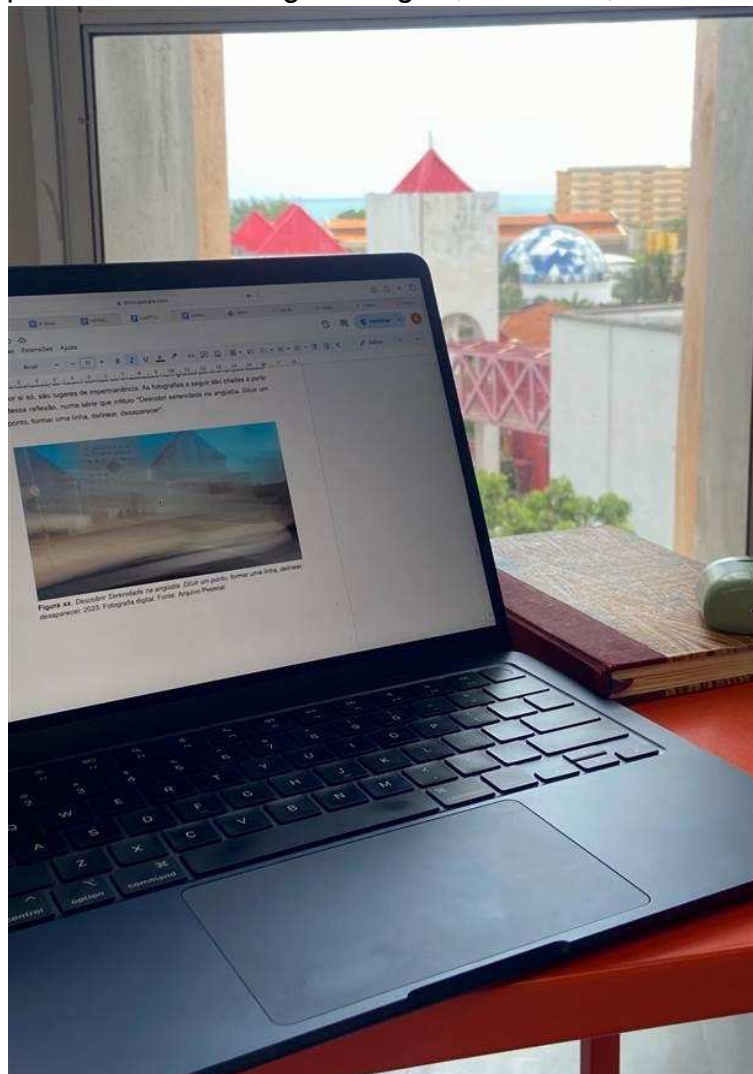
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 61 – O dia que apresentei minha pesquisa para os graduandos durante o estágio de iniciação à docência. Eu tinha acabado de mudar o tema de pesquisa e não tinha ideia do que eu estava fazendo. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 62 – Quando me dei conta, estava de frente para a escrita. Fotografia digital, Fortaleza, 2024



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 63 – Valeu por você existir, amiga. Fotografia digital, Fortaleza, 2023



Fonte: Elaborada pela autora.

7 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, pudemos caminhar pelas minhas vivências compartilhadas com Beliza Guedes e suas reverberações. Nos conhecemos em 2019 em meio ao som do *chorinho* de Macaúba do Bandolim, diplomado Tesouro Vivo da Cultura em 2018 pelo estado do Ceará. Apesar do clima de leveza que parece ser construir permeando um encontro entre amigas, posso afirmar que não foi fácil percorrer os caminhos desta escrita, mas sei que a escrita acontece também nos desafios. É importante salientar que eu não sabia que esses encontros colecionados fariam parte de nenhum tipo de criação, e nem que aquilo seria relevante para uma escrita acadêmica. Mas, aquelas vivências já faziam parte de uma produção de dados, ainda que existissem somente na virtualidade, dados de uma pesquisa que começou a ganhar forma em 2022 (ano de ingresso no Programa de Pós-Graduação em Artes).

Comecei o percurso caminhando em meio a *Tsunamis*, fotografia e ficção, teatro do absurdo, Pirambu; mas, fui dando abertura e espaço para um outro universo cartográfico. Entendi, a partir de Kastrup (2007), que a minha atenção estava em flutuação, e por isso, aberta aos elementos surpresas e longe de uma prévia seleção operada por expectativas próprias. Foi então que, em meio a muitos elementos, Bel foi ganhando maior destaque e presença.

A verdade é que a linearidade aqui apresentada só pôde ser compreendida depois de algum tempo; pois enquanto fragmentos e sensações começavam a tomar conta do meu processo cartográfico, tudo parecia desconectado, sem possibilidade de chegar em canto algum. Essa pesquisa tem caráter rizomático e "um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo" (Deleuze, Guattari, 1995, p. 29), portanto, o ponto de partida não possui nitidez absoluta e foi no contato com o percurso cartográfico que os caminhos ganharam (e ganham) forma; não lineares, sem hierarquias, conectando múltiplos pontos de entrada e saída.

Início esta dissertação discorrendo sobre a potência de nossos encontros nos bares e no ambiente boêmio em geral. Reconheço a alegria que esses "oásis do Ocidente" (Lins, 2013, p. 47) podem nos proporcionar, a força de resistirmos enquanto mulheres num ambiente criado para que homens pudessem ficar entre eles, o encontro de saberes que se faz através da oralidade, e as fugas e viagens

imóveis. "O botequim, no entanto, é, ao mesmo tempo, uma família, um arranjo familiar, um segundo lar, menos sufocante, uma família ideal [...]" (*ibid.*, p. 46) e por que não admitir que, muitas vezes, enxerguei na minha amiga boêmia também um lar?! Percorremos, festejamos, nos encontramos, bebemos, cantamos, dançamos. A partir desses elementos, obtive disparos criativos: um instante guardado na minha memória materializado, cinco anos depois, em uma fotografia digital junto a técnicas de longa exposição e dupla exposição; o mapeamento do nosso percurso por entre bares, criando o desenho de um novo mapa delineado pelo caminho que percorremos juntas e que se une a um áudio de Beliza partilhando suas experiências de vida através da oralidade; e enfim, a criação de cartões postais afetivos, que reafirmaram que a Fortaleza turística e comercial se torna obsoleta para a nossa amizade.

E então olho com atenção para o trajeto que percorro entre a minha casa na Aldeota e a casa dela em Iparana; um percurso de mais de 14 km de extensão que atravessa dez bairros da cidade, cada um com diferenças sociais acentuadas. Atravesso toda a Av. Leste e Oeste até chegar à ponte do Rio Ceará (que conecta Fortaleza e Caucaia); sigo em linha reta pela Av. Ulisses Guimarães por mais alguns poucos quilômetros até chegar na praça de Iparana, onde eu começo a adentrar as ruas do bairro. Este caminho não só me leva ao encontro de uma grande amiga, mas também, apesar de não tão longo, escancara as contradições carregadas por uma cidade com elevado nível de desigualdade social.

Dragão do Mar, Marina Park Hotel, Praia da Leste, Areninha no Pirambu, Ponte sobre o Rio Ceará, Praça da Iparana; esses lugares, encadeados, desenharam o itinerário. Enxergo o trajeto como música e os pontos de parada como acordes musicais. Pouco importa o ressoar de um Sol maior; é preciso que ele venha acompanhado de um si menor com baixo em Fá sustenido, um Lá menor com baixo em Mi, um Ré com sétima e baixo em Fá sustenido, um Sol maior... e assim vai. Cada acorde tem seu tempo próprio de permanência e de caminhada até o próximo acorde. Os lugares mencionados foram fotografados em movimento e em longa exposição, denunciando a velocidade e impermanência do meu olhar que percorre; o políptico que une essas fotografias (Figura 29) cria um panorama desse movimento. A partir disso (e além disso), o borrão formado dilui e esmorece a nitidez das imagens, em alusão ao meu processo de desterritorialização: uma Beatriz (que

sai da Aldeota) se dilui e esmorece, dando espaço para uma outra Beatriz (que chega em Iparana).

Depois de muito percorrer por ruas, avenidas, bares e botequins, chego na casa do Mestre Macaúba e de Beliza em Iparana. Esta pesquisa me fez perceber a casa como um ponto cultura (lugar de intercâmbio entre música, bordados, saberes de tempos longínquos e memória) anexado por vivências boêmias (a festa, a birita, a música que é cantada ou tocada junto). Apesar de não ser reconhecida oficialmente enquanto um Museu Orgânico, defendo que a morada apresenta aspectos que muito se assemelham a esses museus e almejo, com este trabalho, criar movimentos de abertura para esse reconhecimento.

Quando iniciei a lançar o meu olhar sobre os bordados de minha amiga, percebi também que ela pôde olhar com mais carinho e apreço para a sua própria produção. Ela não quer mais que estes estejam escondidos, guardados e amontoados dentro de casa: "eu tenho o sonho de fazer uma exposição com meus bordados" (informação verbal)¹⁰². A organização apresentada em produções artísticas em bordado - por Beliza Guedes, é apenas um primeiro (mas relevante) passo para reconhecer esses bordados enquanto elementos significativos de uma vasta trajetória artística e tornar esse sonho possível.

Os bares, a avenida e a casa são retalhos que, graças à linha da amizade, foram unidos em remendos. Confesso que foi um grande desafio adequar uma pesquisa desse tipo, sobre amizade, na academia. Mas tenho aprendido que a academia também tem espaço para pensamentos desorganizados, textos menos densos, para des-hierarquizar o conhecimento nos livros dos que acontecem em conversas de *botequim*, e para acolher a prática e as vivências como forma de pesquisa.

Recentemente, Beliza passou por alguns problemas relacionados à saúde de seu coração, o que desencadeou um outro ritmo para o nosso encontro: as distâncias que percorremos são mais curtas, o corpo cansa, o álcool já quase não se faz presente, e até mesmo a sua fala se torna mais vagarosa. O passar do tempo me assusta, mas esta escrita é também uma forma de o conter, e, quem sabe, prolongá-lo. "Eu sei que a pressa é inimiga da 'Conceição'¹⁰³, mas eu percebi que não temos muito tempo não, Biazinha, vamos precisar se apressar um pouquinho"

¹⁰² Informação fornecida por Beliza Guedes repetidamente ao longo dos anos de 2022 e 2024.

¹⁰³ Paródia de ditado popular: "a pressa é inimiga da perfeição".

(informação verbal)¹⁰⁴, me falou rindo ao telefone, ao que eu também cedi ao riso, mascarando a dor que carregava essa afirmação, mas esperançosa pelas aspirações de futuro para as quais minha amiga se abriu. Diante dessa pressa, nos dedicamos ao edital de seleção lançado pela Secretaria de Cultura do Ceará (SECULT), o XIII Edital Tesouros Vivos da Cultura do Ceará, a escolher 12 Mestres e Mestras da Cultura no Estado.

¹⁰⁴ Informação fornecida por Beliza Guedes em junho de 2024.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Etarismo**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/etarismo>. Acesso em: 12 jun. 2024.

ALEXANDRE, Paulo. **Zé Pelintra**: o malandro sagrado das ruas e dos terreiros. 2023. Disponível em: <https://historiablog.org/2023/07/08/ze-pelintra-o-advogado-dos-pobres-e-patrono-dos-malandros-na-umbanda-e-no-catimbo/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

ARAGÃO, Jorge. **Coisa de Pele**. Em: Coisa de Pele: RGE, 1986.

BANDOLIM, Jacob do. **Doce de coco**. 1951. Disponível em: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/jacob-do-bandolim-cd-02>. Acesso em: 12 jun. 2024.

BARBOSA, Lucas. **Facção criminosa no Ceará**: uma breve história dessas organizações em Caucaia. Jornal O Povo, 2023. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/caucaia/2023/10/02/facao-criminosa-no-ceara-uma-breve-historia-dessas-organizacoes-em-caucaia.html>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BARRETO, Raquel de Oliveira; CARRIERI, Alexandre de Paula; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O rizoma de Deleuze-guattariano nas pesquisas em estudos organizacionais. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/J3Xkzp43F43qC6SxgTgq8nP/?format=pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BEZERRA, Juliana. **Umbanda**. 2011. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/umbanda/#google_vignette. Acesso em: 12 abr. 2024.

BORGES, Messias. Geografia do crime: áreas de Fortaleza com piores IDHs concentram maior número de homicídios. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2 de nov. 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/geografia-do-crime-areas-de-fortaleza-com-piores-idhs-concentram-maior-numero-de-homicidios-em-2020-1.3057840#>. Acesso em: 6 jun. 2024.

BRANCO, Maria João Mayer. **"Os mundos artísticos" do sonho e da embriaguez, em arte e filosofia no pensamento de Nietzsche**. Dissertação (Doutoramento em Filosofia) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

CAMPOS, Alysso Lemos. **Incorrigíveis**: teatro, festa e carnaval em uma poética pícara. 2020. 121f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Artes, Fortaleza, 2020.

CAVALCANTE, Luiza Helena Amorim. Entre práticas e afetos: o Minimuseu Firmeza e a história da arte no Ceará. *In*: SCHIAVON, Carmen G. Burget; NERY, Olivia Silva; CARDOZO, José Carlos da Silva; FELONIUK, Wagner; SILVEIRA, Luana Pereira da (Orgs). **Patrimônios em perspectivas**: histórias, memórias e identidades. Porto Alegre: Casalettras, 2021.

COSTA, Daniel Santos; PEREIRA, Sayonara. **O corpo é uma festa!**: reflexões em torno da oralidade brasileira. *Ilinx: Revista do Lume*, n. 10, p. 88-98, 2016. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002865958.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

COSTA, Luciano Bendin da; AMORIM, Alexandre Sobral Loureiro. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 14, n. 3, p. 912-933, dez. 2019. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DADOS ABERTOS FORTALEZA. **Desenvolvimento humano por bairro de Fortaleza**. Fortaleza, 2022. Disponível em: <http://dados.fortaleza.ce.gov.br>. Acesso em: 21 jun. 2024

DAMASCENO, P. A. **Barra do Ceará comemora 419 anos de história**. Diário do Nordeste, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/pa-damasceno/barra-do-ceara-comemora-419-anos-de-historia-1.3396473>. Acesso em: 23 mar. 2024.

DELLAGNEZZE, René. Enclave - demarcação contígua de área indígena e a decisão do Supremo Tribunal Federal do Brasil. **Revista FACITEC**, Brasília, v. 7 n. 2, 2016. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/e-revistafacitec/article/view/1806/1442>. Acesso em: 23 mar. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Edição 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DIDI-HUBERMAN, George. **Sobre o fio**. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019. 96 p.

DEPRAZ, Nathalie; VARELA, Francisco J.; VERMERSCH, Pierre. **On becoming aware**: a pragmatic of experiencing. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2003. p. 281.

DUARTE, Mauro; PINHEIRO, Paulo César. **Samba de botequim**. 1989. Disponível em: <https://receitadesamba.com.br/mauro-duarte-e-paulo-cesar-pinheiro/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Ofício de Artes e Forma).

ENTLER, Ronaldo. A fotografia e as representações do tempo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 14, p. 29-46, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1485/956>. Acesso em: 8 jun. 2024.

FASSIN, Eric. Same sex, different politics: Gay marriage debates in France and the United States. **Public Culture**, v. 13, n. 2, p. 215-232, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. [tradução do autor]. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumara, 2009.

FRANCO, Patrícia dos Santos. Cartões postais: o real e o imaginário nas entrelinhas da imagem turística. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2., 2004, Caxias do Sul. **Anais** [...]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2004. p. 1-16. Disponível em: <https://www.uces.br/site/midia/arquivos/63-cartoes-postais.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

GIRÃO, Ivna Nilton Marques; HONÓRIO, Erotilde. Cartões postais e os guardiões da memória: representação da imagem urbana de fortaleza na primeira metade do século XX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1739-1.html>. Acesso em: 18 jun. 2024.

GONZAGUINHA. **Mesa de bar**. Em: Alcione - Fogo da Vida: RCA Victor, 1985.

GOOGLE MAPS. **Percurso entre o bairro Aldeota até a Praia de Iparana**. 2024. Disponível em: https://www.google.com/maps/dir/Aldeota,+Fortaleza+-+CE/Praia+De+Iparana,+Rua+Falber+Cristino,+253-377+-+Iparana,+Caucaia+-+CE,+61627-290/@-3.7181111,-38.6423309,12z/data=!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7c7488b96a82613:0x4237c6ffccb3a203!2m2!1d-38.4996621!2d-3.7401793!1m5!1m1!1s0x7c7357b15555555:0xc5aada2b026aa764!2m2!1d-38.6201992!2d-3.6924156?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI0MTEwNS4wIKXMDSoASAFQAw%3D%3D. Acesso em: 20 jul. 2024.

GOOGLE STREET VIEW. **Mapas mais vivos com imagens**. 2024. Disponível em: <https://www.google.com/streetview/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

GRECO, Alexandre; ERNESTO, João. **Saideiras**: crônicas afetivas dos bares de

Fortaleza. Fortaleza: Radiadora, 2019. 64 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Caucaia**. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/caucaia/panorama>. Acesso em: 15 jun. 2024.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia (org.). **Pistas do método cartográfico**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. cap. 2, p. 32-51.

KETI, Zé; ROCHA, Hortênsio. **Diz que fui por aí**. 1964. Disponível em: <https://museudacancao.blogspot.com/2012/11/diz-que-fui-por-ai.html>. Acesso em: 23 jun. 2024.

LINS, Daniel. **O último copo**: álcool, filosofia e literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LUSTOSA, Jacqueline Pires Gonçalves . **Quantificação e Avanço do Mar em Iparana-CE**. Anais do III Simpósio Nacional de Geomorfologia, Campinas, p. 113, 2000.

MACAÚBA: peito, corda e coração. Direção: Maria Vitória. Coletivo Zanzulim. Teatro Dragão do Mar, Fortaleza, 15 de agosto de 2023.

MAIA, Geimison. Parque Araxá: o bairro conhecido pela água com poderes medicinais. **O Povo** [on-line], Fortaleza, 23 de maio de 2013. Disponível em: www.opovo.com.br. Acesso em: 17 ago. 2023.

MAPA CULTURAL. **Mercado dos Pinhões**. Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/84/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugares de memória. **Letras**, Santa Maria, v, 25, p. 55-71, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 17 ago. 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7893205/mod_resource/content/1/Leda%20Maria%20Martins%20performances-do-tempo-espiralar.pdf. Acesso em: 17 ago. 2023.

MONTEIRO, Altemar Gomes. **Caminhares periféricos**: nós de teatro e a potência do caminhar no teatro de rua contemporâneo. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24251/1/2017_dis_agmonteiro.pdf. Acesso em: 23 jun. 2024.

NARDI, Henrique Caetano. Comparar. *In*: FONSECA, Tania Mara Galli; MARASCHIN, Cleci; NASCIMENTO, Maria Lívia do (org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NOBRE, Leila. **A beleza do Mercado dos Pinhões**. Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2015/12/a-beleza-do-mercado-dos-pinhoes.html>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NUNES, Sebastião; OLAVO, Raimundo. **Formiga**. Intérprete: Ary Cordovil. Em: Samba é Assim, 1958. Inter CD Records, 2000.

PREFEITURA DE CAUCAIA. **Organização territorial**. 2019. Disponível em: <https://www.caucaia.ce.gov.br/publicacoes.php?id=1654>. Acesso em: 23 jun. 2024.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Nota de pesar**: Tarcísio Sardinha. Fortaleza. 2022. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/o-compositor-e-multi-instrumentista-cearense-tarcisio-sardinha-estava-internado-em-hospital-da-capital-cearense-desde-janeiro-2>. Acesso em: 12 ago. 2023.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Prefeito José Sarto entrega requalificação da Areninha do Pirambu**. Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeito-jose-sarto-entrega-requalificacao-da-areninha-pirambu>. Acesso em: 14 mar. 2024.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Prefeitura de Fortaleza entrega projeto Beira-Rio da Barra do Ceará**. Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-entrega-projeto-beira-r io-na-barra-do-ceara>. Acesso em: 12 mar. 2024.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Teatro Municipal de São José**. Fortaleza, 2019. Disponível em: fortaleza.ce.gov.br. Acesso em: 23 ago. 2023.

RABINOVICI, Andrea; ALLIS, Thiago; SANTOS, Júnior dos. “E vai prestar esse museu lá em casa?": reflexões sobre a experiências dos museus orgânicos na Chapada do Araripe, CE. 2023. **Cultur**, v. 17, n. 2, nov. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/3892/2505>. Acesso em: 21 abr. 2024.

RODRIGUES, Natália. **Partido Comunista Brasileiro Revolucionário**. [2020]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/partido-comunista-brasileiro-revolucionario/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina: UFRGS, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 3. ed. São Paulo: FAPESP; ANNABLUME, 2007. 168 p.

SARDINHA, Tarcísio. Concerto para violão e vida: vivências sonoras de um homem transformado em musicalidade pura. **Revista Entrevista**, Fortaleza, n. 25, p. 50-71, mai. 2011. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36182/1/2011_art_tsardinha.pdf. Acesso em:

SARDINHA, Tarcísio. **Fim de tarde**. Em: Brasileirando: Caucaia, CD+, 2000. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XLzv9C_wdao. Acesso em: 13 jun. 2024.

SCIALOM, Melina; FERNANDES, Ciane. Prática artística como pesquisa no Brasil: algumas reflexões iniciais. **Revista de Ciências Humanas**, v. 22, n. 2, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/14230>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SESC. **Museus orgânicos**. Fortaleza, 2021. p. 61. Disponível em: https://www.sesc-ce.com.br/post_livro/museus-organicos/. Acesso em: 16 jun. 2024.

SILVA, Daniel Neves. **Ditadura militar no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/ditadura-militar-no-brasil.htm>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TORRES, Wigler. **TV Verdes Mares exhibe especial “Sardinha eterno”**. TV Verdes Mares [on-line]. Fortaleza, 20 de dezembro de 2022. Disponível em: redeglobo.globo.com/tvverdesmares. Acesso em: 14 ago. 2023.

TV CEARÁ. **Memória e verdade**: entrevista com a cearense Beliza Guedes. Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTXv2O7zaPc&t=8s>. Acesso em: 28 jun. 2024.

VIANA, Theyse. Ponte da Barra do Ceará faz 25 anos entre mudanças na paisagem e na rotina local. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/ponte-da-barra-do-ceara-faz-25-anos-entre-mudancas-na-paisagem-e-na-rotina-local-1.3285200>. Acesso em: 25 mar. 2024.

WELMA, Jéssica. **Reportagem sobre bairro de Fortaleza com IDH similar ao de países africanos vence o 6º Prêmio Fecomércio de Sustentabilidade na Categoria Jornalismo**. Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://www.fecomercio.com.br/noticia/reportagem-sobre-bairro-de-fortaleza-com-idh-similar-ao-de-paises-africanos-vence-o-6o-premio-fecomercio-de-sustentabilidade-na-categoria-jornalismo>. Acesso em: 23 jun. 2024.

WIKIPÉDIA. **Ficheiro**: bairros e divisões de Fortaleza. 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bairros_e_divisões_de_Fortaleza_%28Frame%29.svg. Acesso em: 18 jul. 2024.